

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

Quinta da Graça: dos Eremitas aos Atletas

Gonçalo Filipe Martins Morujo Grácio

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores:

Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Associado  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020





TECNOLOGIAS  
E ARQUITETURA

---

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

Quinta da Graça: dos Eremitas aos Atletas

Gonçalo Filipe Martins Morujo Grácio

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores:

Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Associado  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa



## AGRADECIMENTOS

À Professora Paula André pelo acompanhamento incansável que prestou ao longo deste ano, pelas diretrizes e pela boa disposição constante.

Ao Professor José Luís de Saldanha pela permanente partilha de conhecimento, pela confiança, pela dedicação e pelas palavras.

Aos meus pais pelo suporte que sempre representaram, pela educação e disciplina que sempre me incutiram, e pela motivação.

A todos aqueles que ao longo destes anos contribuíram para que este dia chegasse.

Obrigado.

## RESUMO

Com o objetivo de criar um polo do curso de dança da Faculdade de Motricidade Humana na Quinta da Graça, realizou-se uma análise histórica do Vale do Jamor que remonta ao século XVI, com as primeiras ocupações feitas pelas instalações conventuais, como o Convento de Santa Catarina, da Boa viagem e mais tarde o Convento da Graça. Este último, após a extinção das ordens religiosas em 1834 foi adquirido por José Manuel Machado que nos seus resquícios edifica a Quinta da Graça, correspondendo a uma época em que surgem as primeiras quintas de recreio ao longo do vale, atribuindo-lhe um carácter de veraneio associado também à exploração agrícola. Nos anos 30 do século passado, o Estado Novo expropria diversas propriedades ao longo do vale, incluindo a Quinta da Graça, para levar a cabo a construção do Estádio Nacional, o que implicou a demolição da maior parte das quintas. A presença dos vários resquícios revelam as vicissitudes do vale, conferindo-lhe uma atmosfera fortemente marcada por estas fases - instalações conventuais; quintas de recreio; complexo desportivo. No decorrer do século passado, a Quinta da Graça foi sucessivamente descaracterizada e deturpada para dar continuidade ao crescimento do Complexo Desportivo do Jamor, não só na sua envolvente como também no interior do palácio, onde ocorreu um incêndio em 1993 que o transformou em ruína.

Convocaram-se autores que na sua obra manifestaram posições relativamente às políticas e aos conceitos de conservação. Com opiniões antagónicas entre si, uns defendem um lado mais conservador e nostálgico manifestando-se numa vertente mais romântica, enquanto que outros apoiam uma forma despojada e racionalista, voltada para um desenvolvimento linear do progresso. Surgem as figuras de John Ruskin que considera que um edifício é intocável, sendo preferível manter uma ruína do que tentar restaurá-la e de Viollet-le-Duc, que defende que se deve compreender a linguagem a que o edifício pertence, o seu momento histórico e a sua época, para que se consiga restituir o seu estado original. Também se convocaram diversos autores que ao longo dos séculos basearam a sua obra no tema da ruína, como Giovanni Battista Piranesi, Eduardo Souto de Moura, Erik Gunnar Asplund e Alvar Aalto.

Em articulação com o estudo teórico realizado, fez-se uma viagem, sobretudo pelo norte de Portugal, onde se analisaram obras cuja temática ia ao encontro do projeto na Quinta da Graça: uma intervenção numa pré-existência que agora entra em diálogo com um corpo contemporâneo. Visitaram-se projetos como o Mosteiro de Flor da Rosa, a Herdade de Torre de Palma, as Ruínas Romanas de São Pedro do Sul, o Museu Abade Pedrosa, o Mosteiro de Santa Marinha da Costa, o Mosteiro de Santa Maria do Bouro, a Escola Agrária de Ponte de Lima, a ruína no Gerês e o Vidago Palace. Através desta viagem foi possível comprovar a importância da contaminação entre o estudo teórico e a prática de arquitetura, revelando-se neste ensaio no formato de um diário composto por fotografias, desenhos e texto.

O projeto desenvolvido na Quinta da Graça aglutina todo o conhecimento adquirido, manifestando-se em diversas decisões de projeto. A proposta procura responder às necessidades dos alunos do curso de dança, dotando a faculdade de condições necessárias à sua prática. Para isto dividiu-se o projeto em duas partes - uma intervenção no edifício da quinta onde se inserem os estúdios e os espaços que são mais privados e num edifício novo, os espaços sociais, compostos por uma sala de estudo e por uma sala de convívio. O projeto passou também por uma intervenção na envolvente da quinta, onde foi criado um anfiteatro, uma cafetaria, umas instalações sanitárias bem como um arranjo na arborização em seu redor. Por uma das maiores problemáticas levantadas pelos alunos se tratar da dificuldade de acessos entre a faculdade e o Jamor, que para quem faz frequentemente esta transição imposta pelas aulas nas infra-estruturas do complexo desportivo se torna uma dificuldade, são criados vários percursos que estabelecem a diferença de cotas. Estes percursos relacionam-se com o programa proposto e resolvem diversas dissonâncias na envolvente da quinta.

**Palavras-chave:** Quinta de Recreio / Ruína / Jamor / Escola de Dança

## ABSTRACT

In order to create a pole for the dance course at the Faculdade de Motricidade Humana in Quinta da Graça, a historical analysis of Vale do Jamor that dates back to the 16th century was carried out, with the first occupations carried out by convent facilities, such as the Convento of Santa Catarina, Boa Viagem and later the Convento da Graça. This last, after the extinction of religious orders in 1834, was acquired by José Manuel Machado who builds Quinta da Graça in its remains, corresponding to a time when the first recreational farms along the valley, giving it a summer character associated also with agricultural exploitation. In the 1930s, the Estado Novo expropriated several properties along the valley, including Quinta da Graça, to carry out the construction of the Estádio Nacional, which involved the demolition of most of the farms. The presence of the various remnants reveals the vicissitudes of the valley, giving it an atmosphere strongly marked by these phases - convent facilities; recreational farms; sports complex. Over the past century, Quinta da Graça has been uncharacterized and distorted, to continue the growth of the Complexo Desportivo do Jamor, not only in its surroundings but also inside the palace, where a fire occurred in 1993 that transformed it into ruin .

Authors were summoned who in their work expressed positions regarding conservation policies and concepts. With opposing opinions, some defend a more conservative and nostalgic side manifesting themselves in a more romantic aspect, while others support a stripped and rationalist way, aimed at a linear development of progress. Here are the figures of John Ruskin who considers a building to be untouchable, preferring to maintain a ruin than trying to restore it and Viollet-le-Duc, who argues that one must understand the language to which the building belongs, its historical moment and its time, in order to restore its original state. Several authors are also summoned who, over the centuries, based their work on the theme of ruin, such as Giovanni Battista Piranesi, Eduardo Souto de Moura, Erik Gunnar Asplund and Alvar Aalto.

In conjunction with the theoretical study carried out, a trip was made, mainly to the north of Portugal, where works were analyzed whose theme was to meet the project at Quinta da Graça: an intervention in a pre-existence that now enters into dialogue with a contemporary building. Projects such as the Flor da Rosa Monastery, the Torre de Palma Estate, the Roman Ruins of São Pedro do Sul, the Abade Pedrosa Museum, the Monastery of Santa Marinha da Costa, the Monastery of Santa Maria do Bouro, Ponte de Lima Agrarian School, the ruin in Gerês and the Vidago Palace. Through this trip it was possible to prove the importance of contamination between the theoretical study and the practice of architecture, revealing itself in this essay in the format of a diary composed of photographs, drawings and text.

The project developed at Quinta da Graça brings together all the knowledge acquired, manifesting itself in several project decisions. The proposal seeks to respond to the needs of students of the dance course, providing the faculty with the necessary conditions for its practice. To this end, the project was divided into two parts - an intervention in the farm building where the studios and spaces that are more private are inserted and in a new building, the social spaces, consisting of a study room and a social room . The project also underwent an intervention in the farm's surroundings, where an amphitheater, a cafeteria, some sanitary facilities were created and an arrangement was made in the surrounding trees. Because one of the biggest problems raised by students is the difficulty of access between the college and Jamor, which for those who frequently make this transition imposed by classes in the infrastructures of the sports complex becomes a difficulty, several paths are created that establish the difference in quotas, which relate to the proposed program and which resolve various dissonances in the Quinta's surroundings.

**Keywords:** Recreational Farms / Ruin / Jamor / Dance School

## ÍNDICE

<b>Agradecimentos</b>	i
<b>Resumo</b>	ii
<b>Abstract</b>	iii

<b>Apresentação</b>	
Enunciado de PFA	10

<b>Introdução</b>	
Tema	11
Objetivos	11
Estado da arte	12
Metodologia	14
Estrutura	14
Contributos	15

### I

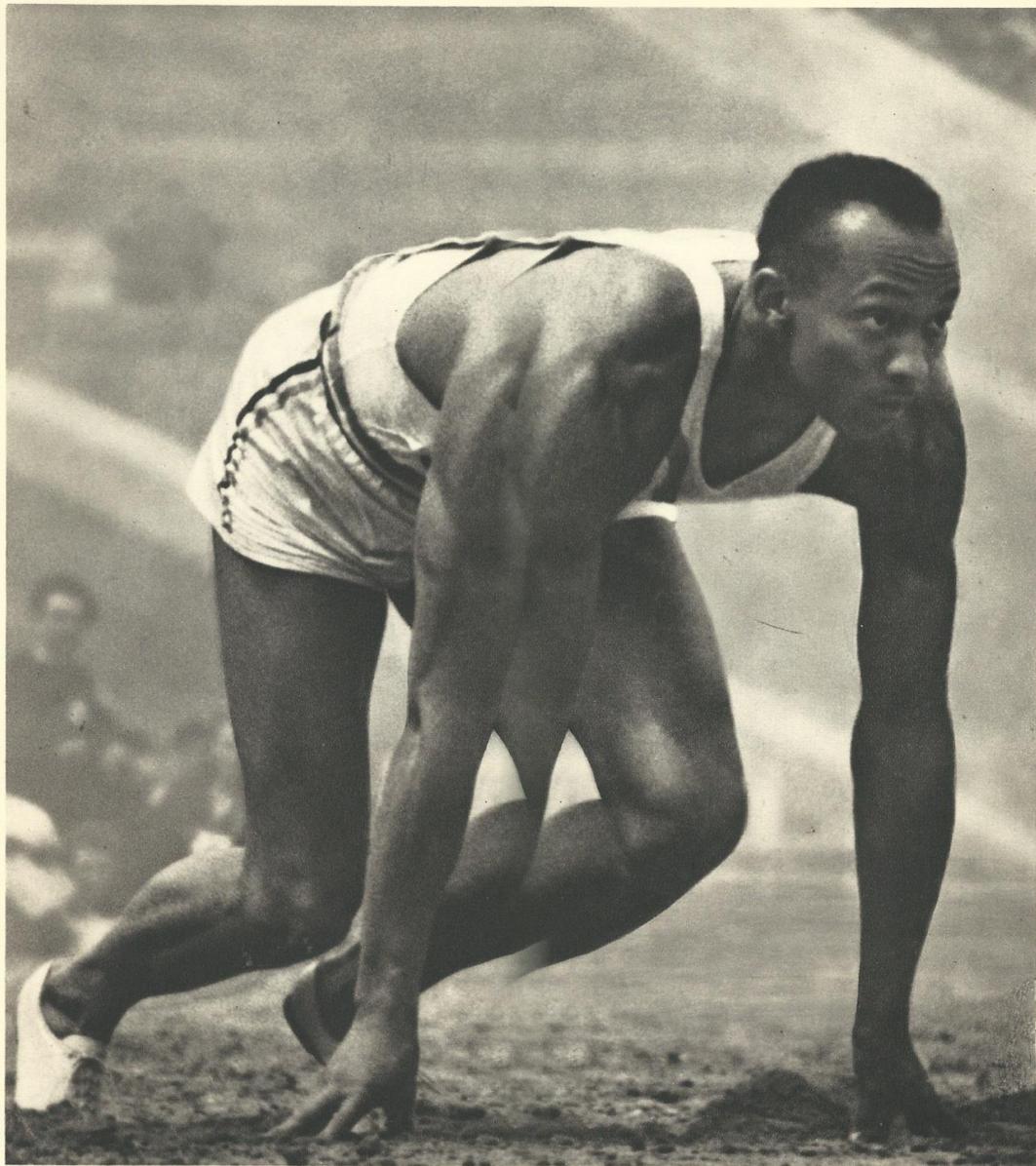
<b>Cruz Quebrada - Identidade e Palimpsesto</b>	
Estádio Nacional	16
Instalações conventuais	18
Quintas de recreio	20
Quinta da Graça de ontem	22
Quinta da Graça de hoje	30

### II

<b>Intervenção na pré-existência</b>	
Ressonâncias da ruína	34
Conceitos e políticas de conservação	38
Diário de viagem	44

### III

<b>Projeto</b>	
Projeto	106
Considerações finais	132
Bibliografia	133
Anexos	135



Jesse Owens, der schnellste Mann der Welt  
Jesse Owens, l'homme le plus rapide au monde  
Jesse Owens, the world's fastest man  
Jesse Owens, el hombre más veloz del mundo  
Jesse Owens, l'uomo più veloce del mondo

68

**Jesse Owens** - fonte: enunciado de PFA 2020.

## APRESENTAÇÃO

“Os principais eventos desportivos internacionais têm vindo a estreitar a sua realização a cada vez menos palcos e países do Mundo, em consequência dos grandes investimentos que implicam, dificilmente ao alcance de países de menor recursos e dimensão.”<sup>1</sup>

Os Jogos Olímpicos 2021 ocorrerão em Tóquio, à semelhança do que teria acontecido em 1940 caso a 2ª Guerra Mundial não o tivesse impedido, contudo, é sabido que houve a hipótese de se realizar em Lisboa com o epicentro no vale do Jamor.<sup>2</sup> O enunciado do trabalho propõe que a edição de 2020, contrariamente ao que é a tendência dos Jogos Olímpicos ao ocorrerem apenas em cidades de grande dimensão, aconteçam em Lisboa, em diversos núcleos, sendo o principal o Complexo Desportivo do Jamor. Para tornar possível este evento, elaborou-se uma proposta em grupo de modo a dotar o Jamor de condições para acolher os jogos, pensando se os equipamentos existentes e o desenho do espaço público respondem às necessidades que estão implícitas num evento desta escala, assim como quais os desportos que deveriam permanecer no Jamor, considerando que os restantes seriam noutros locais.

A maior preocupação passou por garantir que após os Jogos Olímpicos as infra-estruturas criadas, que representam investimentos avultados, não se tornariam obsoletas nem desnecessárias. Estudaram-se edições anteriores, onde se verificou que os Jogos Olímpicos de Barcelona de 1992 foram exemplares no modo como o evento contribuiu para o desenvolvimento e para o desenho da cidade, assim como na maneira de a cidade se adaptar e reutilizar as infra-estruturas criadas para os jogos. Para que o mesmo acontecesse no Jamor, pensou-se que melhorias seriam necessárias de modo a dar condições não só aos atletas de alto rendimento como também a um público alvo mais informal.

A zona de intervenção apresenta várias condicionantes que influenciaram a escolha de certas implantações dos campos, sendo a principal as zonas ameaçadas pelas cheias, mas também as áreas com risco de erosão, as escarpas e outras áreas de elevada susceptibilidade geológica.

Para uma maior integração do vale do Jamor na cidade, prolongou-se a linha de metro com base numa proposta já existente até à Cruz Quebrada, assim como a activação da linha do eléctrico proveniente de Belém e do redesenho da estação de Comboios da Cruz Quebrada, permitindo uma ligação mais fluída ao aeroporto e uma ligação mais eficiente entre a linha de comboio de Sintra e de Cascais. Dada a dimensão de um evento como os Jogos Olímpicos, torna-se impossível pensar o Jamor sem pensar a frente ribeirinha. Aqui, a intervenção passou por restituir o carácter remanescente do local através de uma maior relação com a água, criada pela reposição da praia da Cruz Quebrada, pela criação de uma piscina de saltos que após os jogos reverte como piscina oceânica e também pela introdução da prática de canoagem no rio Tejo. Prolongou-se o passeio marítimo e criou-se habitação que durante os jogos serve os atletas. No Jamor a intervenção procura manter os desportos existentes, dotando-os das condições necessárias à sua prática sem causar um grande impacto e mudar as características do vale. Implantaram-se os campos de treino ao longo do vale de modo a permitir uma permeabilidade quer física, quer visual ao longo do mesmo. As bancadas do Estádio Nacional sofrem uma ampliação de modo a permitir um maior número de espectadores, a piscina olímpica é redesenhada e implanta a nascente da Quinta do Balteiro criando uma nova entrada no Jamor que se relaciona com Linda-a-Velha, o Centro de Alto Rendimento é aumentado para dar resposta às necessidades da prática de atletismo, passando dos actuais 60 metros para 200 metros e é criada uma nova arena de ténis de maior dimensão. Não só em prol dos Jogos Olímpicos, mas sobretudo na tentativa do evento contribuir para a qualidade de vida das pessoas que todos os dias frequentam o Jamor, a Faculdade de Motricidade Humana, que tanto usufrui do Complexo Desportivo, é reabilitada e é feita uma intervenção individual na Quinta da Graça que estabelece a mediação e a transição entre a faculdade e o Jamor, cuja presença afirmativa e sobranceira ao vale denuncia a importância histórica e social que teve no Jamor.

---

<sup>1</sup> Enunciado do trabalho, em anexo.

<sup>2</sup> CRUZ, André. **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto. Miguel Jacobetty Rosa e a sua época.** Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. P. 44

## INTRODUÇÃO

### Tema

No âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, do ano lectivo 2019/2020, do ISCTE-IUL (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresas - Instituto Universitário de Lisboa), elaborou-se o seguinte trabalho: **Quinta da Graça** - dos Ermitas aos Atletas.

Perante o cenário da realização de uma edição dos Jogos Olímpicos surge a intenção de criar uma proposta que mais do que servir os jogos, melhore a qualidade de vida no dia-a-dia dos cidadãos comuns, que aliada ao facto de identificar algumas problemáticas dos alunos da Faculdade de Motricidade Humana, levaram à escolha de uma intervenção na Quinta da Graça. Possuidora de um elevado valor histórico, secular, e de uma presença que se impõe de uma forma afirmativa e sobranceira perante o vale, encontra-se neste momento numa fase de degradação profunda. Causada pelas constantes intervenções após a sua expropriação, atingiu o estado em que se encontra sobretudo devido a um incêndio ocorrido no final do século. Para que um determinado edifício possa voltar a ser utilizado, através de um processo de projeto que parte de uma preexistência, na maioria dos casos o uso que lhe é atribuído é diferente do uso original. A história da arquitetura é constituída por diversas teorias que formulam critérios e métodos que actualmente continuam válidos, como o caso da refuncionalização, que confere a possibilidade de novos usos aos edifícios devolutos, contribuindo para a sua integração nos novos modos de vida contemporâneos estabelecendo uma lógica de continuidade e de regeneração com base na memória individual e coletiva.

Conforme António Pontes e João Varela referem num trabalho elaborado sobre a casa do Gerês do arquiteto Eduardo Souto de Moura, “as ruínas são formas que nos remetem para o passado, não têm necessariamente que lhes pertencer, cumprem a função de ligar o passado ao presente e assim suportam as culturas, necessitam de uma memória, de uma história.”<sup>3</sup>

Ao trabalhar com uma preexistência torna-se indissociável pensar o modo como se aborda a mesma. Nos dias de hoje, em que a reabilitação do património tem vindo a adquirir importância, sendo que na maioria dos casos comprometem não só o edifício original de uma forma formal, mas sobretudo porque deturpam o seu carácter, importa perceber qual a posição a tomar. Neste âmbito, aliado ao gosto e interesse pela história da arquitetura, que é fundamental na abordagem de edifícios antigos, este estudo para além da componente de análise histórica, dedica-se aos processos de intervenção no património, com o objetivo de os reintegrar na cidade, atribuindo-lhes um novo uso.

### Objetivos

Após uma breve introdução do tema, cabe enunciar os objetivos que orientam o estudo, sendo o primeiro uma contextualização histórica da Cruz Quebrada, desde as primeiras ocupações no território pelos conventos que existiram, mais tarde com o surgimento das quintas de recreio atribuindo um carácter mais lúdico e de veraneio, como o caso do objeto de estudo em específico, o aparecimento da linha de comboio até Cascais que com ela trouxe as primeiras fábricas, até por fim, no período do Estado Novo a introdução do carácter desportivo ao vale do Jamor com a criação do Estádio Nacional e o respectivo complexo desportivo. Após esta contextualização histórica do território, pretende-se começar a focar mais no objeto de estudo ao abordar o conceito de quinta de recreio e os elementos que a constituem para que, após esta abordagem mais geral e abrangente se possa estudar a Quinta da Graça em concreto. Aqui, ainda que seja difícil definir uma data exata por escassez de informação, remonta-se vários séculos atrás para abordar desde a Ordem Religiosa que habitou o convento que existira onde hoje se encontra a Quinta da Graça, pertença da Ordem de Santo Agostinho, até à edificação da quinta e por fim o seu declínio.

Num segundo momento, perante este cenário de degradação profunda em que a quinta se encontra, e perante a necessidade de uma intervenção de recuperação, estuda-se o conceito de património e as diversas teorias elaboradas por críticos, arquitetos e historiadores de como se deve abordar e como se deve reabilitar, sendo este estudo fundamental para o projeto de arquitetura a desenvolver. Neste momento surgem também exemplos de projetos com este tipo de intervenções, de preferência em que ocorra um diálogo com uma intervenção contemporânea.

Por fim, após este estudo sobre intervenções em preexistências, com base no conhecimento adquirido surge uma explicação do projeto executado na Quinta da Graça. Aqui, dada a proximidade da

---

<sup>3</sup> PONTES, António; VARELA, João - **Reconversão de uma ruína no Gerês**. Évora: UE, 2012 - 2013. P. 3

quinta à Faculdade de Motricidade Humana, ao facto de lhe pertencer e à reabilitação que lhe é feita na proposta de grupo, teve-se como objetivo que o programa a adotar relacionasse e integrasse com a mesma, mas que paralelamente a isso pudesse ser também utilizado por quem frequenta o Jamor. Pelo facto de ser a única faculdade em território nacional a possuir o curso de dança e por actualmente se encontrar com uma grande necessidade de novas instalações, surge a proposta de criar na Quinta da Graça um polo específico de dança que responda às necessidades exigidas pelos alunos, mas que paralelamente a isso possa ser utilizado também por grupos de dança exteriores à faculdade que queiram utilizar os estúdios da mesma. Na tentativa de manter o *Genius Loci*, procurou-se restituir o carácter lúdico a que a história daquele sitio remonta. Com o incêndio ocorrido em 1993 apenas restam as paredes exteriores, mas dada a vivência que ainda é sentida no local a intervenção, apesar da quinta não se tratar de um monumento classificado pretende valorizá-la. Para isto, começou-se por identificar o que pertencia ao projeto inicial da quinta, desde o edificado em anexo aos muros de contenção, valorizando estes mesmos elementos através da sua reabilitação e repensando a necessidade dos restantes, que na maioria dos casos desvirtuavam o projeto inicial. Com a falta de área houve a necessidade de construir um novo edifício onde se procurou respeitar o existente sem o sobrepor. Aqui, a intervenção diferencia-se do desenho existente mas de forma silenciosa e anónima, que tenta melhorar a compreensão do desenho original, como refere William J. R. Curtis - “Este é o poder da verdadeira arquitetura: falar silenciosamente e despertar os sentidos e a mente.”<sup>4</sup>. Concebida como obra contemporânea mas que se insere ao existente como peça conclusiva de um processo que se iniciou no convento revelando a sua intemporalidade, aborda a dimensão histórica da arquitetura e o valor da memória.

## Estado da Arte

A investigação realizada permitiu constatar que existem diversas referências ao tema da reabilitação e conservação arquitetónica abordadas sob diferentes perspetivas, várias fontes de documentação relativas à historiografia da Cruz Quebrada, no entanto, em contrapartida muito pouco conteúdo acerca da Quinta da Graça dado que grande parte da informação se encontrava na biblioteca dentro do próprio edifício até ter ardido. Em geral, para a realização do trabalho foram consultados não só trabalhos académicos como teses e dissertações, mas também livros e artigos.

Relativamente à história da quinta foi fundamental o estudo de três dissertações de mestrado, como o caso da Natacha Lourenço, que na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa em 2019 apresentou *Requalificar e Reabilitar a Quinta da Graça: Entre o Rio e a Ruína*<sup>5</sup>. A dissertação começa com uma fotografia da estação de comboios da Cruz Quebrada que nos remete desde início para a área de estudo. A fotografia é acompanhada de um texto de Sophia de Mello Breyner Andresen que fala da hora de partida, a partir de aqui é abordado o tema das quintas de recreio, os conceitos de ruína, memória, património edificado, arquitetónico e as suas estratégias de reabilitação. Esta dissertação torna-se fundamental, não só por em seguida abordar a Quinta da Graça, mas porque ao falar dos temas referidos anteriormente contribui para o estudo e compreensão dos mesmos. São estudadas práticas, necessidades e expectativas da população residente na envolvente do Parque Urbano do Jamor e dos seus utilizadores, pesquisa essa que depois é alargada à freguesia da Cruz-Quebrada e Dafundo com vista a definir uma estratégia de intervenção a partir das necessidades do lugar e das pessoas.

Também sobre o mesmo local, destaca-se a dissertação para a obtenção de grau de Mestre do António Martins, que em 2010 na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa apresentou *Reabilitação da Quinta da Graça para “Hotel de Charme”*<sup>6</sup>. Como o próprio nome indica, o projeto patente neste trabalho consiste na criação de um hotel de charme que procura aliar-se à qualidade que o vale do Jamor tem e à possibilidade de práticas desportivas, para isso, é estudada de forma aprofundada a envolvente, nomeadamente os espaços verdes detalhando toda a vegetação e arborização. Grosso modo, a dissertação consiste muito em redor do tema dos equipamentos turísticos, quer pelo exemplo que é retratado (Pousada Santa Marinha da Costa), quer por todo o enquadramento teórico acerca desta atividade, desde a sua origem ao seu desenvolvimento. Embora de uma forma menos detalhada do que a dissertação da Natacha

---

<sup>4</sup> CURTIS, William J. R. – **Memória e Criação: O Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição**. José António Bandeirinhas, editor literário – Fernando Távora, Modernidade Permanente. Porto: Casa da Arquitetura. 2012. P. 37

<sup>5</sup> LOURENÇO, Natacha - **Requalificar e Reabilitar a Quinta da Graça: Entre o Rio e a Ruína**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2019.

<sup>6</sup> MARTINS, António - **Reabilitação da Quinta da Graça para “Hotel de Charme”**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2010.

Lourenço, são também abordados os conceitos de conservação, restauro, reabilitação e o enquadramento das quintas de recreio em Portugal.

Ainda sobre a Quinta da Graça, Melissa Pereira apresentou em 2016 na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa *Construir no Construído: Intersecções entre a Arquitetura e o Design na Reabilitação da Ruína*<sup>7</sup>. Este trabalho procura consciencializar para a importância e relevância de edifícios devolutos, numa sociedade consumista em que o que é novo se sobrepõe ao antigo, e o modo com que se podem salvar e encontrar soluções que respondem às necessidades atuais. Numa primeira fase é feita uma contextualização histórica da área de intervenção, incidindo também no Estádio Nacional e no Estado Novo. Após introduzir o contexto da quinta e retratar a sua situação atual, é abordada a quarta dimensão da arquitetura, como a autora refere, o tempo. Aqui a dissertação incide sobre a identidade e importância da ruína, o modo como foi encarada ao longo dos séculos e os paradoxos em redor do seu conceito. Apresenta três exemplos de intervenções em ruínas com diferentes tipos de abordagem e por fim apresenta o projeto de reabilitação da Quinta da Graça.

Respetivamente à reabilitação e conservação do património e suas teorias, foi fundamental a dissertação da Nádia Luís apresentada em 2016 no ISCTE-IUL de nome *Refuncionalização da Arquitetura: Abordagens Patrimoniais na Cidade*<sup>8</sup>. A dissertação analisa o processo de reabilitação de edifícios antigos a partir do estudo da refuncionalização, abordando três exemplos e relacionando com o panorama artístico e cultural dos finais do século XIX até à contemporaneidade. Numa primeira fase, são definidos os conceitos de monumento e de património para introduzir o segundo capítulo que trata a evolução da conservação e restauro enquanto processo cultural. Aqui, à semelhança do presente estudo, são abordadas as teorias desde Viollet-le-Duc até à Carta de Veneza. Num terceiro capítulo, tem-se como casos de estudo três edifícios palacianos em Lisboa analisando as intervenções executadas convertendo edifícios que originalmente eram do foro habitacional a fins turísticos.

Também a dissertação de mestrado da Daniela Filipa Castro Leitão, que em 2016 apresentou na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Porto *Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais*<sup>9</sup>. Aqui é abordado a problemática da intervenção arquitetónica em preexistências sobretudo no meio rural, quer pela vertente prática que consiste em reabilitar três edifícios em ruínas, quer pela vertente teórica. Na vertente teórica são inicialmente definidos os conceitos de lugar, identidade, ruína e memória para que posteriormente a isso sejam estudados os conceitos e as teorias da procura de soluções para a conservação e reabilitação arquitetónica. Por fim são observados três exemplos de reabilitações, distintos entre si mas todos realizados pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura.

Ainda acerca do modo como abordar o património destaca-se a dissertação do Emanuel Freitas, apresentada em 2016 no ISCTE-IUL designada por *Visões e Revisões do Património*<sup>10</sup>. A dissertação trata essencialmente dois livros que por sua vez abordam todas as questões referidas anteriormente, *As Questões do Património*<sup>11</sup> de Françoise Choay e *Uses of Heritage*<sup>12</sup> de Laurajane Smith. A seleção destas duas obras deveu-se às visões críticas e as problemáticas apresentadas pelas suas autoras acerca do discurso do património atual, no fundo, como o título da dissertação indica, estas duas monografias são uma visão e revisão do conceito de património. Esta dissertação, pelo foco nestas duas obras que são referências para o estudo do tema, torna-se fundamental para a sua compreensão.

---

<sup>7</sup> PEREIRA, Melissa - **Construir no Construído**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2016.

<sup>8</sup> LUÍS, Nádia - **Refuncionalização da Arquitetura, Abordagens Patrimoniais na Cidade**. Dissertação de Mestrado, ISCTE-IUL, 2016.

<sup>9</sup> LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Porto, 2016.

<sup>10</sup> FREITAS, Emanuel de Ornelas - **Visões e Revisões do Património**. Dissertação de Mestrado, ISCTE-IUL, 2016.

<sup>11</sup> CHOAY, Françoise - **As Questões do Património**. Edições 70, 2011.

<sup>12</sup> LAURAJANE, Smith - **Uses of Heritage**. Routledge, 2006.

Para uma maior compreensão da Ordem de Santo Agostinho foi indispensável o livro publicado pela Universidade Católica Portuguesa *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal : 1256-1834*<sup>13</sup>. Aqui encontram-se três monografias do Frei Domingos Vieira: *Catalogo dos Priores Provinciaes, desta provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas calçados de Santo Agostinho Bispo D’Hipponia e Doutor da igreja; Geografia Particular na qual se dá notícia da fundação dos Conventos da Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho desta Provincia de Portugal e Conquistas e de suas Missões Ultramarinas* e por fim *Diccionario dos Varões Illustres em lettras e Virtudes, que florecerão nesta Provincia de Portugal dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho*. Nesta obra pode-se compreender as origens da Ordem e a entrada da vida monástica em Portugal e Lisboa.

## **Metodologia**

No que toca à metodologia adoptada, o presente estudo elaborou-se à partir de análise de preferência a fontes primárias, embora possa também recorrer a fontes secundárias. A consulta da documentação foi efectuada presencialmente em diversas bibliotecas, nomeadamente a Biblioteca Nacional, na Biblioteca do ISCTE-IUL e na Biblioteca do Museu do Desporto. Houve também a necessidade de investigar em vários arquivos, concretamente o Arquivo Municipal de Oeiras, o Arquivo do Centro Desportivo Nacional do Jamor, no Forte de Sacavém, no Arquivo Municipal de Lisboa e no Repositório Científico de Acesso Aberto em Portugal. Além dos livros consultados nas bibliotecas, foi também fundamental a consulta de cartografias e fotografias nos arquivos, assim, através do cruzamento das diversas fontes de informação foi possível chegar a determinadas conclusões que ao estudar apenas um tipo de fonte não seria possível.

Para além do estudo realizado acerca do modo de abordar e do modo de reabilitar património, é feita uma viagem que visa observar exemplos de projetos onde ocorre este tipo de intervenção, de preferência sempre com um diálogo com a arquitetura contemporânea. O itinerário passa sobretudo pelo norte de Portugal, onde se observam uma série de projetos dentro dos padrões procurados. São estudados exemplos como a Pousada de Santa Maria do Bouro do arquiteto Eduardo Souto de Moura, ainda do mesmo arquiteto também a Casa do Gerês e o Museu Abade Pedrosa feito em parceria com o arquiteto Álvaro Siza Vieira. Do arquiteto Fernando Távora é visitada a Pousada de Santa Marinha da Costa e por fim, do arquiteto João Mendes Ribeiro as Termas Romanas de São Pedro do Sul. Apesar da viagem ser realizada maioritariamente pelo norte do país, também são visitados exemplos pontuais noutras regiões, como a Herdade Torre de Palma do arquiteto João Mendes Ribeiro e por fim a Pousada do Crato do arquiteto João Luis Carrilho da Graça. Após esta viagem, é realizado um diário com toda a informação recolhida ao longo da mesma.

Para além das cartografias e imagens usadas como fontes de análise histórica, foram realizados levantamentos fotográficos de modo a complementarem o texto desenvolvido, levando a uma maior compreensão do mesmo.

O trabalho é escrito segundo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa e é utilizada a norma portuguesa NP - 405 para as referências bibliográficas.

## **Estrutura do ensaio**

Os tópicos que formam a dissertação pretendem consolidar e fundamentar o projeto final de arquitetura a desenvolver na Quinta da Graça. Conclui-se assim esta investigação, que procura estabelecer um diálogo entre a teoria e a prática, fundamentado a partir do conhecimento da importância da história da arquitetura e dos princípios de intervenção e reabilitação em património construído. De forma a alcançar estes objetivos o trabalho foi estruturado da seguinte forma:

Inicialmente, é feita uma contextualização histórica da Cruz Quebrada, do vale do Jamor e da Quinta da Graça, desde a sua fundação até à atualidade. Como complemento é estudada a Ordem Religiosa que habitou o convento, desde o seu surgimento na cidade de Lisboa até ao seu modo de habitar, e é abordado o conceito de quinta de recreio e os elementos que a constituem.

Após esta contextualização, considerando que o objeto de estudo se trata de uma ruína, é abordada a temática de intervenções em preexistências, iniciando-se em plena afirmação do movimento romântico até à atualidade. São estudadas as diversas teorias de como as abordar, assim como as teorias de como reabilitar na

---

<sup>13</sup> AZEVEDO, Carlos A. Moreira - **Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal.(1256-1834)**.

contemporaneidade atribuindo-lhes novos usos e funções. Para isto, além de estudar determinados casos de estudo, recorre-se a conceitos insubstituíveis criados ao longo do tempo, desde Viollet-le-Duc (1814-1879) até ao culminar da incontornável Carta de Veneza (1964).

Por fim, após este processo gradual de aproximação ao projeto de arquitetura desenvolvido na Quinta da Graça, é feita uma explicação do mesmo, constituído por uma componente de reabilitação no edifício preexistente e pela construção de um corpo contemporâneo novo que põe em prática as teorias estudadas anteriormente, sempre com o apoio do estudo histórico feito inicialmente.

### **Contributos**

O tema de investigação insere-se num panorama de diversas hipóteses de trabalho, resultados e conclusões. Perante o cenário atual, com uma elevada especulação imobiliária resultante de um grande crescimento do investimento nesta área, em muitos casos sobre preexistências, torna-se fundamental ter algum conhecimento sobre o tema para que seja possível desenvolver estratégias de reabilitação, salvaguarda e conservação. O estudo visa identificar os princípios, as normas e os critérios seguidos na conservação e restauro do património edificado contribuindo para futuras intervenções. Ao realizar a análise histórica, permite também contribuir para o esclarecimento e conhecimento da Cruz Quebrada, sobretudo de um ponto de vista urbanístico e arquitectónico.

## I - CRUZ QUEBRADA - IDENTIDADE E PALIMPSESTO

Segundo Levy Gomes, “após a conquista de Lisboa aos Mouros houve que demarcar administrativamente o território, daí que foram criados vários reguengos, entre eles o Reguengo de Algés, que ia da Ribeira de Alcântara à Ribeira do Jamor...”<sup>14</sup>

Ao longo dos séculos, a Cruz Quebrada foi palco de diversos cenários, desde as primeiras ocupações no território com a implantação de conventos, mais tarde o surgimento de quintas de recreio atribuindo um carácter de veraneio à Cruz Quebrada até ao aparecimento da linha do comboio que com ela trouxe as primeiras fábricas. Por fim, a criação do Complexo Desportivo do Jamor que lhe conferiu a atmosfera que possui atualmente. Pode ler-se no *Romanceiro - XXXII*, de Almeida Garrett, que conta o cenário da Cruz Quebrada no século XIX, numa das suas viagens de Lisboa para a casa que habitava na Quinta do Rodízio, no vale do Jamor:

“Quem desce Tejo abaixo... e daí segue ás praias do Dafundo até à Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitando os sítios que, depois de Sintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De finais de Agosto a princípios de Novembro é que tudo ali corre, e que os banhos de mar povoam aqueles belos ermos, nas outras estações desamparados.

(...)

Não há palavras que digam todas as belezas daquela terra, daquele céu, daquelas águas. À esquerda do Tejo navios que entram e saem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva junto à beira da água... Perto um saveiro que chegou à terra e cuja companhia puxa ao longo da praia pela rede que arrasta inumeráveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. À direita nas eminências, as ruínas pitorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastado na verdura viçosa e florida da Primavera...”<sup>15</sup>

### **Estádio Nacional**

“Quereis um Estádio? Haveis de ter um Estádio! - Com estas palavras terminou o Sr. Dr. Oliveira Salazar o seu discurso quando, numa apoteótica em que tomaram parte todos os agrupamentos desportivos da capital, o Terreiro do Paço se encheu de uma verdadeira multidão de atletas devidamente uniformizados e medalhados iam pedir ao chefe do Governo aquilo que todos os países civilizados já possuem e sem o que não pode preparar-se convenientemente a mocidade no que respeita à educação física: um estádio.”<sup>16</sup>

Um marco que representou uma viragem na história deste território foi a construção do Complexo Desportivo do Jamor, que lhe introduziu o carácter que possui atualmente. Uma obra marcadamente ao encontro do pensamento do regime do Estado Novo, o planeamento da sua construção deu-se na década de 30 do século passado, tendo a sua inauguração sido feita em 1944 no decorrer da II Guerra Mundial.

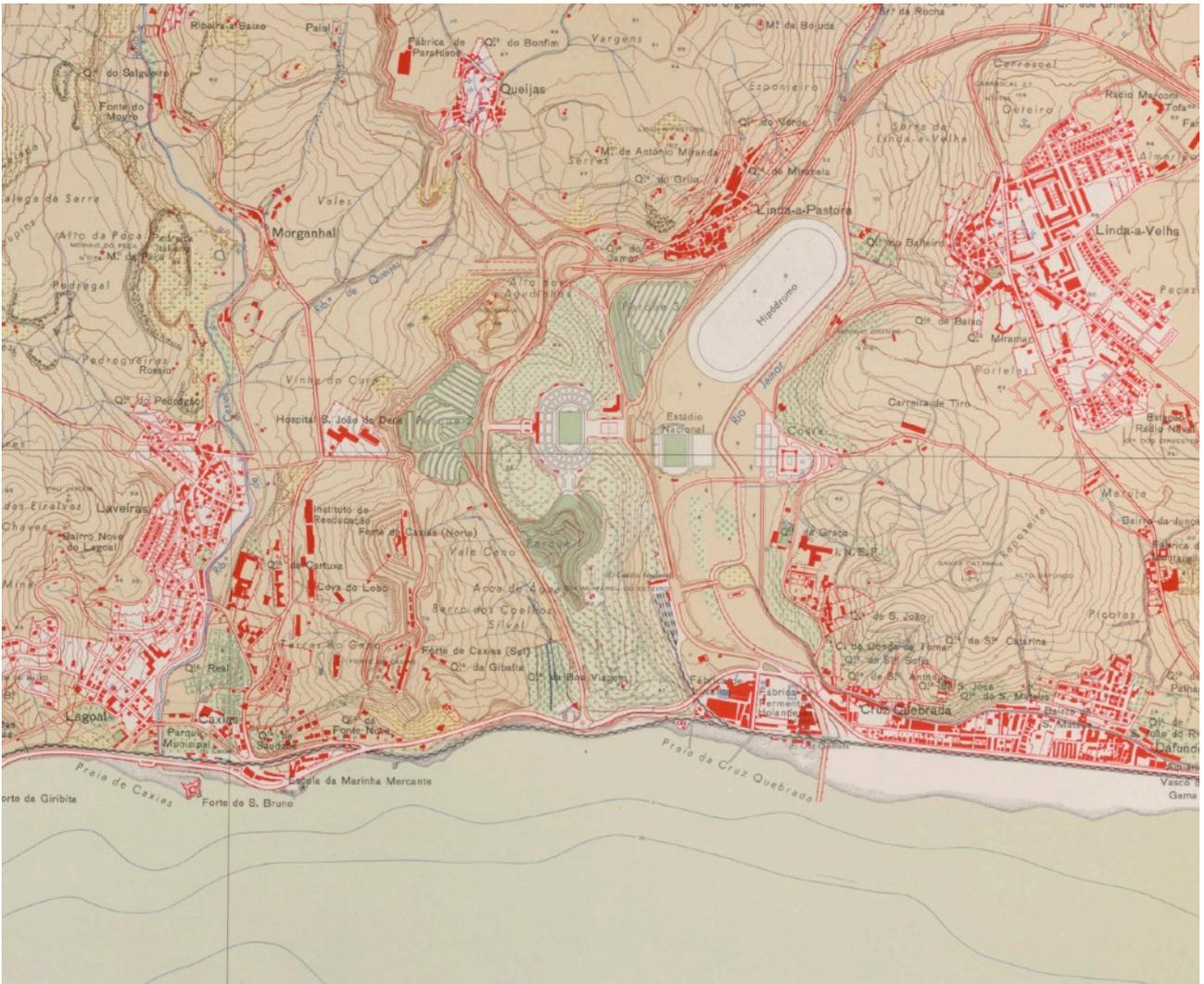
Conforme podemos ler na dissertação de mestrado do André Cruz, apesar do principal objetivo da construção do Estádio Nacional se tratar da promoção da prática de desporto, ao longo do regime foi palco de diversas celebrações públicas. Inserido numa estratégia do engenheiro Duarte Pacheco que pretendia transformar Lisboa na capital do império, para levar a cabo as suas ideias foi necessário recorrer à expropriação de diversas propriedades, nomeadamente em Monsanto e na Costa do Sol. Paralelamente à construção do Estádio Nacional, foram construídos novos acessos viários como a auto-estrada Lisboa-Estádio Nacional que contou com o apoio de técnicos e de tecnologia avançada para a época e também a construção da Estrada Marginal entre Lisboa e Cascais. Dada a rede viária que foi criada, foi necessário criar uma área extensa de parques de estacionamento tanto para viaturas ligeiras como para autocarros, representando um pensamento muito futurista na época. Com a construção do Estádio Nacional, pretendia-se fazer do vale do Jamor um verdadeiro parque urbano, assegurar a possibilidade da futura expansão das infra-estruturas desportivas, encontrar o lugar certo para a implantação do edifício centralizador, que era o estádio

---

<sup>14</sup> GOMES, Levy Nunes - **Cruz Quebrada-Dafundo**. Oeiras: C.M.O, 2006. P. 14

<sup>15</sup> GOMES, Levy Nunes - **Cruz Quebrada-Dafundo**. Oeiras: C.M.O, 2006. P. 12-13

<sup>16</sup> ANDRESEN, Teresa - **O Estádio Nacional, um paradigma da arquitetura do desporto e do lazer**. Oeiras: C.M.O. 2007. P. 9



**Cartografia de 1967.**



**Panorâmica do vale do Jamor.** Aqui ainda é possível ver o cenário do vale anterior ao Estádio, no entanto já com o decorrer da sua construção. Fonte: C.M.L, ant. 1944. autor: Pinto, Kurt.

de atletismo e com isto criar uma ligação intrínseca de diálogo com a paisagem.<sup>17</sup>

Os objetivos da construção do estádio são confirmados com a memória descritiva do projeto definitivo das bancadas, assinada por Konrad Wiesner e por Francisco Caldeira Cabral: “Foi nossa preocupação construir um estádio integrado na paisagem e do qual se pudesse estar em contacto com ela. Concebemo-lo por isso aberto e localizámo-lo de modo a que dentro se pudesse ver todo o vale do Jamor. O estádio fica situado na encosta poente, no ponto de inflexão do vale. Do lado sul vêem-se para norte as aldeias de Linda-a-Pastora, Linda-a-Velha e Carnaxide e os montes de Barcarena, e do lado norte vê-se o Tejo e a Trafaria. Não desejamos apenas integrar o estádio na paisagem afastada mas ligando-o aos montes e árvores próximas conseguimos alargar-lhe o âmbito estreitando o seu contacto com a natureza. Criamos assim um recinto natural formado pelas encostas e que nos permite apreciar verdadeiramente a grandeza do vale.”<sup>18</sup>

Segundo André Cruz, para a construção do Estádio Nacional foi realizado um concurso com um programa muito concreto: a nível da mobilidade exigia uma articulação com a marginal, arruamentos e circulações conforme necessário, prever uma ligação ao centro de Lisboa através de eléctrico e comboio e áreas reservadas a parques de estacionamento. No que toca às infra-estruturas desportivas o Complexo tinha que integrar um estádio para futebol, ciclismo e atletismo, campos de treino de atletismo, de voleibol e basquetebol, um pavilhão para campeonatos de esgrima, luta e outros desportos semelhantes.<sup>19</sup>

A construção de todas estas infra-estruturas implicou um redesenho do vale do Jamor. De acordo com Gilberto Monteiro, “Diluíram-se na florestação as velhas quintas do Balteiro, do Rodízio; a de S. José nem sequer a terra e o local resistiram, tal foi a violenta obra das máquinas escavadores, as «Bulldozers», quando da construção do Estádio.”<sup>20</sup> É feito um corte na paisagem rural que caracterizava o vale, com as suas quintas de produção e de recreio, preservando apenas o palácio da Quinta da Graça, a casa da Quinta do Esteiro, a casa da Quinta do Balteiro e da Quinta das Biscoiteiras, a ponte seiscentista que atravessa o Jamor, alguns moinhos e a capela da Vila da Boa Viagem. Aquilo que era um vale caracterizado por searas e oliveiras pontuais, sobretudo a delinear os caminhos, transformou-se numa mata de arvoredo composta por acácias, pinheiros, eucaliptos, ciprestes entre outras espécies. Mais tarde, em 1954, é inaugurado o Instituto Nacional de Educação Física (atual Faculdade de Motricidade Humana), na encosta nascente do Jamor onde há alguns séculos atrás se encontrava o Convento de Santa Catarina.

### **Instalações Conventuais**

Conforme anteriormente referido, as primeiras ocupações na Cruz Quebrada deram-se com o surgimento de algumas instalações conventuais no século XVI como o Convento de Santa Catarina, o da Boa Viagem e mais tarde o da Graça. O primeiro, situado na margem esquerda do rio Jamor, tratava-se de um convento de frades Arrábidos, provenientes de uma ordem pobre, de costumes simples que procurava riqueza de espírito no convívio com a natureza. A esta ordem também se deve a construção da primeira ponte sobre o rio Jamor em 1606, levada a cabo pelo Frei Rodrigo de Deus, assim como a construção do Convento de São José de Ribamar, em Algés. Já no início do século XVII, após surgirem diversos benfeitores, patronos e padroeiros que faziam promessas de recuperar o convento que se encontrava num estado lastimável, mas promessas essas que nunca cumpriram, foram recolhidos num terreno na outra margem do rio, sobranceiro ao rio Tejo, denominado por Cano do Mouro, que acabou por se vir a chamar de Boa Viagem. Mais tarde, após a conclusão das obras de restauro do Convento de Santa Catarina a cargo de Diogo Lopes de Mendonça que não só recuperou o convento como também tinha o objetivo de construir um hospital para convalescentes, os religiosos dividiram-se em duas comunidades, já que nem todos decidiram regressar ao convento primitivo preferindo ficar no Convento da Boa Viagem.

---

<sup>17</sup> CRUZ, André. **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto. Miguel Jacobetty Rosa e a sua época.** Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. P. 35-40

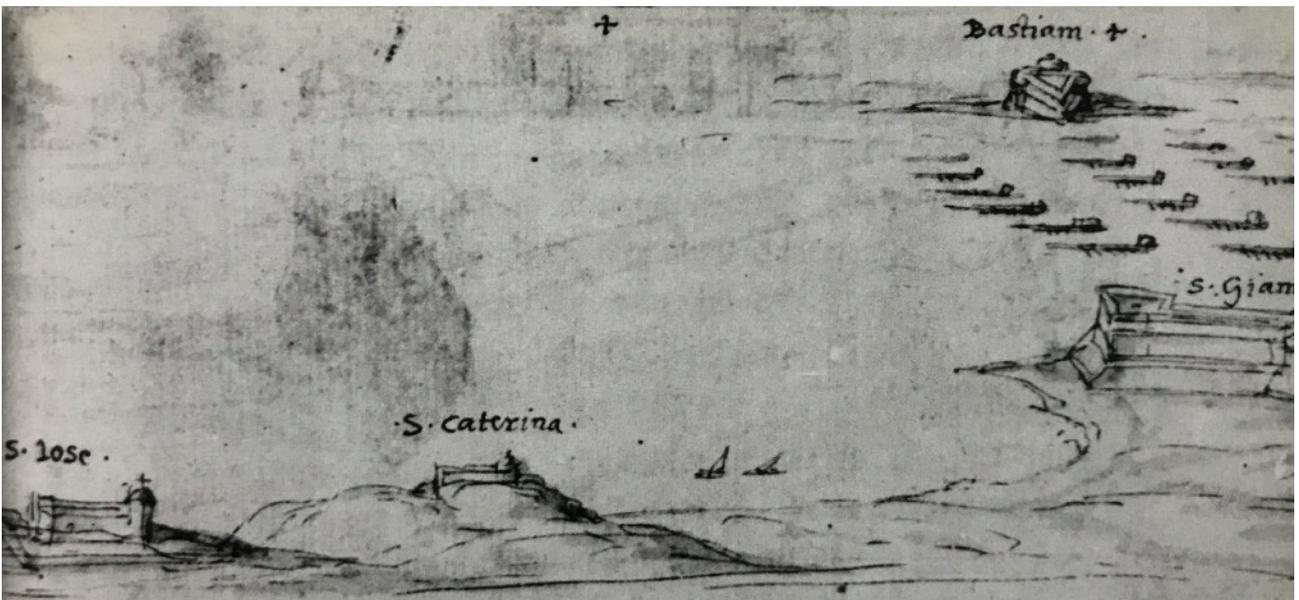
<sup>18</sup> “Memória Descritiva do Projecto Definitivo das Bancadas do Estádio de Atletismo” assinada por Konrad Wiesner e Caldeira Cabral, e datada de 14 de Outubro de 1939. In ANDRESEN, Teresa - **O Estádio Nacional, um paradigma da arquitetura do desporto e do lazer.** Oeiras: C.M.O. 2007. P.148

<sup>19</sup> CRUZ, André. **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto. Miguel Jacobetty Rosa e a sua época.** Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. P. 47

<sup>20</sup> MONTEIRO, Gilberto - **O Sítio da Cruz Quebrada.** Nótulas de Micro-História, sep. O Fermento, Lisboa: 1964. P. 30



**Planta da Barra de Lisboa:** é possível ver representado o Convento de Santa Catarina assim como a ponte sobre o rio Jamor. Leonardo Turriano, 1607. fonte: BOIÇA, Joaquim Manuel - **Cartografia de Oeiras, 4 Séculos de Representação do Território.** C.M.O. 2003



**Plano de fortificação da Barra do Tejo:** desenho de Francisco de Holanda onde representa a Barra do Tejo de Almada a S. Julião, fingurando-se os conventos de S. José, Santa Catarina, a Fortaleza de S. Julião e uma proposta de projeto. fonte: HOLANDA, Francisco de - **Da fábrica que faleçe ha cidade de Lysboa.** 1571

Com a extinção das ordens religiosas, ambos os conventos foram vendidos, sendo que o segundo foi ampliado e transformado numa série de habitações de verão designadas por Vila da Boa Viagem, onde diversas personalidades ilustres passaram férias usufruindo de uma ligação à praia existente à data por cima da estrada. Atualmente, dadas as expropriações levadas a cabo pelo estado no século passado em prol da construção da marginal, o convento e a respetiva vila foram demolidos e o terreno terraplanado mantendo-se apenas a capela, enquanto que do Convento de Santa Catarina nada resta.<sup>21</sup>

No que toca ao Convento da Graça, ainda que venha a ser abordado neste trabalho mais tarde, pode dizer-se que era constituído por frades da ordem de Santo Agostinho. A data da sua construção é incerta, no entanto sabe-se que deu origem à atual Quinta da Graça.

### **Quintas de Recreio**

Ao longo dos séculos sempre foi determinante a existência de água para a implantação de povoações. O rio Jamor é o resultado da junção de duas ribeiras, da ribeira de Carenque proveniente da Serra de Caneças, com a ribeira de Belas proveniente da Serra da Carregueira, que se individualizam em Queluz formando o rio Jamor. Paralelamente ao cenário da extinção das ordens religiosas, já com o antecedente dos estragos provocados pelo terramoto de 1755 e com a expansão da cidade de Lisboa ao longo da Costa do Sol, foram surgindo algumas quintas de recreio ao longo do vale do rio, destacando-se exemplos como a Quinta do Esteiro, da Graça, do Rodízio, de São José, das Biscoiteiras e por fim a do Balteiro. Dada a fertilidade dos solos, abundância de água e proximidade a Lisboa a Cruz Quebrada tornou-se uma zona de veraneio, também associada à exploração agrícola desenvolvendo culturas de cereais, pomares, produtos hortícolas e também a atividades piscatórias. Segundo Gilberto Monteiro na sua obra *O Sítio da Cruz Quebrada*, “O Jamor continua a correr, agora canalizado, refrescando o subsolo onde vegetam os últimos exemplares do que foi o laranjal da Quinta da Graça.”<sup>22</sup> Conforme anteriormente referido, Almeida Garrett habitou na Quinta do Rodízio na década de 40 no século XIX, julga-se inclusive que aí tenha escrito *Folhas Caídas* e parte de *D. Branca*, com o seu testemunho pode-se recriar o ambiente do vale do Jamor na época - “... chegando à beira do Jamor, parei extasiado no meio da sua ponte, porque a várzea que daí se estende, recurvando-se para a direita para Carnaxide e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma beleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que regam o Jamor, até os altos onde velejam centenares de moinhos. Árvores grandes e belas, como rara vez se encontram nesta província dendroclasta rodeavam melancolicamente no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodízio...”<sup>23</sup>.

Um dos hábitos do século XIX foi a frequência das praias de veraneio pela alta sociedade Lisboaeta, por excelência ao longo do mês de Setembro dado que em Julho e Agosto se encontravam sobretudo nas quintas que possuíam nas zonas de Benfica ou de Campolide.<sup>24</sup> A Cruz Quebrada não foi exceção, principalmente após a construção da linha férrea, intensificando o movimento dos veraneantes.

Testemunhado por Gilberto Monteiro ao referir: “Era a Cruz Quebrada, o esteiro do Jamor com as suas margens, a própria ribeira e a praia, a estância ideal para pais de família e a delícia dos meninos de então”. A pacata praia da Cruz Quebrada era frequentada por uma aristocracia discreta que nela se refugiava com o propósito de repousar e retirar da natureza o benefício de um ar puro, uma boa dose de sol e a liberdade da praia.<sup>25</sup>

A introdução da linha férrea originou um aumento da utilização balnear que até então era exclusividade das classes mais altas que possuíam residências de veraneio, passando as classes médias e até

---

<sup>21</sup> MONTEIRO, Gilberto - *O Sítio da Cruz Quebrada*. Nótulas de Micro-História, sep. O Fermento, Lisboa: 1964. P. 79 - 83

<sup>22</sup> MONTEIRO, Gilberto - *O Sítio da Cruz Quebrada*. Nótulas de Micro-História, sep. O Fermento, Lisboa: 1964. P. 31

<sup>23</sup> GOMES, Levy Nunes - *Cruz Quebrada-Dafundo*. Oeiras: C.M.O, 2006. P. 51

<sup>24</sup> DIAS, Marina Tavares - *Lisboa Desaparecida*. Vol 5. Quimera, 1996. P. 106

<sup>25</sup> MONTEIRO, Gilberto - *O Sítio da Cruz Quebrada*. Nótulas de Micro-História, sep. O Fermento, Lisboa: 1964. P. 21



**Cartografia.** Pode perceber-se qual o carácter do vale do Jamor antes da criação do Complexo Desportivo, pontuado pelas diversas quintas que o constituíam. Fonte: Forte de Sacavém, espólio do arquiteto Francisco Caldeira Cabral.

01 Boa Viagem

02 S. José

03 Rodízio

04 Graça

05 Biscoiteiras

06 Balteiro



**Panorâmica do vale do Jamor.** A Quinta de S. José encontra-se no canto inferior direito. (1900-1940) fonte: **Jamor, o palco maior do desporto nacional** - INCM, 2014. P. 71

populares a utilizar também as praias nos arredores de Lisboa agora que se podiam deslocar rapidamente no mesmo dia. Com o aumento do número de veraneantes que estes transportes públicos proporcionaram, houve também um crescimento da oferta de alojamentos e de diversas estruturas de apoio<sup>26</sup>.

Contudo, o novo ramal do caminho de ferro também deu origem às primeiras fábricas na Cruz Quebrada. A industrialização da zona atraiu burgueses e operários que acabaram por afastar a aristocracia para outros lugares provocando maus cheiros e fumos intensivos naquele lugar. São exemplos destas fábricas a Real Fábrica da Solla, a Fábrica dos Fermentos Holandeses e a Luselite.

Com isto, concluí-se que o vale do Jamor é o resultado de um somatório de diferentes atmosferas que ao longo dos séculos caracterizaram e ocuparam este lugar. Atualmente, dadas as circunstâncias, não existem referências no local que nos remetam para as ocupações primitivas, mas permanecem as ruínas das quintas que nos aludem para o que era o vale antes da construção do Complexo Desportivo do Jamor.

### **Quinta da Graça de ontem**

A origem do local remonta à pré-existência de um Convento da Ordem de Santo Agostinho. Inicialmente chamados Eremitas de Santo Agostinho, Agostinhos Calçados e mais tarde Agostinhos Descalços, mas também Gracianos, era-lhes atribuída esta nomenclatura devido à implantação do seu convento, num local designado por Graça.<sup>27</sup>

Esta Ordem, nascida a 1256 por obra *dum capitulo geral* convocado pelo papa Alexandre IV e reunido em Roma, segue a linha de pensamento de Santo Agostinho de Hipona (354-430), habitualmente conhecido por *Doutor da Graça*. O fundamento da vida destes eremitas é a vivência em comunidade completa, em comunhão e de costumes. A designação *eremita* é aplicada, não por viver só, mas por juntamente com os outros formar um só, ao serviço da igreja, com uma só alma e um só coração orientados para Deus.<sup>28</sup>

Os Eremitas de Santo Agostinho não viviam apenas voltados para o interior das suas casas, em vez disso encontravam-se ao serviço dos fiéis, da Igreja, na liturgia, na pregação e no serviço de confissões. A sua presença nas cidades reforça a sua concepção de vida religiosa mendicante, que na vez de se caracterizar por uma fuga do mundo através do isolamento, caracteriza por uma fuga de poder e de posse. Defendiam o princípio evangélico do movimento pauperístico, onde todos eram considerados frades (irmãos), propondo uma sociedade fraterna, num sistema de igualdade económica e social, protestando contra a estratificação social tanto feudal como burguesa. Ao entrar para a ordem, todo o tipo de terras e de rendas seriam renunciadas e postas à disposição da comunidade de modo a se distanciarem do mundo feudal, das responsabilidades políticas e dos benefícios económicos, para que nada fosse próprio, mas tudo fosse comum. Esta ideia de comunidade e de igualdade procurava que ninguém trabalhasse para si próprio, mas que todos os seus trabalhos se destinassem ao bem da comunidade, com o mesmo empenho com que alguém trabalha para os seus próprios interesses.<sup>29</sup>

A sua origem em Lisboa remonta ao ano de 1147 com a fundação de um pequeno eremitério que apenas possuía um oratório, situado no Monte de S. Gens, mais tarde entrando na toponímia como Nossa Senhora do Monte. Aqui se teriam instalado dois eremitas vindos de S. Vicente, no Algarve, quando o aumento de vocações exigiu uma mudança de acomodação. Durante o século XVI, por instâncias de D. João III, deu-se uma reforma na Ordem que, juntamente com o aumento das devoções levou à edificação do Convento da Nossa Senhora da Graça (talvez o convento mais significativo da Ordem), já sobre uma pré-existência no local que à época se denominava de Almofala.<sup>30</sup> Na Cruz Quebrada, é escassa a informação

---

<sup>26</sup> RUSSO, Ricardo - **O Património Arquitetónico Como Viagem no Tempo**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUL, 2018. P. 25

<sup>27</sup> CRISPIM, Mário Núncio - **Retratos de Oeiras**. Oeiras: DAS, 1994. P. 81

<sup>28</sup> AZEVEDO, Carlos A. Moreira - **Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal.(1256-1834)**. Centro de Estudos de História Religiosa, 2011. P. 7

<sup>29</sup> DESCONHECIDO. **Regra de Santo Agostinho** (Consult. 15.05.20) Disponível em <http://www.agostinianos.org.br/santo-agostinho/regra>

<sup>30</sup> DINIZ, Pedro - **Das Ordens Religiosas em Portugal**. Lisboa: Typographia de J. J. A. Silva, 1853. P. 93, 94



Santo Agostinho - pintura de Philippe de Champaigne. (1602 - 1674)



Rossio antes de terramoto de 1755 - gravura de Zuzarte onde se pode ver o Convento da Nossa Senhora da Graça no canto superior esquerdo, sobranceiro a Lisboa. Fonte: C.M.L. 1900 - 1945

acerca do convento que lá se encontrava, sabe-se que foi também utilizado como estância de repouso e convalescença de altos dignatários da igreja que ali passavam os meses de verão e onde recuperavam até ao restabelecimento total da saúde, a sua ermida crismou muitos bispos desta mesma Ordem. Em 1834, com a extinção das ordens religiosas na tentativa de aniquilar o excessivo poder económico do Clero, deu-se uma expropriação dos seus bens a favor da Fazenda Nacional sendo mais tarde redistribuídos através da sua venda que beneficiou muitos endinheirados da época. Aqui surge a figura de José Manuel Machado, que por volta dessa época adquire a propriedade e edifica a Quinta da Graça, conforme o Padre Figueira, “digna d’esse nome pela formosura do palácio, um dos mais ricos dos arredores de Lisboa, e beleza da quinta, de bons arvoredos, jardim, estufa, lagos, pomares, tudo tratado com exemplar esmero.”<sup>31</sup> A data exata da sua construção é indeterminada, sendo a referência mais antiga uma cartografia do ano 1843 onde aparece designado *Quinta da Graça*.

O termo *Quinta de Recreio* refere-se a uma unidade rural, de dimensões variadas que inclui terrenos de cultivo, por vezes murados, hortas, pomares, construções de apoio à criação de gado e produção agrícola, moradias para caseiros e trabalhadores e por fim, a casa do proprietário. A quinta de recreio, que tem como suporte económico as culturas agrícolas, conjuga esta produção, a lazer e veraneio, diferenciando-se pelo porte e riqueza da casa do proprietário, associado à especificidade da sua utilização e sobretudo ao estatuto social do mesmo. Como elementos decorativos e representativos deste mesmo estatuto, surge adoçado à casa jardins, tanques, fontes, lagos, estátuas e manchas de arvoredo<sup>32</sup>.

Considera-se que a sua implantação, de preferência em terrenos férteis, procurava ter uma proximidade à cidade, permitindo a vilegiatura e de modo a facilitar a exportação dos produtos produzidos. Para isto era fundamental ter boas vias de comunicação, como estradas, rios e ribeiras.

Na grande maioria os seus proprietários viviam na casa da cidade, que de acordo com João Vieira Caldas “Tinham também as suas quintas de veraneio para onde se mudavam quando queriam melhores ares, onde iam vigiar a sua produção agrícola, para as quais se retiravam quando alguma epidemia assolava a capital, onde iam e vinham por mero passeio”<sup>33</sup>.

Armador marítimo com escritórios em Lisboa, Cádiz e S. Salvador da Baía, José Manuel Machado deixou representado na construção da quinta o seu amor pelo mar através das semelhanças volumétricas entre a quinta e um barco, nomeadamente nos muros a norte. A sua forma sempre foi bastante característica da quinta, conforme se pode confirmar na sétima edição da revista panorama de 1942 “Para trás, ficava a fita luminosa do Tejo, as casitas brancas da Trafaria aninhadas na Outra margem, junto às colinas baixas e castanhas - um castanho deslavado e sem brilho. Não raro havia que subir para a vereda que ladeava o caminho para dar passagem a pachorrento carro de bois, a escorrer estrume, a chiar nas molas de azinho. Era da Herdade da Graça - um casarão dum branco sujo com a forma bizarra dum navio que, por capricho, tivesse vindo ancorar ali, no vale fértil, junco ao Jamor. Ladravam cães e ouvia-se o grunhir glutão dos porcos a focinhar nas pocilgas fartas.”

José Manuel Machado, é talvez a mesma pessoa que o negociante Manuel José Machado, proprietário da Quinta e Casal do Esteiro por compra aos Duques de Lafões, limítrofe aos terrenos da Quinta da Graça assim como da Quinta do Balteiro. Na construção da quinta, foi incorporada no seu interior a capela que existia no convento, como é referido na seguinte transcrição de Levy Gomes - “Deixada pelos Frades, existia uma Capela dedicada à Nossa Senhora da Graça, que ficou encaixada no Palácio, com admiráveis vitrais, mármore, frescos, tectos pintados e belas telas, sendo de destacar um valioso quadro dos magos.”<sup>34</sup>

João José Machado, herda de seu tio a Quinta da Graça, conforme se pode verificar na inscrição na fachada principal do palácio “*J.J.M. 1856*”. Mais tarde, o seu filho Francisco Xavier Machado, à semelhança de seu pai realiza grandes reformas na quinta inscrevendo “*F.X.M. 1860*”. Este teve um filho com o mesmo nome que se terá casado com Maria Jacinta, habitualmente conhecida na aldeia por Machado das Barbas. Conforme se pode ler em *Memórias da Linha de Cascais*, de Maria Ancher - “Numa das colinas do Jamor

<sup>31</sup> FIGUEIRA, Francisco da Silva - **Os Primeiros Trabalhos Literários**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1865. P. 45

<sup>32</sup> CALDAS, João Vieira - **A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII**. Porto: FAUP, 1999. P. 34

<sup>33</sup> CALDAS, João Vieira - **A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII**. Porto: FAUP, 1999. P. 35

<sup>34</sup> GOMES, Levy Nunes - **Cruz Quebrada-Dafundo**. Oeiras: C.M.O, 2006. P. 44



**Vale do Jamor** - fotografia de Kurt Pinto (1887 - 1959). fonte: CML



**Quinta da Graça vista de norte.** Comparativamente à imagem anterior, é possível observar o acréscimo feito no último piso - autor desconhecido. fonte: MONTEIRO, Gilberto - **O Sítio da Cruz Quebrada**. 1964



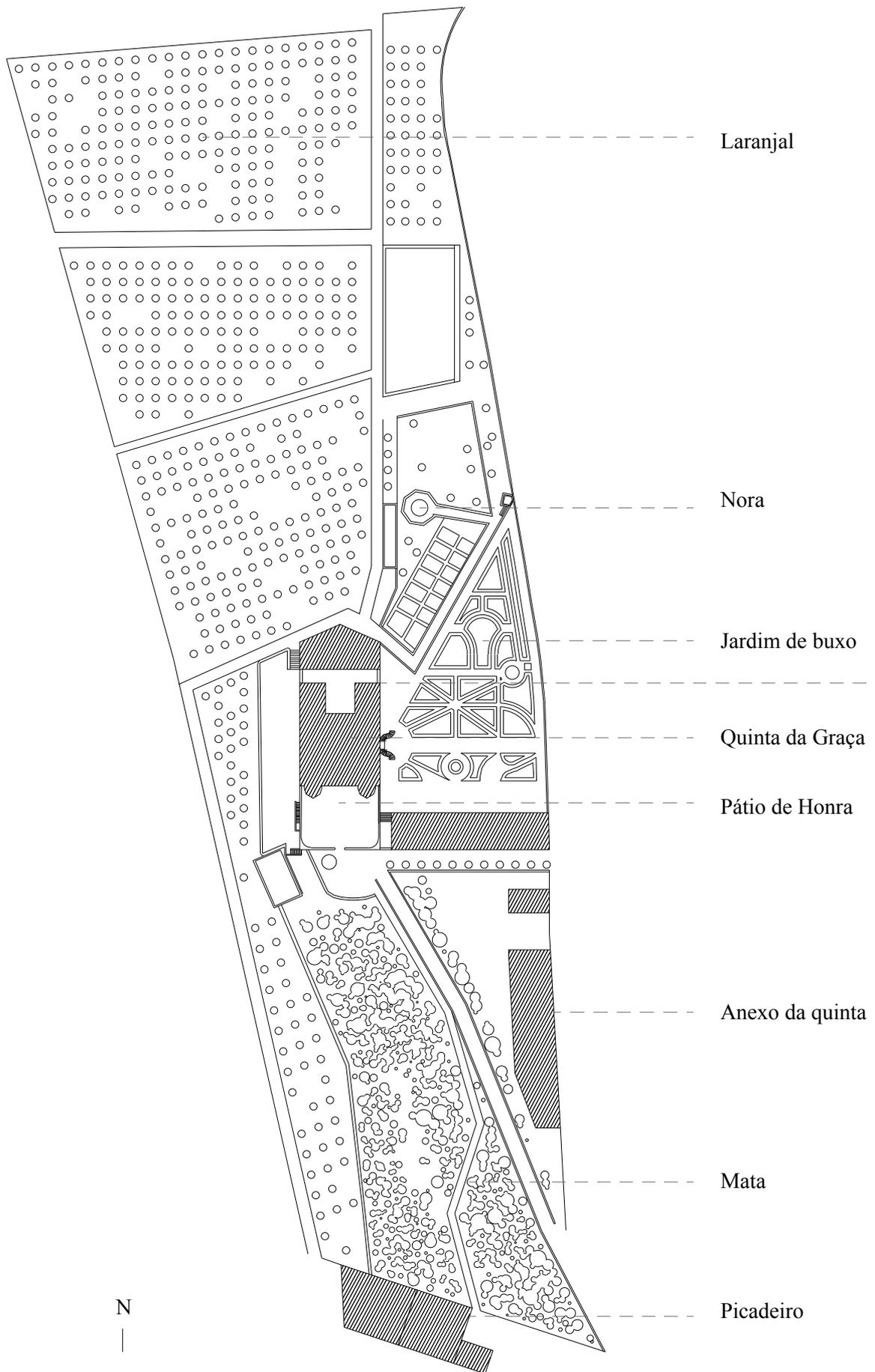
**Entrada de acesso ao pátio de honra** - autor desconhecido (1900 - 1940) Museu do Desporto, Lisboa

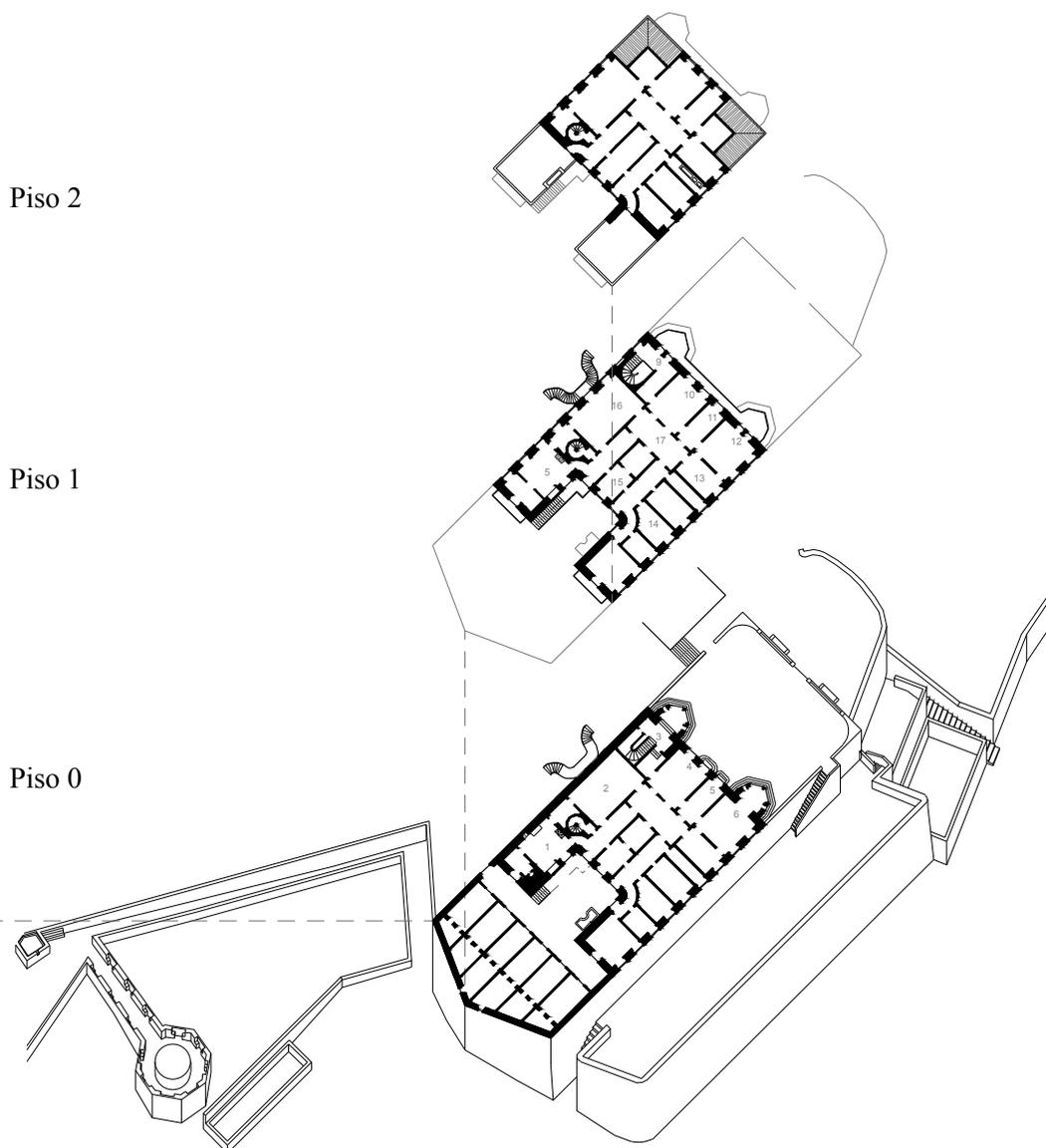


**Entrada de acesso ao pátio de honra.** Comparativamente à imagem anterior, é possível observar a demolição do edifício anexo à quinta para permitir o alargamento da estrada da Costa em direção a Linda-a-Velha - autor desconhecido (1900 - 1940) Museu do Desporto, Lisboa



Frescos do teto da capela - fotografia de Rui Cunha (1986). fonte: CMO





De acordo com a legenda encontrada no Forte de Sacavém, no espólio do arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral, segue-se a descrição dos compartimentos do palácio da Quinta da Graça:

#### “Rês-do-chão

Casa 1 - Cozinha com paredes forradas a azulejo branco até ao tecto; tem um elevador para comidas até ao 1º andar.

Casa 2 - Pavimento em pedra, antigamente destinava-se a adega.

Casa 3 - Pavimento em pedra com efeitos e tectos com florões.

Casa 4 - Pavimento em padrinho e tectos com florões.

Casa 5 - Pavimento de ladrilho e tectos com florões.

Casa 6 - Pavimento de ladrilho e tectos com florões; antigamente servia de capela.

Casa 7 - Presentemente são capoeiras.

As outras dependências são todas com pavimentos de madeiras, paredes e tectos estucados.

#### 1º andar

Casa 8 - Cozinha com paredes forradas a azulejo até à altura de 2,1 m

Casas, 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 e 15, forradas a papel em muito bom estado e todas com florões nos tectos.

Casa 10 - Pavimento em parquet.

Casa 16 - Paredes e tectos estucados “ frescos nas paredes.

Casa 17 - Paredes e tectos estucados “ frescos nas paredes.

As outras dependências são todas com tectos estucados e com efeitos nas paredes.

#### 2º andar

Paredes e tectos estucados.

Altura entre o piso do rês-do-chão e o tecto do mesmo 4,1 m.

Altura entre o piso do 1º andar e o teto do mesmo, 3,93 m.

Altura entre o piso do 2º andar e o tecto do mesmo.”

vivia há meio século, na Quinta da Graça, uma senhora fina, abastada, criativa, mas que só alcançou passar à história por ser proprietária e duns bigodes verdadeiramente fantásticos. Barbas longas, opulentas, que nunca cortava, que não desbastava, que exibia como uma segunda cabeleira. Barbas como D. João de Castro, barbas como Afonso de Albuquerque!... Era bondosa. Vestia severos vestidos pretos, usava ouros ricos, tinha uma cabeleira farta e lustrosa. Os seus olhos faiscavam entre o negrume do cabelos e das barbas. Casou duas vezes. Deixou um filho, que gozava da fama de ser um rapaz perfeito e querido das beldades.

A quinta e a rica moradia da “Machado das Barbas” ficavam à meia encosta, num sitio lindo e aberto sobre o vasto horizonte. ... Tinha ruas de buxo, um laranjal de maravilha.”<sup>35</sup>

Em meados da década de trinta do século passado, o palácio, quinta e terrenos envolventes foram expropriados em prol da construção do Estádio Nacional e do Instituto Nacional de Educação Física, introduzindo assim novas vivências no vale do Jamor. Ao longo do século passado, foram diversas as funções desempenhadas pela quinta que a foram desvirtuando. Em 1946, por determinação do ministro da educação nacional, Professor Caeiro da Mata, é instalada na quinta a Comissão Administrativa do Complexo Desportivo do Jamor, com todos os seus serviços, ocupando os primeiros e segundos andares da quinta. Em 1951, no seguimento de obras de manutenção dos primeiro e segundo piso, o Ministro das Obras Públicas resolveu criar uma pousada desportiva na quinta, o que acabou por não acontecer. Na vez disso, estes pisos foram ocupados temporariamente, até ser autorizada a utilização deste espaço pela Mocidade Portuguesa, como armazém adequado à arrumação do vasto material adquirido pela comissão. Os serviços da Comissão Diretora do Estádio Nacional, que na altura apenas funcionavam no rés-do-chão, em 1958 deslocaram-se para o edifício dos balneários do Estádio de Honra, para que a quinta pudesse ser entregue à Mocidade Portuguesa. Por fim, como ultima utilização, em 1987 a quinta pertenceu ao Instituto Superior de Educação Física, actual Faculdade de Motricidade Humana, onde teve instalados vários serviços, paralelamente ao Museu do Jogo até à data de 1993 em que ocorreu um incêndio que destruiu o palácio, restando-lhe apenas as fachadas.<sup>36</sup>

Segundo o testemunho do Sr. Duque, habitante de uma moradia clandestina junto à Quinta da Graça há algumas dezenas de anos, as obras mais significativas ocorridas na quinta trataram-se de adaptações feitas no século passado de modo a receber cidadãos retornados das ex-colónias portuguesas, que obrigaram à redistribuição dos espaços para a criação de alojamentos, um maior numero de instalações sanitárias e apoio logístico para responder às necessidades de alimentação de um numeroso numero de pessoas, assim como a criação de um posto clínico. Como o palácio não era suficiente para alojar a quantidade de retornados, foram montadas tendas na sua envolvente nas quais viveram durante um longo período. O fim da quinta foi protagonizado por um incêndio ocorrido em 1993, que segundo o mesmo se terá iniciado durante as obras de recuperação dos edifícios em anexo, sem causas conhecidas, levou a Quinta da Graça à ruína.

### **Quinta da Graça de hoje**

A importância que esta quinta teve é perceptível pelo porte do seu palácio e pelo modo como a sua implantação na encosta a faz dominar o horizonte debruçado sobre o rio Jamor. Apesar da importância histórica e social que a Quinta da Graça teve, muito desse esplendor perdeu-se após a sua expropriação em 1936 para dar lugar aos equipamentos necessários ao desenvolvimento do Complexo Desportivo que a descaracterizou em prol das novas funções e da excessiva exploração dos espaços envolventes, comprometendo a riqueza original que a quinta tivera<sup>37</sup>. A situação em que se encontra o palácio, especialmente após o incêndio que ocorreu a 1993 denuncia o seu desfecho trágico, que juntamente com a falta de solução e de preocupação o sujeitam ao risco de queda por parte das paredes exteriores.

A quinta, que se encontra limitada a poente pelo rio Jamor e a nascente pela estrada da Costa, contém uma relação muito franca com a envolvente estabelecendo a mediação e a transição entre o vale do Jamor e a Faculdade de Motricidade Humana, que actualmente mantém funções nos edifícios construídos anexos à quinta. As sucessivas construções pouco atentas na sua envolvente têm vindo a desvalorizá-la, como é o caso dos anexos anteriormente referidos, construídos ao longo do século passado (inicialmente o mais a poente e mais tarde o que se encontra limítrofe a este) que, juntamente com o crescimento descuidado e aleatório da arborização retiraram a nobreza e grandiosidade da presença da quinta num percurso de aproximação à mesma pela entrada a sul, terminando no pátio de honra do palácio. Os acessos a norte, feitos

<sup>35</sup> ANCHER, Maria - **Memórias da Linha de Cascais**. Cascais: C.M.C, 2013.

<sup>36</sup> DESPORTOS, Direção Geral dos - **Complexo Desportivo do Jamor**. 1992. P. 130, 131

<sup>37</sup> CRISPIM, Mário Núncio - **Retratos de Oeiras**. Oeiras: DAS, 1994. P. 81



Interior da Quinta da Graça, enquanto Museu do Desporto - autor desconhecido. fonte: C.M.O. 1993



Acesso à quinta pelo pátio de honra - autor desconhecido. fonte: C.M.O. 1993

pela estrada da Costa, que originalmente se efectuavam de uma forma direta e linear através de um percurso de aproximação pela nora e pelo jardim de buxos, atraído pela imponência do palácio protegido por muros que simulam a proa do barco, com a construção do Estádio de Ténis em 1941 foi ligeiramente alterado, até que em 2008 com a introdução do Centro de Alto Rendimento de Ténis passaram a realizar-se por um percurso tortuoso que contorna o corpo do novo edifício. A proximidade do edifício e a sua cobertura tem uma presença tão forte que anula a visibilidade franca e clara para o palácio, desvirtuando-o e entrando em conflito com o mesmo. Para além do crescimento descontrolado da arborização referido anteriormente, houve também o surgimento de algumas habitações clandestinas, como seja o caso das construções voltadas a poente, junto ao tanque principal e adoçadas ao muro que se pensa retomar ao convento primitivo. Assim como uma dependência junto às escadas de acesso ao pátio de honra que funcionou como apoio do bar que existiu na cave do palácio. Estas habitações, à semelhança dos corpos existentes junto do alçado nascente, voltados para o jardim de buxo que actualmente tem a sua delimitação, ainda que pelos limites originais, feita por uma vedação, demonstram o tratamento negligente a que a quinta tem sido sujeita.

Não se pode dizer que o jardim se encontre conservado dada a arborização nascida em locais inapropriados e o surgimento de percursos que o descaracterizam, ainda assim remete-nos para o que outrora terá sido. Segue o modelo italiano adaptando-se ao terreno e dividindo-se em terraços,<sup>38</sup> na época possuía ricos pomares, arvoredos, estufas, canteiros floridos e ruas de buxo ladeadas com esculturas. Segundo o testemunho do Sr. Duque, no dia da inauguração do Estádio Nacional, o neto do actual proprietário pendurou-se de uma estátua que não estava firme, acabando por cair e falecer. Por essa razão o avô terá mandado remover todas as estátuas. Ainda é perceptível a riqueza de todo o sistema hídrico associado à produção agrícola, do qual o jardim tira proveito. A presença da nora que tanto se impõe no território, dos diversos tanques e o sistema de caleiras a céu aberto que culmina no tanque adjacente ao muro de contenção da quinta onde chegaram a ocorrer aulas de mergulho, denuncia a complexidade e o detalhe do sistema hídrico que regava os pomares e as hortas, mantendo um carácter de recreio.

---

<sup>38</sup> LEITE, Ana Cristina – **Alegorias do Mundo: a arte dos jardins**. Paulo Pereira, editor literário – História da Arte Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores (1995) Vol. 3. P. 217



**Quinta da Graça vista do vale do Jamor** - aqui é possível ver a posição sobranceira ao vale que a quinta mantém, assim como mediação e transição que estabelece com a Faculdade de Motricidade Humana que se situa por trás da mesma. Fotografia do autor.



**Quinta da Graça vista do vale do Jamor** - fotografia do autor.

## II - INTERVENÇÃO NA PRÉ-EXISTÊNCIA

O tempo, tal como as leis da física, a luz, ou a matéria, constitui um dado ao qual não podemos passar ao lado. Na arquitetura, assim como no quotidiano, o tempo manifesta um papel condicionante tornando-se o cerne de muitas questões em torno das quais os arquitetos se dedicam e referenciam o seu trabalho. A arquitetura como objeto de criação, não permanece eternamente no seu estado inicial, o modo como foi idealizada pelo arquiteto, torna-se rapidamente objeto de ação do tempo. O património edificado, quer este se encontre na sua forma original, quer tenha sido alvo de adaptações, ou ainda que por vezes se encontre na forma de ruína, evidencia a evolução das sociedades e constitui um testemunho vivo do passado que representa um povo, a sua maneira de ser, o seu modo de viver e o seu grau de desenvolvimento.<sup>39</sup>

Na procura de respostas após a constatação de questões a nível teórico e metodológico e perante o confronto entre a necessidade de reutilização dos edifícios e a preservação dos seus valores patrimoniais, surge a pertinência de observar constantemente as diversas abordagens teóricas acerca do tema.

Conforme foi referido anteriormente, a Quinta da Graça dado o seu abandono após o incêndio ocorrido em 1993, atualmente encontra-se num estado de ruína. Ao intervir numa pré-existência como esta, torna-se fundamental que para além de ser realizada uma análise histórica aprofundada, não só do edifício como do território no qual se insere, sejam estudadas as teorias e políticas dos conceitos de conservação e reabilitação. Tomou-se como ponto de partida, a título de enquadramento, a temática em torno da ruína e as abordagens à mesma que promoveram essas mesmas teorias e políticas a fim de fundamentar e auxiliar o projeto de arquitetura a desenvolver na quinta, resultando numa ruína enquanto herança, que com esta dissertação é abordada com o devido conhecimento histórico e teórico.

### Ressonâncias da ruína

A ruína é a consequência de um processo onde o tempo actua e desgasta a matéria, resultando no seu fim, ou pelo contrário, eventualmente um novo princípio de uma nova natureza. Associadas a uma memória e a uma história, ultrapassam o campo artístico e poético remetendo para o passado, mas que não têm que lhes pertencer, estabelecendo assim a mediação entre o passado e o presente. A obra sobre a forma de ruína, adquire também um valor arqueológico por passar a representar uma memória, um testemunho de um tempo passado que o ficou a representar, estabelecendo a ponte de ligação entre o passado e o presente.<sup>40</sup>

Tal como Brian Dillon refere - “Considere-se o que a ruína significou, ou pode significar: um lembrete da realidade universal do colapso e destruição; um aviso do passado sobre o destino, do nosso ou de qualquer outra civilização; um ideal de beleza que é sedutor exatamente por causa de suas falhas e imperfeições; o símbolo de um certo estado melancólico ou divagante da mente; uma imagem de equilíbrio entre natureza e cultura; um memorial aos mortos de uma guerra antiga ou recente; a própria imagem da arrogância económica ou declínio industrial; um parque de jogos abandonado cujo recinto está rachado e infestado de ervas daninhas, onde temos espaço e tempo para imaginar um futuro.”<sup>41</sup>

Iniciando-se num processo de humanização da natureza, em função das necessidades do Homem, formalmente, pelo processo de degradação causado pelo tempo, a obra termina o seu ciclo num regresso à natureza que em determinados casos a leva a uma destruição total, caindo no esquecimento completo. No fundo é colocada em causa a capacidade do Homem de manipulação da natureza, neste momento em que a mesma se afirma e demonstra o seu poder, através da degradação dos edifícios e do surgimento de elementos como heras, musgos e outras plantas invasoras. Com isto, pode dizer-se que a ruína se aproxima de um sentido de humanidade, ao expor a sua fragilidade aproxima-se da realidade física do Homem, que na vez de ser entendida como uma constatação trágica, deve ser vista por uma perspectiva afirmativa da existência humana.

Conforme Chantal Blanc-Pamard e Jean Pierre Raison mencionam - “Testemunho do poder destrutivo do tempo e do triunfo da natureza sobre a cultura, as ruínas conferem todavia à paisagem uma

<sup>39</sup> PONTES, António; VARELA, João - **Reconversão de uma ruína no Gerês**. Évora: UE, 2012 - 2013. P. 3, 4

<sup>40</sup> LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2016. P. 25

<sup>41</sup> Tradução livre do autor. DILLON, Brian - **Ruin Lust**. London: Tate Britain, 2014. P.5



The Temple of Zeus, Dimitrios Constantinou, 1860

marca humana que as contém, abrindo-a para uma dimensão histórica. Tal como as peças de coleção, com as quais se assemelham pela falta de utilidade, as ruínas podem, na maior parte dos casos, desempenhar o seu próprio papel graças à imaginação que vê nelas um signo de acontecimentos do passado, investindo-as assim de valores particulares. As ruínas tornam-se portanto, fontes para o conhecimento histórico que, através de um processo de pesquisa que as leva à atribuição, extra, os dados relativos aos seus artífices. Ruína é também metáfora de caducidade e de finitude...<sup>42</sup>, segundo o mesmo, a ruína entra na paisagem pictórica infundindo nela um interesse humano, integrando segundo uma exigência absoluta - o espaço e o tempo, as duas coordenadas essenciais do espírito.

Contudo, sujeita a diversas interpretações e atribuições de diferentes significados, este elemento unificador entre a natureza e a arquitetura, por ser um material disponível e em aberto a novas construções, oferece um vazio indefinido ao olhar do Homem. A ruína também abre a possibilidade a novos fins que cortam o seu passado e lhe atribuem uma nova vida, confirmando a funcionalidade da arquitetura que emerge de um passado fragmentado, através da evocação à imaginação e à curiosidade que despertam no Homem. Este paradoxo entre as diferentes interpretações da ruína, pressupõe um discurso maioritariamente cultural, variando o seu valor objetivo e o seu poder sugestivo e evocativo.

Ainda que já no renascimento tenha havido um interesse em olhar para o passado, perceptível através das manifestações artísticas na pintura, escultura e arquitetura, como o caso da influência das cúpulas greco-romanas para a construção da cúpula da Basílica Santa Maria di Fiori por Brunelleschi<sup>43</sup>, as práticas de conservação do património surgem com a necessidade de preservar os bens inerentes a cada civilização, abrindo caminho às primeiras teorias de organização da memória coletiva. Estas práticas tiveram o seu início nos os finais do século XVIII, durante a viragem do feudalismo para o capitalismo, associadas também ao movimento cultural desta época - o Iluminismo. Enquanto que anteriormente a esse período o espólio antigo não tinha qualquer valor que não fosse o utilitário e que respondesse às necessidades do presente, com os modelos do pensamento Iluminista passou a haver uma ligação entre passado-presente-futuro que a época medieval não se preocupava em manter.<sup>44</sup> Nessa época, as famílias mais abastadas que não possuíam uma ruína autêntica para contemplar, produziam as suas próprias através de um processo artificial, utilizando-as para decorar os seus jardins. Neste período, dá-se uma preservação intensa de valores baseados numa perspectiva romântica de apego ao passado, onde se conciliam conceitos de nacionalismo e historicismo a que Paul Philippot apelidou de *nostalgia*.<sup>45</sup>

Em tempo de mudança torna-se fácil encontrar pensamentos e ideias em caminhos opostos, pouco coerentes entre si, dado que existem significativas transformações sociais a que uns reagem de forma mais conservadora e nostálgica manifestando-se numa vertente mais romântica, enquanto que outros de forma despojada e racionalista, voltada para um desenvolvimento linear do progresso. Com o aparecimento destas duas correntes de pensamento distintos (culturalista - progressista), surge um interesse mútuo pela memória, encarada na visão romântica como deslumbramento, muito associado à poesia. Aqui surge a figura de Giovanni Battista Piranesi (1720-1778), arqueólogo, arquiteto e ilustrador, distinguiu-se por ser uma das principais figuras culturais da época, cujas suas gravuras apelam à imaginação através da invenção e da fantasia. Conforme Daniela Filipa Leitão refere, “as suas visões panorâmicas e detalhadas das ruínas romanas, como por exemplo a *Vedute di Roma* (Vistas de Roma), despertaram a imaginação dos seus contemporâneos e influenciaram mais tarde, o pré-romanticismo e o «ruinismo» romântico.”<sup>46</sup> O poder da sua obra, seja pela quantidade produzida ou pela expressividade dos seus desenhos, convoca-nos para as suas espacialidades, despertando a imaginação para reanimar aquelas paisagens e aquelas personagens. Além das *Vedute di Roma*, que permitiram o conhecimento a inúmeras gerações acerca da Roma Antiga, Piranesi também foi autor de um conjunto de 16 gravuras, designadas por *Carceri d'invenzione* (Prisões Imaginárias)

---

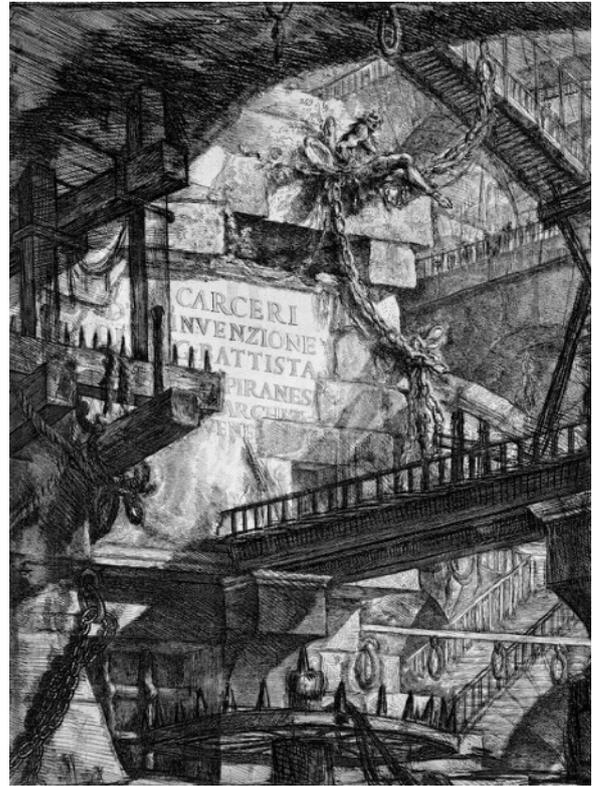
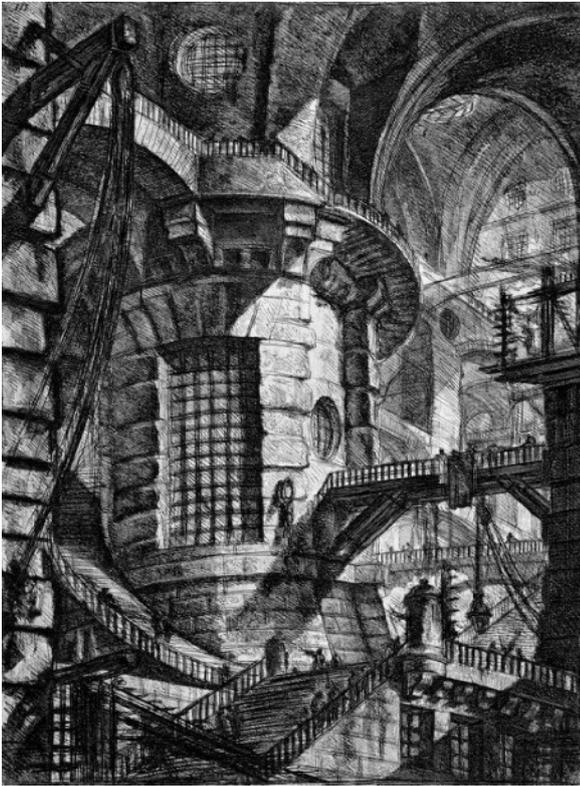
<sup>42</sup> CARENA, Carlo - **Ruína-Restauro**. Enciclopedia Einaudi, Lisboa: INCM - Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. P.129

<sup>43</sup> AMARANTE, Bruno - **A estética da ruína como poética**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, EBA. 2013.

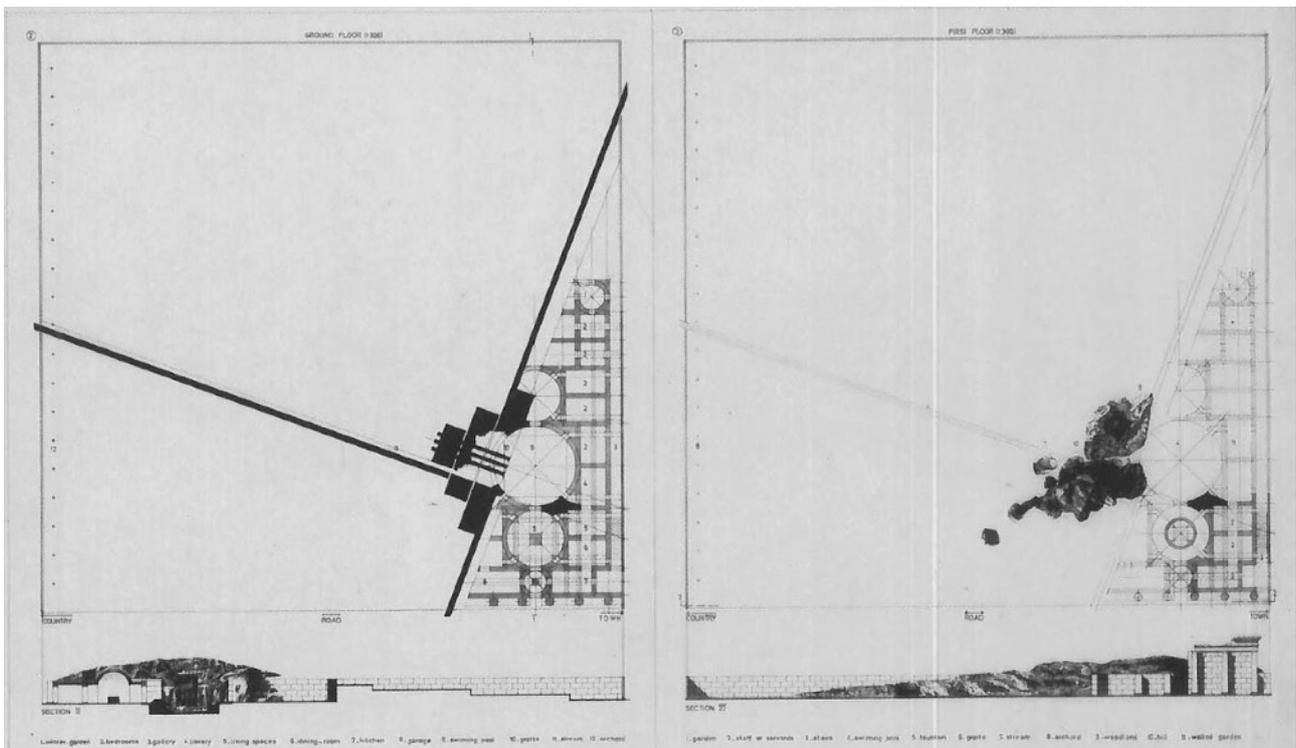
<sup>44</sup> LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2016. P. 50

<sup>45</sup> PHILIPPOT, Paul, Philosophy - **Criteria, Guidelines in Proceedings of the North American International Conference**. Pennsylvania, 1972. P. 367

<sup>46</sup> LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2016. P. 51



**Desenhos da série Carceri D'invenzione** - Conforme se pode ver, estas prisões, resultado da imaginação de Piranesi, continham espacialidades de escadas monumentais e fantasiosas. Giovanni Battista Piranesi. 1760-1762



**Desenhos da Casa para Karl Friedrich Schinkel** - Eduardo Souto de Moura. (Consult. 15.04.20) Disponível em <https://www.revistapunkto.com/2016/07/a-relacao-entre-teoria-e-pratica-em.html>

onde se podem observar espacialidades labirínticas de dimensões imaginárias tais como grandes escadarias e subterrâneos monumentais que por vezes não tinham função. As suas visões originais tornaram-se uma influência importante no aparecimento do movimento Romântico e do movimento Surrealista.<sup>47</sup>

Como parênteses à atualidade, demonstrando a intemporalidade do interesse em torno da ruína, um arquiteto no qual podemos observar diversos modos de abordar a mesma ao longo da sua obra é Eduardo Souto de Moura (1952 - ). São inúmeros os projetos que têm uma ruína como pré-existência e a sua pluralidade é comprovada pelas várias respostas do arquiteto, contudo, há um que se destaca pelo romantismo que também está patente na obra de Piranesi - *Casa para Karl Friedrich Schinkel*. Para Schinkel a arquitetura devia funcionar como o prolongamento da atividade construtora da natureza, não seguindo as suas formas, mas sim seguindo os seus princípios e os seus métodos. Um desses princípios é o processo que transforma um edifício em ruína, conduzindo o que é artificial de volta à natureza. Esta temática está patente na resposta de Eduardo Souto de Moura no projeto do concurso da casa de Schinkel realizado em 1979. A sua resposta, resultado da leitura que faz do mesmo, faz um contraponto entre uma linguagem clássica e uma paisagem industrial, representa a passagem do artificial à natureza pela recorrência a diversos arquétipos, como a ruína inventada a representar a marca do tempo, mas também a gruta, a *villa*, uma cascata, um bosque, um pomar e uma colina. O projeto resulta como um fragmento acoplado ao lugar dada a sua matriz clássica que se insere na refinaria petrolífera de Leça da Palmeira.<sup>48</sup>

Também na obra de Erik Gunnar Asplund (1885-1940), no seguimento de uma viagem realizada a Itália em 1913 na qual visitou ruínas gregas e romanas, se podem observar as influências das mesmas. O seu fascínio pela antiguidade está patente numa série de anotações e de desenhos feitos ao longo da viagem, como o caso do templo de Juno Lacinia em Agrigento que se tornou uma referência para mais tarde o arquiteto projetar o Crematório de Estocolmo. Acedido através de um percurso ascendente, como em Sicília, o pórtico do crematório concentra toda a simbologia figurativa dos templos, para além de formalmente também pelo modo como pontua o território. Neste pórtico Asplund funde poeticamente Grécia e Roma, quer pela analogia ao templo criada pelo pórtico, quer pelo *impluvium* criado sobre a escultura da *Ressurreição*.

Alvar Aalto (1898-1976), à semelhança de Erik Asplund também esteve em Agrigento, Delfos, Olímpia... Em Agrigento desenhou igualmente Juno Lacinia, com as mesmas colunas, na mesma paisagem ligadas entre si.<sup>49</sup> No teatro de Delfos, deixou representado nos seus esboços o modo como a marca humana se funde com a paisagem do lugar através da adaptação à topografia. Pode-se comprovar a importância e influência que estas ruínas tiveram para Alvar Aalto ao analisar o Grande Auditório da Escola de Ciência e Tecnologia da Aalto University, onde são evidentes as aproximações formais entre o auditório e um teatro Grego.

Durante o século XIX, a atenção sobre o património histórico edificado e a sua preservação teve início após a Revolução Francesa, na sequência dos estragos provocados na guerra, ao mesmo tempo que a Era Industrial ganhava terreno em Inglaterra. Assim, estes dois países, juntamente com Itália, vêm surgir os primeiros debates e preocupações viradas para as metodologias de restauro e conservação do património cultural, onde se destacaram figuras como Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879), natural de França e John Ruskin (1819-1900) de Inglaterra.<sup>50</sup>

## **Conceitos e políticas da conservação**

A figura de Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879) surge num contexto em que França necessitava de tomar medidas de forma a impedir o vandalismo que vivia no seguimento da Revolução Francesa. Arquiteto, historiador e teórico, integra uma comissão com o objetivo de fazer um levantamento criterioso de todas as edificações de com interesse patrimonial e das suas condições de conservação. Quando propõe a recuperação dos edifícios mais degradados, Viollet-le-Duc defende que se deve compreender a linguagem a que o mesmo

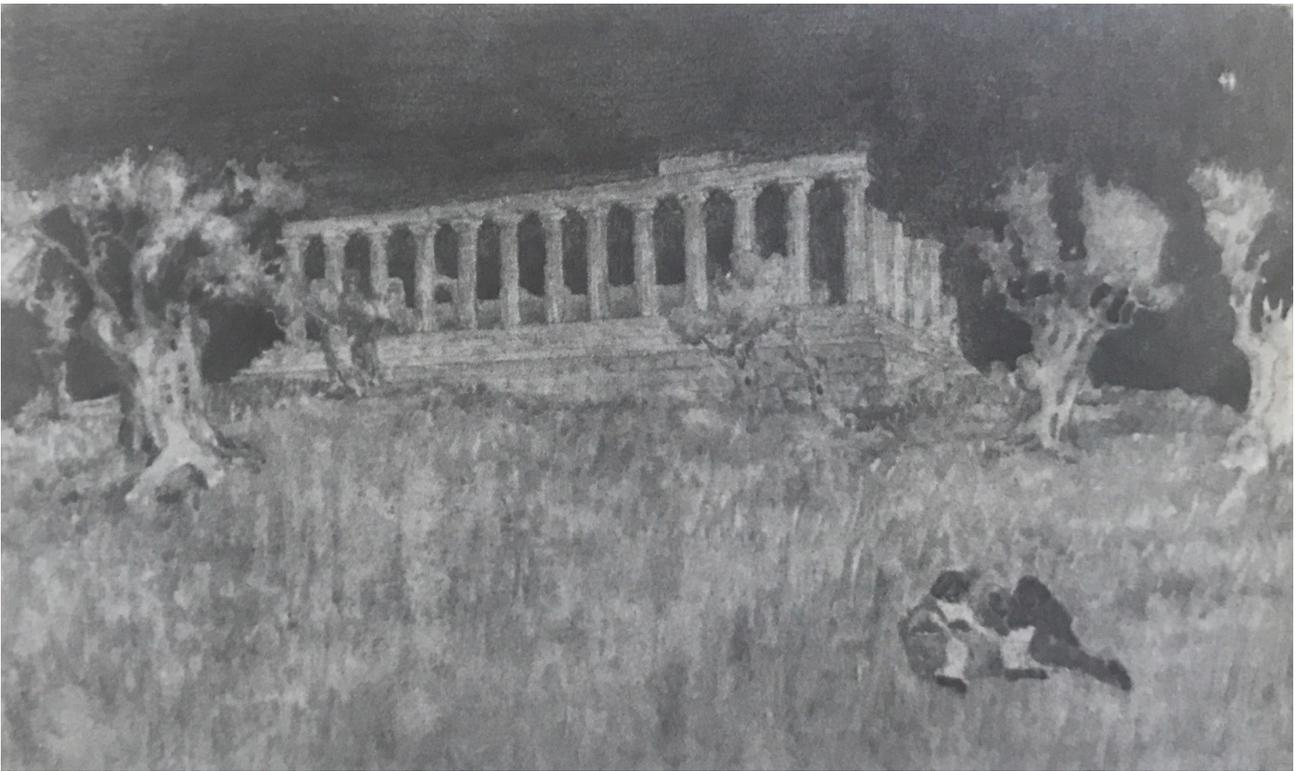
---

<sup>47</sup> SANTOS, Soraia - **A Reabilitação como Processo de Adição e Estratificação Contínua**. Dissertação de Mestrado, Matosinhos: ESAD, 2015. P. 29

<sup>48</sup> MOREIRA, Bruno - **Forma e Estrutura na obra de Eduardo Souto de Moura**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2007. P. 157

<sup>49</sup> USTÁRROZ, Alberto - **La lección de las Ruínas**. Barcelona: Fund. caja de arquitectos, 1997. P. 251

<sup>50</sup> LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2016. P. 53



**Aquarela em Agrigento** - Erik Gunnar Asplund. 1913.



**Grande Auditório da Escola de Ciência e Tecnologia da Aalto University**

pertence, de modo a poder retratar fielmente a sua época e o momento histórico no qual se insere de modo a conseguir reconstruir as partes que já não existiam. No fundo, defende um Restauro Estilístico que restitui o estado original do edifício.<sup>51</sup>

O objetivo desse Restauro Estilístico era repor o edifício na sua unidade estilística original, ainda que para isso necessitasse anular todas as intervenções feitas posteriormente. Para Viollet-le-Duc a historicidade do edifício é desvalorizada em função da reconstituição estilística do mesmo, permitindo a remoção dos acréscimos feitos em épocas distintas por serem inadequados e comprometerem a definição formal original do edifício. No fundo, a ideia Viollet-le-Duc é conduzir o edifício ao seu estado mais puro, necessitando o arquiteto responsável pela sua recuperação de se posicionar no lugar do arquiteto da obra original de modo a compreender as suas ideias e nunca deixar representado o seu cunho pessoal, necessitando para isto de ter um conhecimento pleno dos vários estilos arquitectónicos, embora desrespeite os posteriores ao primitivo.<sup>52</sup>

Conforme Viollet-le-Duc defendia, “Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento.”<sup>53</sup> Contudo, para que o seu pensamento não fosse sujeito a interpretações erradas, como se existisse um certo desejo de regresso ao passado, o autor referiu que na vez disso a sua ideia passava por aproveitar os seus ensinamentos, metodologias e princípios, assim como o tratamento arquitectónico da época, conforme disse, “Não que tenha nostalgia nas ruas infectas e tortuosas das nossas velhas cidades, (...) mas pelo menos no seu caos encontrava-se a marca do homem, do seu labor, das suas recordações, da sua história, qualquer coisa superior à marca do seu interesse material do presente (...)”.<sup>54</sup>

A despreocupação deste conceito para com a passagem do tempo e a autenticidade do edifício teve alguma resistência protagonizada por teóricos contemporâneos, como o crítico inglês John Ruskin (1819-1900), que testemunha a mesma Revolução Industrial que Viollet-le-Duc, à qual responde com uma oposição à precisão do mecanismo e ao desaparecimento do trabalho manual que deu origem ao movimento *Arts and Crafts*. Na temática da conservação a sua posição vai ao encontro do Romantismo inglês, no qual a arquitetura é também um testemunho da passagem do tempo e apenas deve ser modificada pelo mesmo. Para John Ruskin, a arquitetura e a natureza contêm semelhanças, de maneira que um edifício deveria ser conservado como um ser vivo, admitindo com toda a naturalidade o fim da sua vida e a respetiva destruição. Este culto pela ruína é característico do período romântico, assim como o culto pela natureza que originou uma nova qualidade artística, renegando qualquer restauro independente do seu propósito.

John Ruskin insere-se na vertente mais conservadora da restauração, considerando que um edifício é intocável, sagrado e qualquer intervenção é um sacrilégio. Segundo o mesmo, restaurar um edifício é destruí-lo, sendo preferível manter uma ruína do que tentar restaurá-la. Defende que ao longo da vida do edifício, apenas seriam toleradas obras de manutenção de modo a evitar degradações, contudo, essas obras rejeitam qualquer intervenção estilística que altere a obra original, devendo manter a singularidade e genuinidade da cada edifício. Conforme refere no seu tratado, *The Seven Lamps Of Architecture*, “Take proper care of your monuments, and you will not need to restore them. (...) But, it is said, there may come a necessity for restoration! Granted. Look the necessity full in the face, and understand it on its own terms”<sup>55</sup>. No seguimento desta ideologia, em conjunto com William Morris (1834-1896) defendem o conceito de Restauro Romântico, no qual o monumento teria que se manter leal à sua época e ao seu autor, sendo apenas modificado pela passagem do tempo.<sup>56</sup>

---

<sup>51</sup> LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2016. P. 55

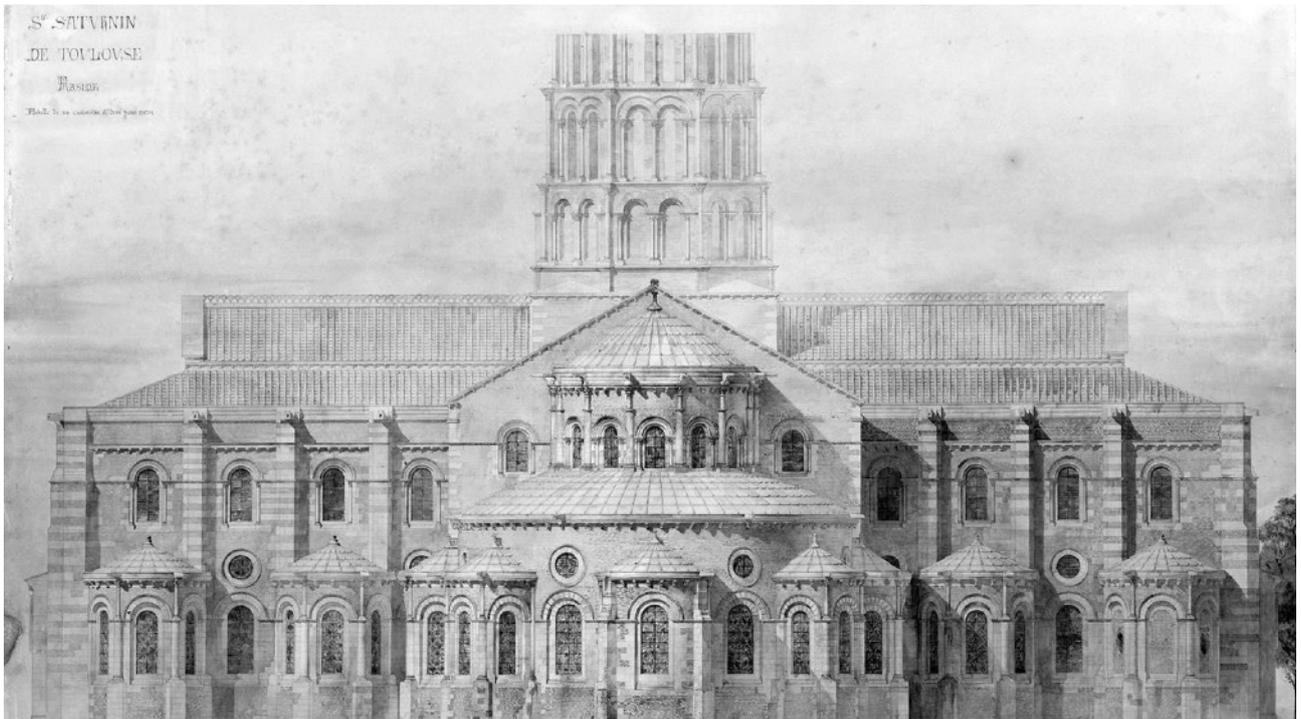
<sup>52</sup> LUÍS, Nácia. **Refuncionalização da Arquitetura, Abordagens Patrimoniais na Cidade**. Dissertação de Mestrado, ISCTE-IUL, 2016. P. 43-44.

<sup>53</sup> VIOLLET-LE-DUC, Eugène - **Restauro**. Granja Viana: Ateliê, 2013. P. 29

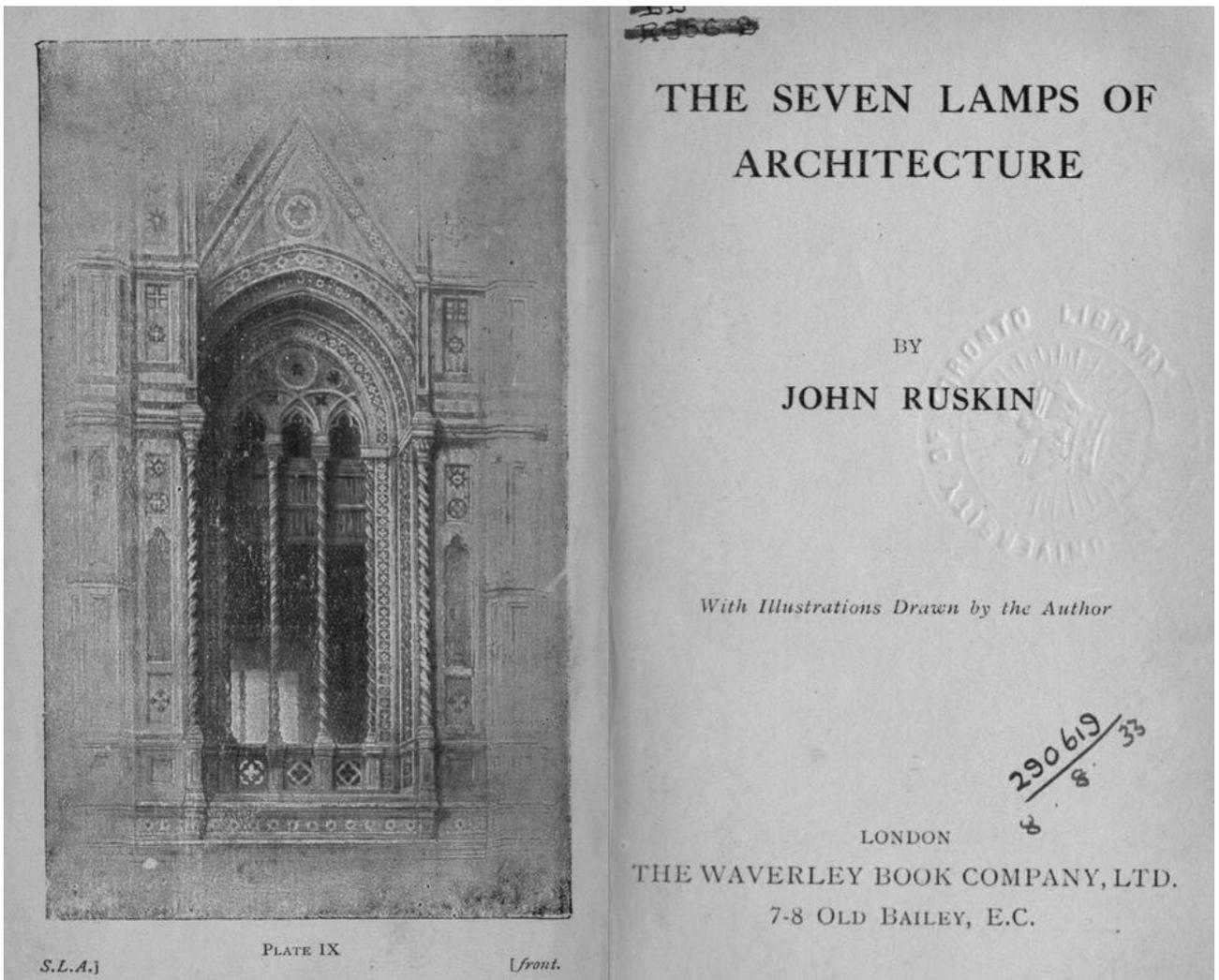
<sup>54</sup> VIOLLET-LE-DUC, Eugène, cit. Por CHOAY, Françoise. **As Questões do Património - Antologia para um Combate**. Edições 70, 2011. P. 188.

<sup>55</sup> RUSKIN, John. The Lamp of Memory in **The Seven Lamps Of Architecture**. Kent: George Allen, 1880. P. 197

<sup>56</sup> LUÍS, Nácia. **Refuncionalização da Arquitetura, Abordagens Patrimoniais na Cidade**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. P. 44-45



Igreja de St. Sernin - Desenho de Eugène Viollet-le-Duc.



The Seven Lamps of Architecture - John Ruskin. 1849

Ainda no seu tratado, *John Ruskin* refere-se a um monumento como obra de arte do passado e aprofunda a sua visão anti-intervencionista acerca do tema, acreditando que a grandiosidade do edifício apenas permanece se se mantiver intocado, numa perspectiva de admiração contemplativa, porque só assim respeita a memória que vem do passado aos dias correntes. Conforme refere, “We have no right whatever to touch them. They are not ours. They belong partly to those who built them, and partly to all the generations of mankind who are to follow us ...”.<sup>57</sup>

Para além dos arquitetos que desenvolveram teorias acerca do tema, também os Estados se preocuparam em desenvolver convenções doutrinárias internacionais, começando na Europa e mais tarde alastrando-se ao resto do Mundo, que criam um conjunto de princípios coerentes entre si e que orientam as intervenções no património arquitetónico. De uma série de documentos produzidos ao longo do tempo, iniciando-se nos anos 30 do século passado, destacam-se a *Carta de Atenas*, *Carta de Veneza* e *Carta de Cracóvia*.<sup>58</sup>

Foi na Conferência Internacional de Atenas, em 1931, que os princípios defendidos por Gustavo Giovannoni (1873 - 1947) acerca do tema da conservação tiveram tamanho destaque, contribuindo para a concretização da chamada *Carta de Atenas*. Giovannoni defendia o progresso técnico e cultural da sociedade, mas sem perder a identidade e a memória da cidade antiga, mantendo a harmonia com a cidade nova, numa época em que crescia um conceito de racionalização absoluta, que propunha um homem livre de laços sentimentais para com o passado, com um olhar em prol da mecanização e da produção em massa - conceito que foi levado ao limite por Le Corbusier (1887 - 1965).<sup>59</sup>

Após a vasta destruição provocada pela Segunda Guerra Mundial, houve a necessidade de rever a posição tomada na área da preservação e do restauro, considerando-se que a Carta de Atenas não respondia às necessidades resultantes da destruição de diversos monumentos com valor artístico e cultural. Na necessidade de inovar, abre-se novamente o debate em torno do tema, também devido à urgência da recuperação das cidades, que teve lugar na Conferência de Veneza, resultando da *Carta de Veneza* de 1964, que se veio a tornar numa das mais importantes referências na área da reabilitação.<sup>60</sup> Esta carta defende que qualquer intervenção nova num edifício deve ser facilmente distinguida da pré-existência, contribuindo para a sua compreensão e de modo a que se percebam as diversas fases de diversas épocas da história do edifício.

Já no decorrer dos anos 80 e 90 desse mesmo século, com a evolução política, social e cultural, começaram a ser colocados em causa os resultados da Carta de Veneza, levando a que, no ano 2000 fosse realizada a Conferência Internacional sobre Conservação em Cracóvia, resultando numa nova carta - *Carta de Cracóvia*. Ainda que não difira muito da carta anterior, levantou algumas questões relativamente à intervenção no património, nomeadamente em jardins, conjuntos urbanos e valores arqueológicos.<sup>61</sup>

---

<sup>57</sup> RUSKIN, John. *The Lamp of Memory in The Seven Lamps Of Architecture*. Kent: George Allen, 1880. P. 197

<sup>58</sup> VAZ, Raquel - **Património: Intervir ou Interferir?**. Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC, 2009. P. 37

<sup>59</sup> LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Porto, FAUP, 2016. P. 69

<sup>60</sup> LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2016. P. 74

<sup>61</sup> LUÍS, Nádía. **Refuncionalização da Arquitetura, Abordagens Patrimoniais na Cidade**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. P. 51-52

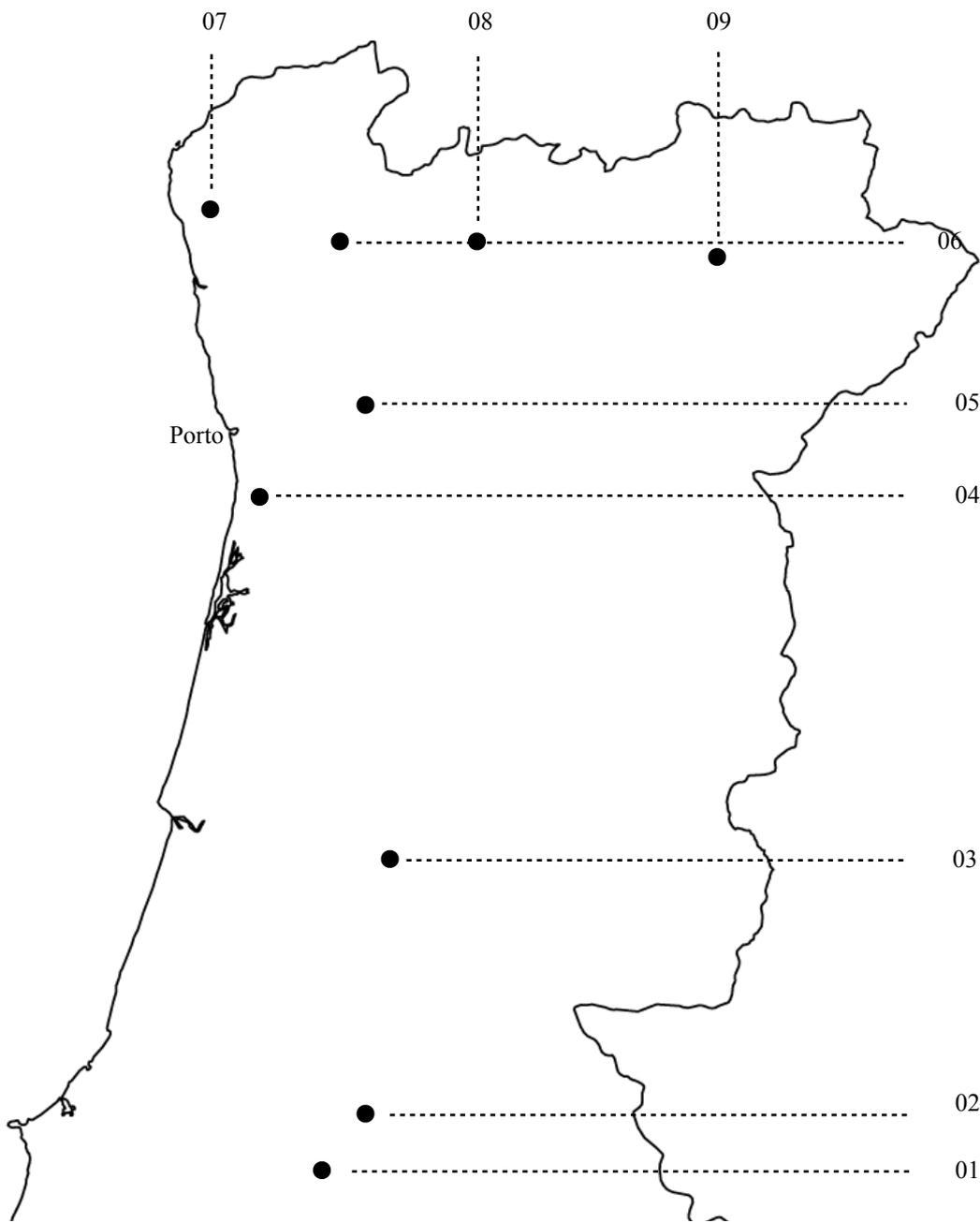


Cidade de Dresden após o bombardeio durante a Segunda Guerra Mundial em Fevereiro de 1945.

## Diário de Viagem

“Álvaro Siza profundo admirador da arquitectura de Andrea Palladio, refere que «no Renascimento houve as viagens a Roma e nos séculos XVIII e XIX as viagens a Itália», chamando a atenção para o facto de ter existido sempre «uma necessidade na aprendizagem desse contacto directo, dessa continuidade». Por isso consideramos que Siza nos dá a lição maior da viagem, isto é, a consciência de que «o que está na base da invenção é em grande medida o que está para trás e, depois, as circunstâncias do novo contexto histórico». Logo, essa viagem não o é apenas no espaço, mas também no tempo, sendo através dela que se desenha o arco temporal que vai do passado, «o que está para trás», e o presente, “as circunstâncias do novo contexto histórico”. A viagem é nesta acepção, configuradora de identidade, de identidade arquitectónica.”<sup>62</sup>

Dada a importância das viagens da prática de arquitetura, conforme é referido na transcrição que se antecede de Paula André na Revista *Temporalidades*, como complemento ao estudo teórico realizado e como investigação para o projeto a desenvolver na Quinta da Graça, foi desenhada uma viagem, sobretudo pelo norte do país, onde se visitou diversas obras de reabilitação na qual ocorre um diálogo entre uma pré-existência e uma intervenção contemporânea, tais como - *Mosteiro de Santa Maria do Bouro*; *Termas Romanas de São Pedro do Sul*; *Pousada Santa Marinha da Costa*; *Ruína no Gerês*; *Museu Abade Pedrosa*; *Pousada de Flor da Rosa*; *Herdade de Torre de Palma e Vidago Palace*. Durante esta viagem foram registadas anotações, esboços e fotografias acerca de todas as obras visitadas e que se precedem nesta dissertação em formato de diário.



Ainda em Castelo de Vide, foi feito um estudo acerca de cada uma das obras a visitar, de modo a tirar a máxima rentabilidade possível durante a viagem por levar desde logo um conhecimento maior de cada um dos projetos a analisar. Esse estudo refletiu-se numa pequena introdução que é feita acerca de cada projeto, no diário, onde se procurou ter, quando possível, transcrições diretas do arquiteto em causa. Como complemento a esta análise teórica, o diário contém também fotografias históricas, facilmente identificáveis, que por vezes surgem ao lado de fotografias atuais e alguns desenhos técnicos dos projetos de reabilitação. O Mosteiro de Flor da Rosa e a Herdade Torre de Palma foram projetos excepcionais, no sentido em que por se localizarem relativamente próximos de minha casa não foram visitados nos dias em que a viagem decorreu, mas sim em dias independentes.

A viagem teve início na manhã de dia 6 de Agosto e finalizou-se ao fim do dia 9 de Agosto, realizada na companhia de dois colegas de curso, a primeira noite foi passada em Guimarães e as restantes em Braga. Uma vez que estávamos no norte, e nem todos os anos temos a possibilidade de pernoitar por aquela zona, decidiu-se aproveitar para visitar também outras obras (referidas ao longo do diário) que, embora não tenham a ver com o tema da presente dissertação, nos despertavam interesse em conhecer.

Importa referir que a situação excepcional que se atravessa (pandemia provocada pelo COVID-19) prejudicou e dificultou o acesso a determinados edifícios, que se reflete na ausência de fotografias interiores.

<b>Mosteiro de Flor da Rosa</b>	- João Luís Carrilho da Graça	- 01
<b>Herdade de Torre de Palma</b>	- João Mendes Ribeiro	- 02
<b>Termas Romanas de São Pedro do Sul</b>	- João Mendes Ribeiro	- 03
<b>Museu Abade Pedrosa</b>	- Álvaro Siza Vieira + Eduardo Souto de Moura	- 04
<b>Mosteiro de Santa Marinha da Costa</b>	- Fernando Távora	- 05
<b>Mosteiro de Santa Maria do Bouro</b>	- Eduardo Souto de Moura	- 06
<b>Escola Agrária de Ponte de Lima</b>	- Fernando Távora	- 07
<b>Ruína no Gerês</b>	- Eduardo Souto de Moura	- 08
<b>Vidago Palace</b>	- Álvaro Siza Vieira	- 09

## **DIÁRIO**

DIA 6 (DORMIDA GUIMARÃES)

- CASTELO DE VIDE
- LEIPIA
- S.º PEDRO DO SUL
- SANTO TIRSO
- GUIMARÃES

DIA 8 (DORMIDA E BRAGA)

- BOURO (SANTA MARIA)
- PONTE DE LIMA
- VIANA DO CASTELO

OBRAS 

DIA 6

- ~~MOINHO~~ DO PAREL (SIZA)
- FERREAS ROMANAS S. P. S.
- MUSEU AMA DE PEDROSA
- CASA CARLOS SIZA
- QUARTEL DE MOMBREIROS SANTO. P.

DIA 8

- SANTA MARIA DO MOUNO
- ESCOLA AGRÁRIA DE PONTE DE L.
- BIBLIOTECA VIANA DO CASTELO
- (TRIMUNAL DE " " " |
- (CENTRO CULTURAL DE " " " |
- SANTA LUZIA

DIA 7 (DORMIDA EM BRAGA)

- GUIMARÃES
- BRAGA

DIA 9

- GÊRÊS
- VIEIRA DO MINHO
- VIMARO
- PEREAS SALGADAS
- COIMBA
- CASTELO DE VIDE

DIA 7

- SANTA MARINHA DA COSTA
- Pousada GUIMARÃES (PEDRO P.)
- FACULDADE DE ARQ DO MINHO
- PARQUE CONDESSA MUMARONA
- ESTÁDIO DE BRAGA
- BOM JESUS DE BRAGA
- SAMEIRO

DIA 9

- RUÍNA NO GÊRÊS (Souto)
- VIMARO PALAÇA
- PARQUE PEREAS SALGADAS

## Mosteiro de Flor da Rosa

João Luís Carrilho da Graça: 1990-1994

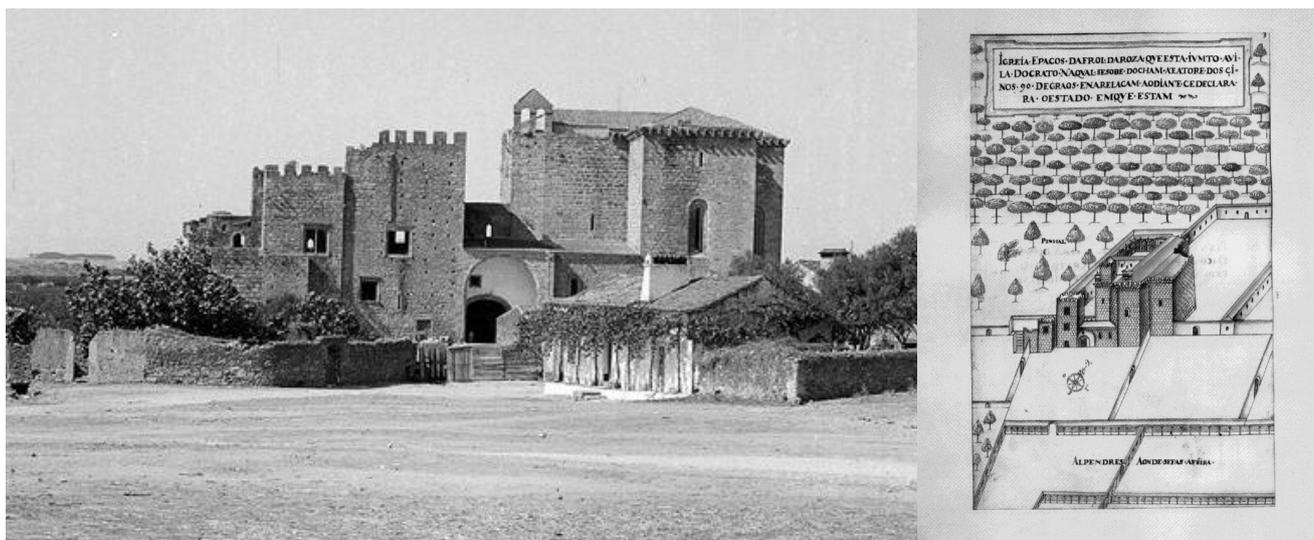
A construção do mosteiro remonta à segunda metade do séc. XIV quando, Frei Álvaro Gonçalves Pereira, Prior da Ordem do Hospital, demonstra a sua intenção de edificar no Crato, para onde tinha sido transferida a sede da Ordem do Hospital em 1340, um mosteiro onde viria a residir.<sup>63</sup>

“A insólita implantação na planície, a hibridez do carácter – guerreiro, monástico e palaciano – o claustro mediterrâneo e a torre setentrional constroem o enigma.

A primeira vista é labiríntica. Mais tarde podem ir-se descobrindo a luz e a altura da igreja, as pedras e as suas relações. O entrecocar de fragmentos de épocas tão diversas é unificado pelo granito. Os arqueólogos dizem-nos que desde o séc. XIII e entrecortadamente até hoje, sempre se desenrolaram obras no mosteiro. Nos anos quarenta do nosso século estava o edifício quase totalmente arruinado, com a igreja destruída.

Apesar de tudo o que agora encontramos, parece-nos bastante perfeito. Perfeito como objecto de contemplação e visita. Até a falta das caixilharias nos vãos sublinha a harmonia da sua respiração. A obra desenrola-se. A arqueologia ensina-nos a olhar para as pedras. O objectivo do projecto é intensificar a possibilidade de visita do edifício existente, privatizando-o e ocupando-o menos possível, relendo-o e abrindo-o a novas leituras.”<sup>64</sup>

A entrada principal dá acesso a um átrio onde podemos directamente aceder à antiga igreja e ao claustro. A igreja é caracterizada pelo elevado pé direito e pela ausência de adornos. Em seguida, segue-se o claustro de planta quadrada, rodeado pela igreja, pela recepção e por uma zona de exposição. Na zona da recepção podemos contemplar o diálogo entre a pré-existência e o contemporâneo, através de um grande envidraçado, dando a percepção de que os dois volumes não se tocam.



<sup>63</sup> SOUSA, Isabel - **Intervir no património**. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2013. P. 91-94

<sup>64</sup> GRAÇA, João Luís Carrilho da - **A Arquitectura, in Pousada Flor da Rosa**. ENATUR: Empresa Nacional de Turismo, S.A. 2001.



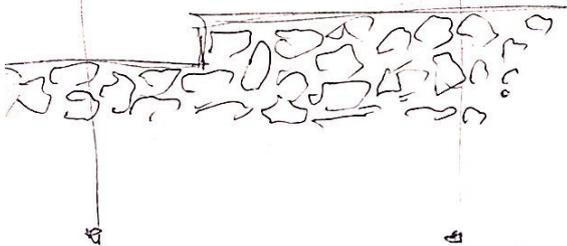
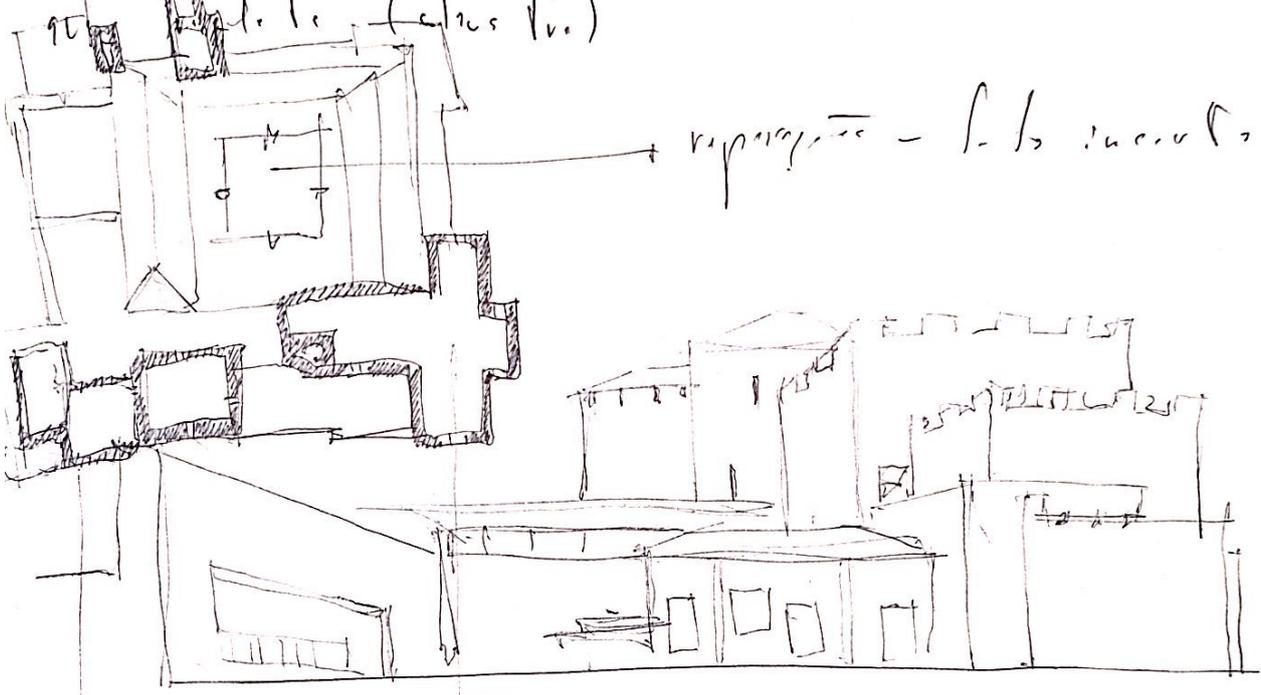






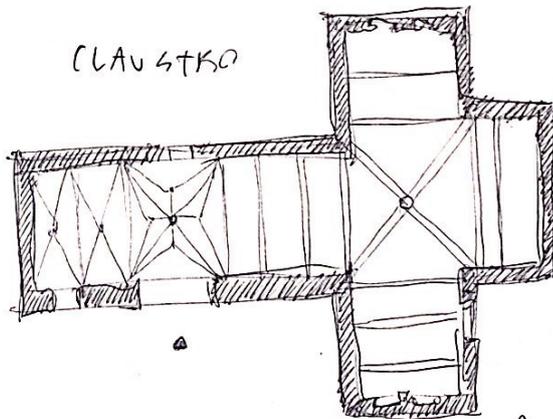
# Masleira do Crato

- sem lajeua e ar na claustro + sem lajeua mística
- entrada pelo lado da Abadia onde se encontra o "Arco da Mística" da masleira.
- cantos das janelas em ferro, escadas de madeira e vitrais



Sic. XIII - XIV

2ª m. d. l. l.  
Sic. XIV

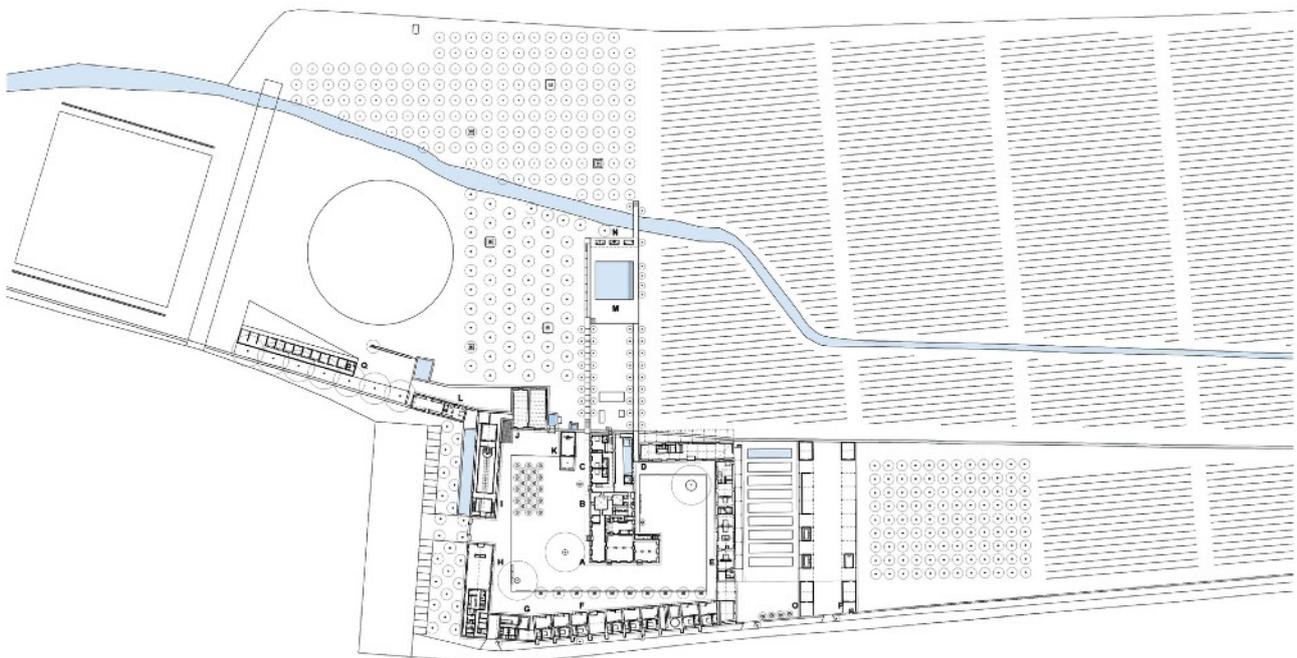


PLANTA DE REÇOS

“Integrada na paisagem de grandes planícies do Alto Alentejo, a Herdade de Torre de Palma, em Vaiamonte, inclui uma extensão de terreno agrícola e um núcleo edificado de escala considerável circunscrito no lado sudeste da propriedade. ... A intervenção incluiu tanto a recuperação e remodelação do conjunto de edifícios preexistente como a construção de raiz de um conjunto de novos edifícios, baseada em gestos claros, precisos e sensíveis às características do lugar.”

“Os edifícios construídos de raiz têm duas naturezas distintas: edifícios que substituem antigas construções - degradadas e sem interesse patrimonial ou arquitetônico - e edifícios que se implantam segundo novas regras, fora do núcleo original.”

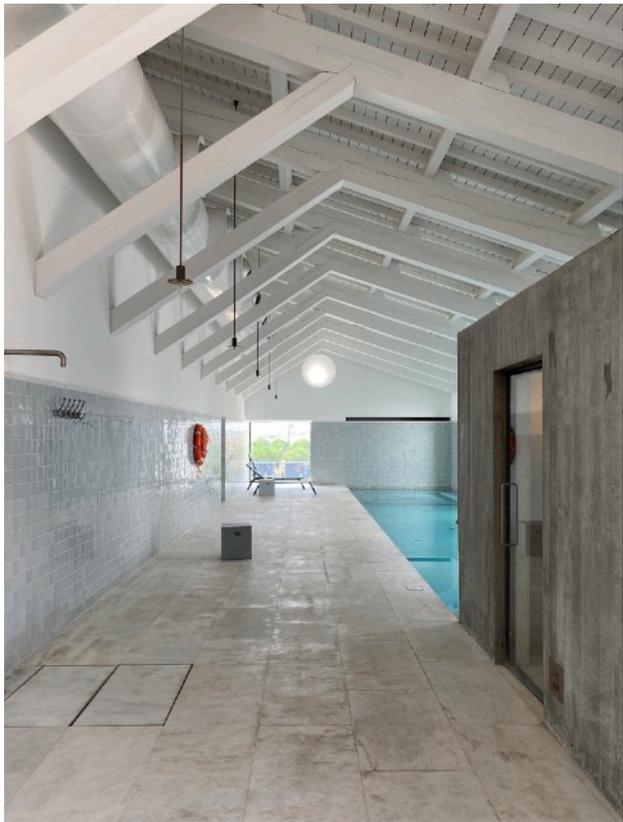
“Na generalidade, o terreno manteve a sua morfologia e características originais, com variações pontuais consoante a especificidade de cada área da Herdade. No interior do núcleo edificado, o terreno foi regularizado - unificando o conjunto - com pavimento em saibro na área central, delimitado por um perímetro de calçada de mármore branco de Estremoz e uma zona de caleira contínua, com seixo rolado, em torno dos edifícios. No exterior do núcleo edificado principal, foram criadas cinco áreas distintas: uma zona de vinha ao longo da levada, uma zona de olival junto à piscina, uma horta biológica cultivada em canteiros e um pomar, junto aos armazéns agrícolas e ainda uma zona de prado, a oeste, associada à cavalaria e ao picadeiro.”<sup>65</sup>



<sup>65</sup> **Intervenção na Herdade Torre de Palma** - João Mendes Ribeiro. (Consult. 13.07.20) Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/757231/intervencao-na-herdade-de-torre-de-palma-joao-mendes-ribeiro>



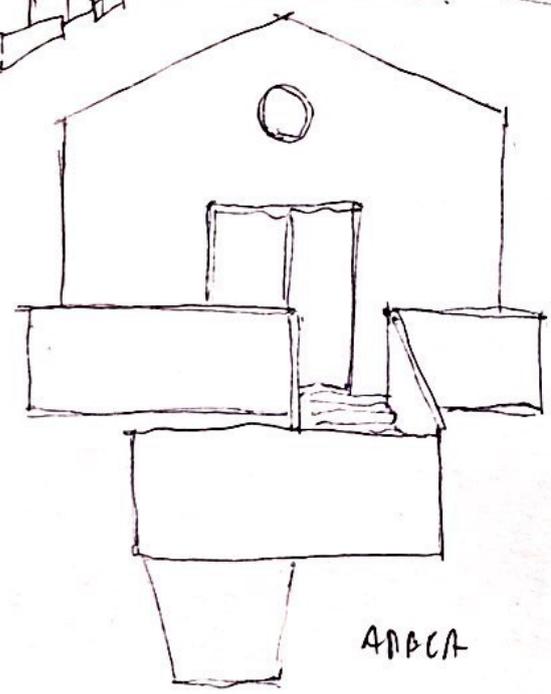
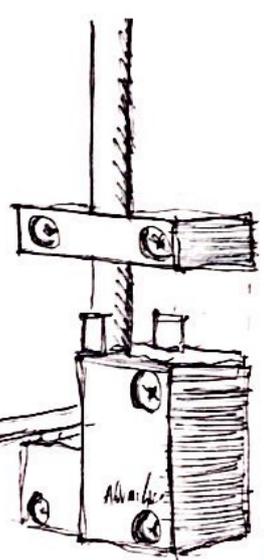




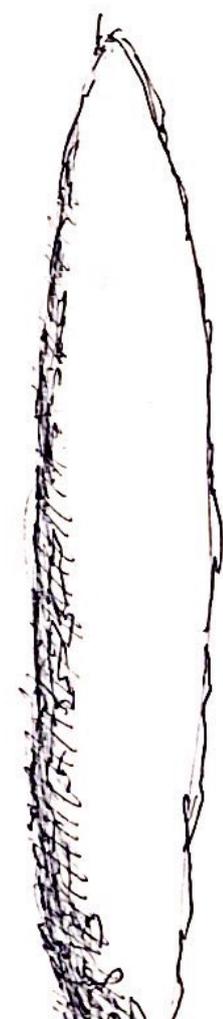
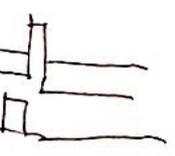
GRANDE VILLE DE PALMA



CARREIRO DO  
SANTA VIRGIA



ARACA



**6 DE AGOSTO**



A caminho de São Pedro do Sul passou-se em Leiria onde se visitou o Moinho de Papel, reabilitado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira.

“A contínua utilização do edifício como local de tratamentos termais, bem como a proteção de que foi alvo por parte dos monarcas portugueses, ajudou a preservá-lo da destruição. Mesmo já no séc. XX, em que deixou de ser utilizado como balneário, foi ininterruptamente ocupado. Na década de 30 funcionou ali uma Escola Primária, e nos anos 70 o espaço chegou a ser utilizado como café. O abandono e degradação começaram na década de 1980, quando passou a servir como armazém de barcos. Os sinais desta longa e diversificada ocupação ficaram marcados um pouco por toda a estrutura, com pequenas modificações como o rasgar de uma porta ou o entaipar de um vão. No entanto, a estrutura romana inicial prevaleceu, mantendo-se ainda grande parte da altura das paredes e os arranques das coberturas de época romana.

O projeto de valorização, reabilitação e conservação teve como base a recuperação do edifício, propondo a intervenção mínima necessária para a sua utilização e correta perceção. A recuperação das características mais marcantes do ambiente do período romano foi trabalhada a partir da escala, da luz e da presença da água.

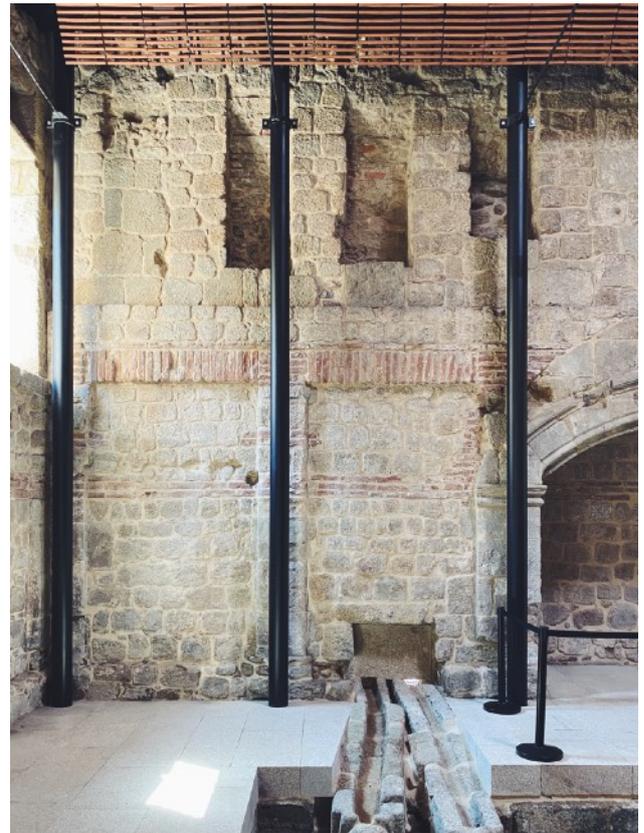
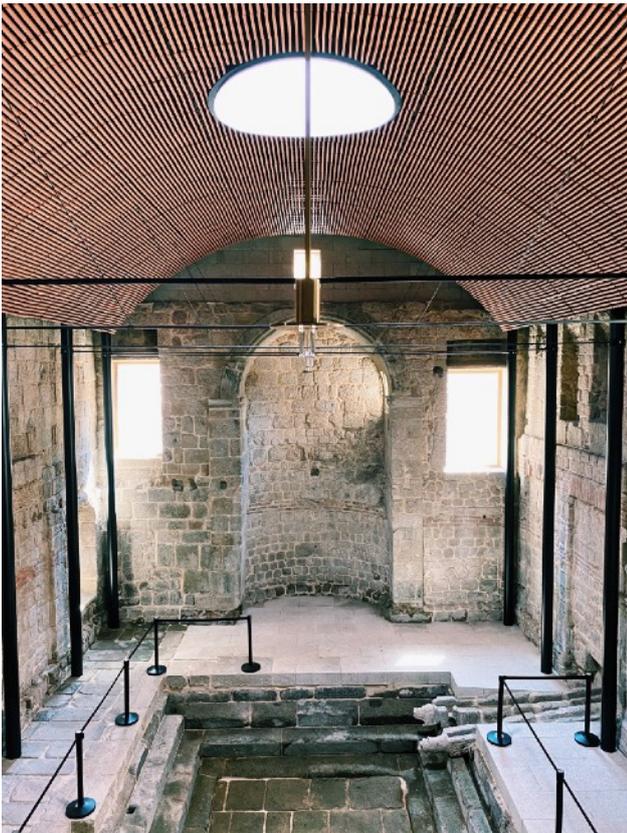
No primeiro volume, a nascente, recuperaram-se as dimensões originais, os sistemas construtivos e os materiais tradicionais. Recuperou-se, ainda, a geometria da fachada, nomeadamente a métrica de cheios e vazios, reconstruindo as paredes que ruíram. No volume a poente, que constitui o edifício de origem romana, optou-se por manter a ideia de ruína, trabalhada quer como vestígio arqueológico, quer como matéria expositiva.

A importância da água no edifício termal é resgatada, voltando a ser o elemento central do espaço. Esta recuperação é feita na tentativa de recriar a atmosfera termal romana, imprescindível para a compreensão e leitura do espaço. O sistema de captação e condução da água é recuperado, permitindo que exista um circuito hidráulico por todo o edifício, associado a uma ideia de percurso. A água adquire assim uma conotação lúdica, cruzando-se com a história e a gravidade do edifício preexistente, numa nova leitura baseada em relações visuais e auditivas, indiciando percursos ou antevendo espaços.”<sup>66</sup>



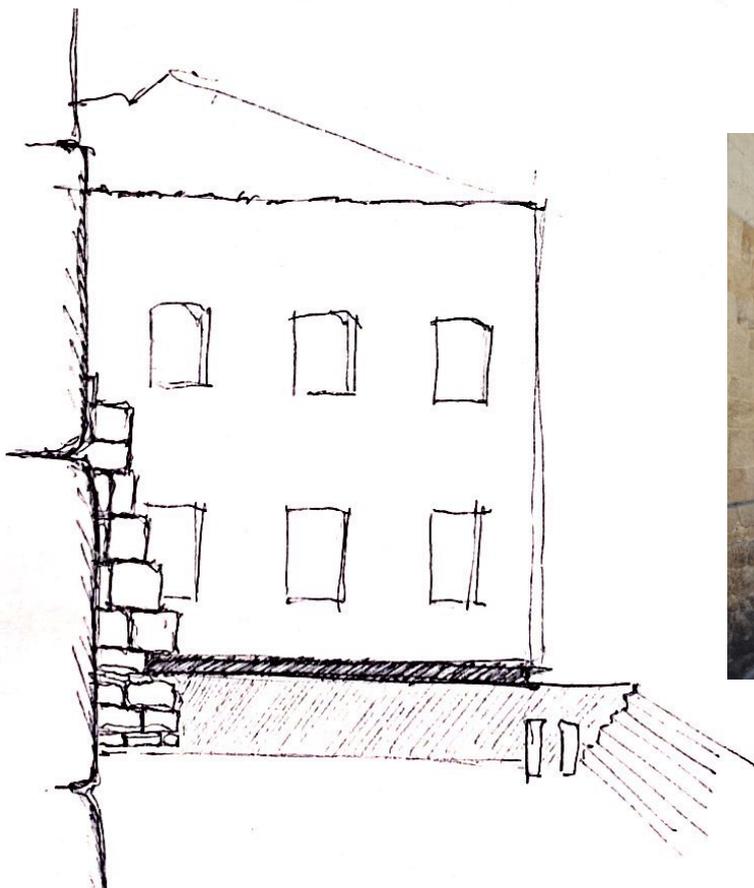
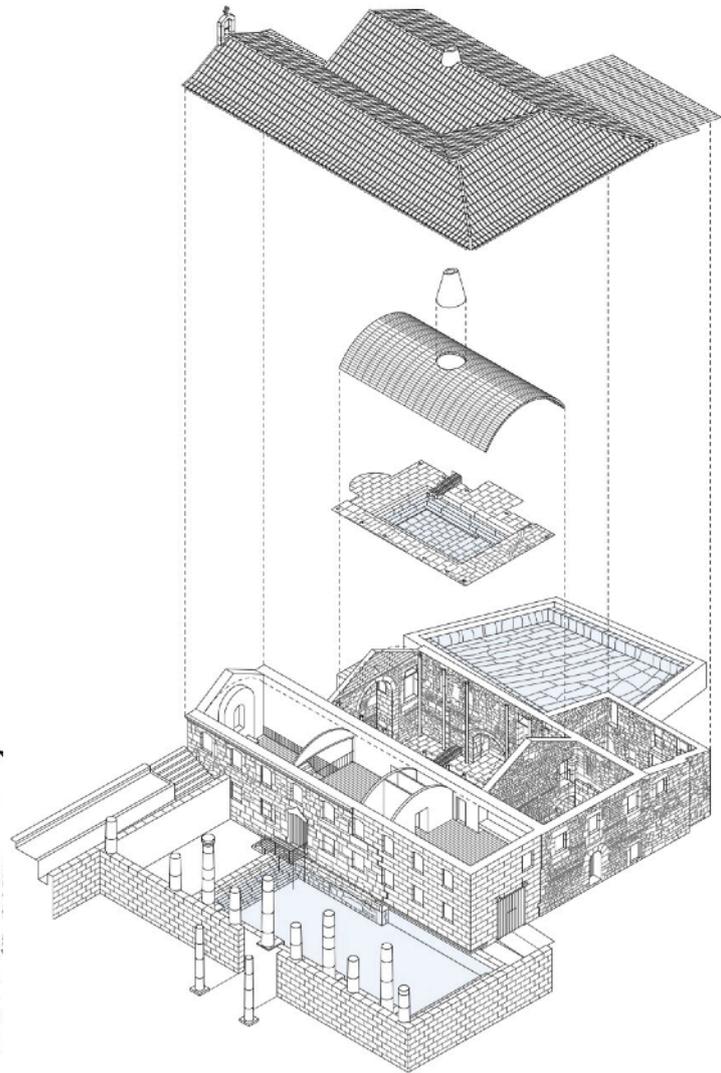
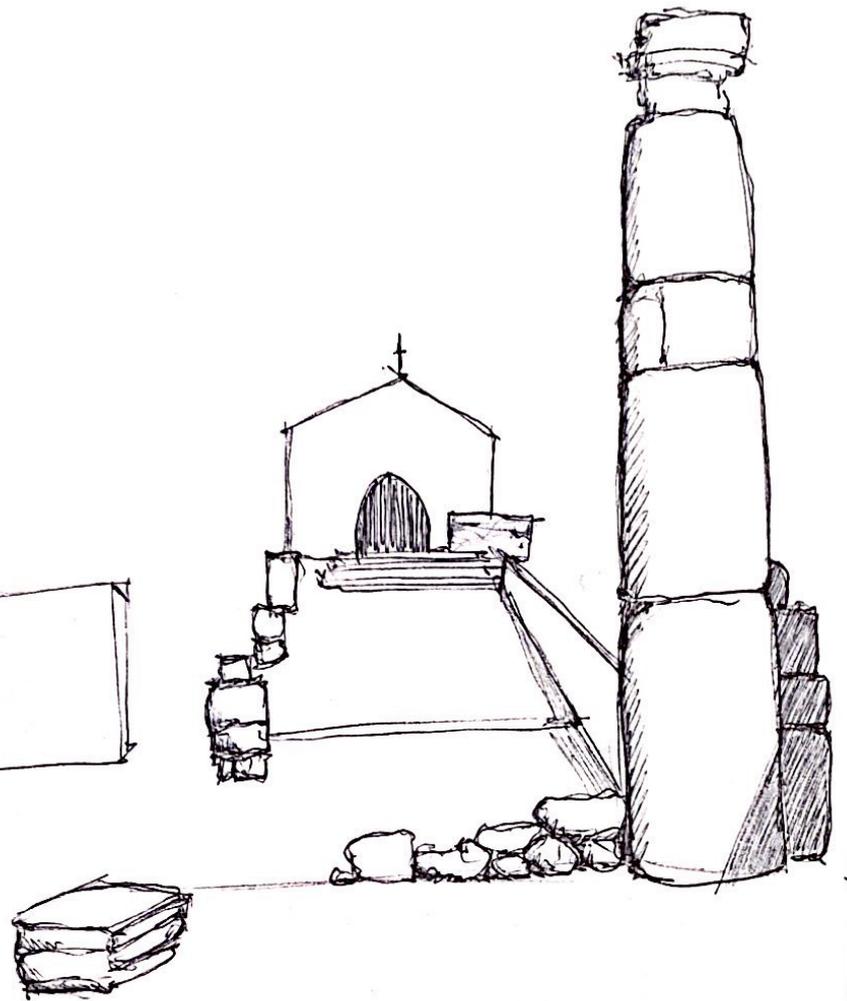
<sup>66</sup> **Projeto de Valorização, Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de S. Pedro do Sul** - João Mendes Ribeiro. (Consult. 15.07.20) Disponível em <http://www.construcaomagazine.pt/noticias/projeto-de-valorizacao-conservacao-e-reabilitacao-das-termas-rom/>





È vero, e anche ha lo que aiuta a percepire  
 quella che sono e especially la la quale spazio,  
 ha inteso il più le forme assieme la mente  
 contemporaneo della i fronte, costruzione utilizza.



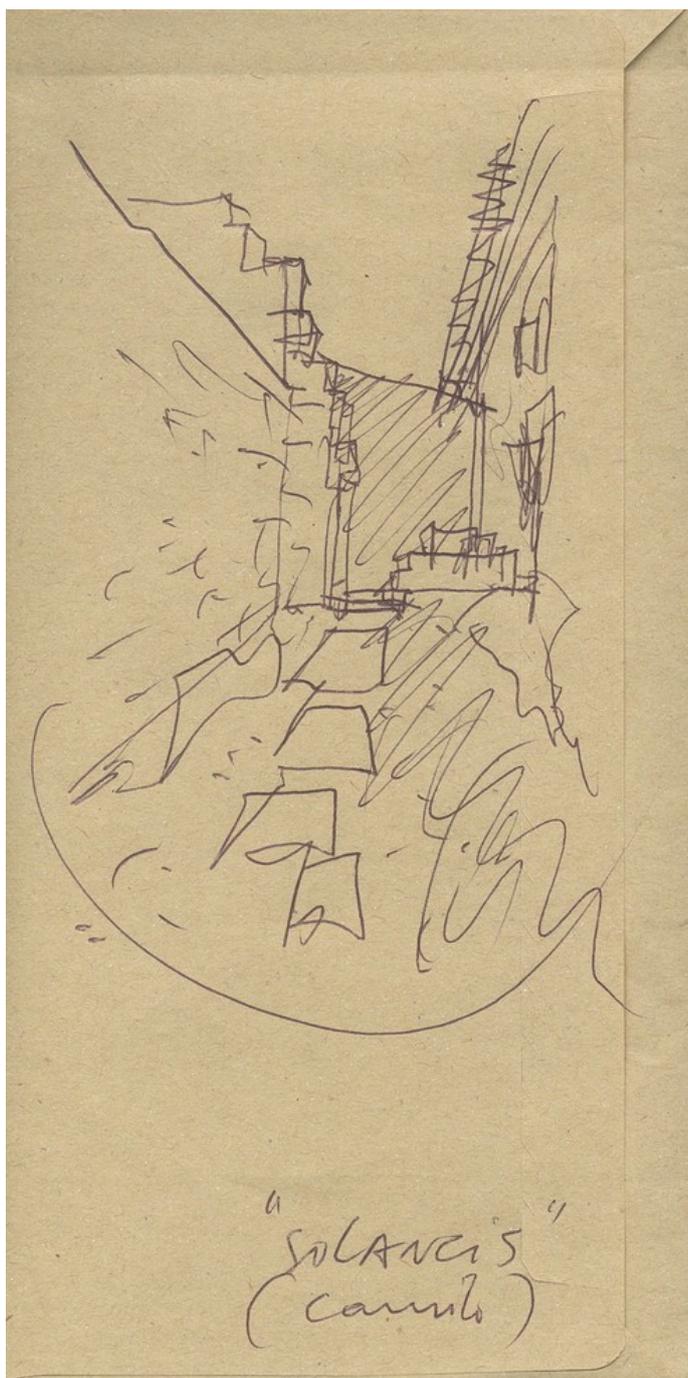


“Respeitando e seguindo o programa preliminar entregue pela Câmara, a proposta assenta na construção dum edifício novo para albergar o acervo do MIEC e na requalificação do edifício onde neste momento funciona o MMAP. A ligação entre os dois edifícios é pontual e apesar de os ligar funcionalmente, permite mantê-los independentes na forma e linguagem. O objectivo é aceder aos dois Museus por uma entrada comum através do novo edifício. Pretende-se, com esta abordagem, criar um serviço de atendimento único –Átrio- com acesso aos dois Museus que, apesar de terem programas distintos, partilham algumas áreas em comum.

O Mosteiro de S. Bento definiu desde o início as premissas da volumetria do novo Museu. O novo edifício encontrou o limite inferior da cornija do Mosteiro como a sua cota máxima, de modo a não perturbar nem a sobrepor-se a este edifício histórico com o qual terá que estabelecer uma relação de continuidade física. Esta ligação é feita através de um “braço” que parte do volume principal. Para esta ligação se realizar, será demolido o anexo aí existente que, a nosso ver, não dignifica a imagem do Mosteiro de S. Bento.

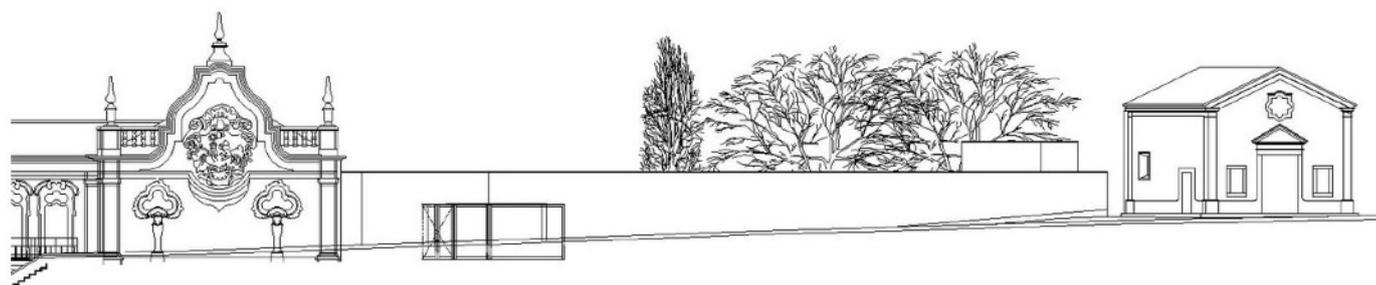
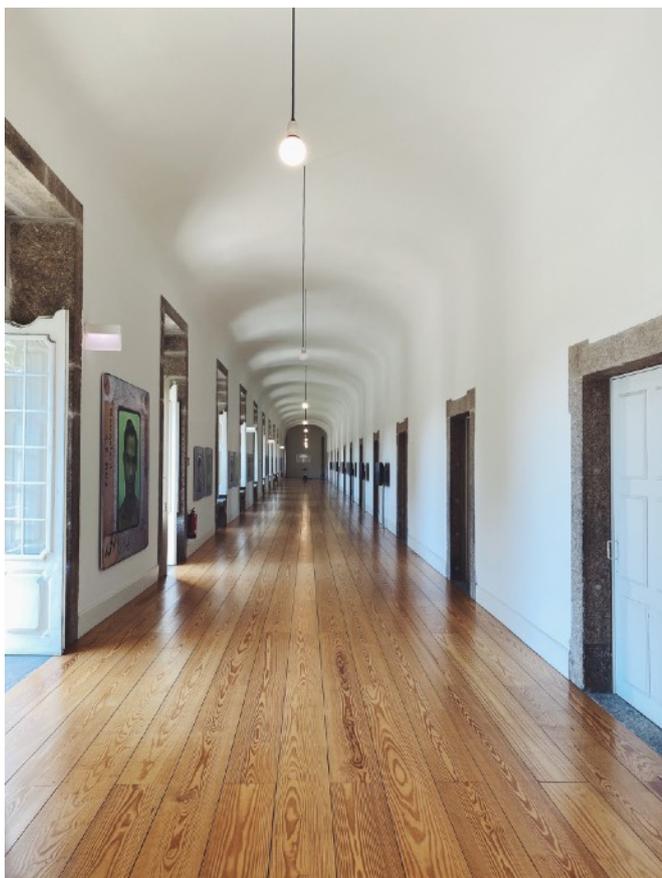
A definição da volumetria proposta resultou da intenção de delimitar o Largo de acesso ao novo e simultaneamente ao Antigo Museu. A partir desta premissa, o Novo Museu desenvolve-se paralelamente ao muro existente a Norte, libertando a Sul a zona de passeio que confronta com a Rua Unisco Godiniz.”<sup>67</sup>

O Museu Municipal Abade Pedrosa encontra-se instalado na antiga hospedaria do Mosteiro de S. Bento. Este imóvel encontra-se implantado na margem esquerda do rio Ave, na zona baixa da cidade de Santo Tirso. A atual igreja matriz foi construída em 1659 - 79, possui planta de cruz latina e é de uma só nave.

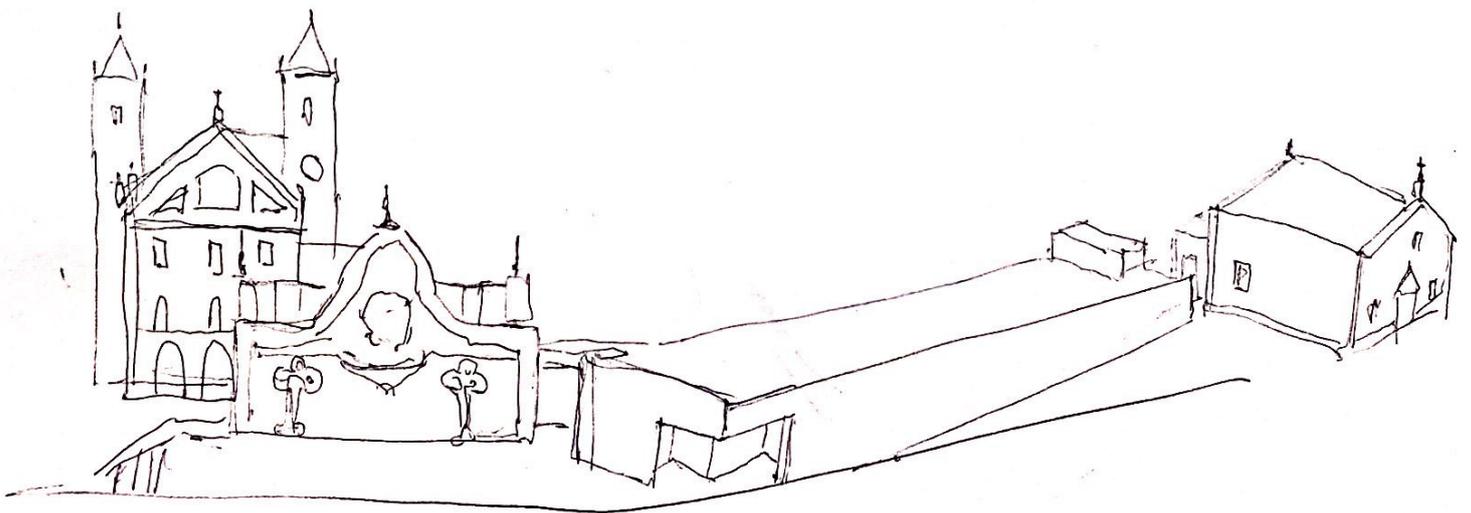
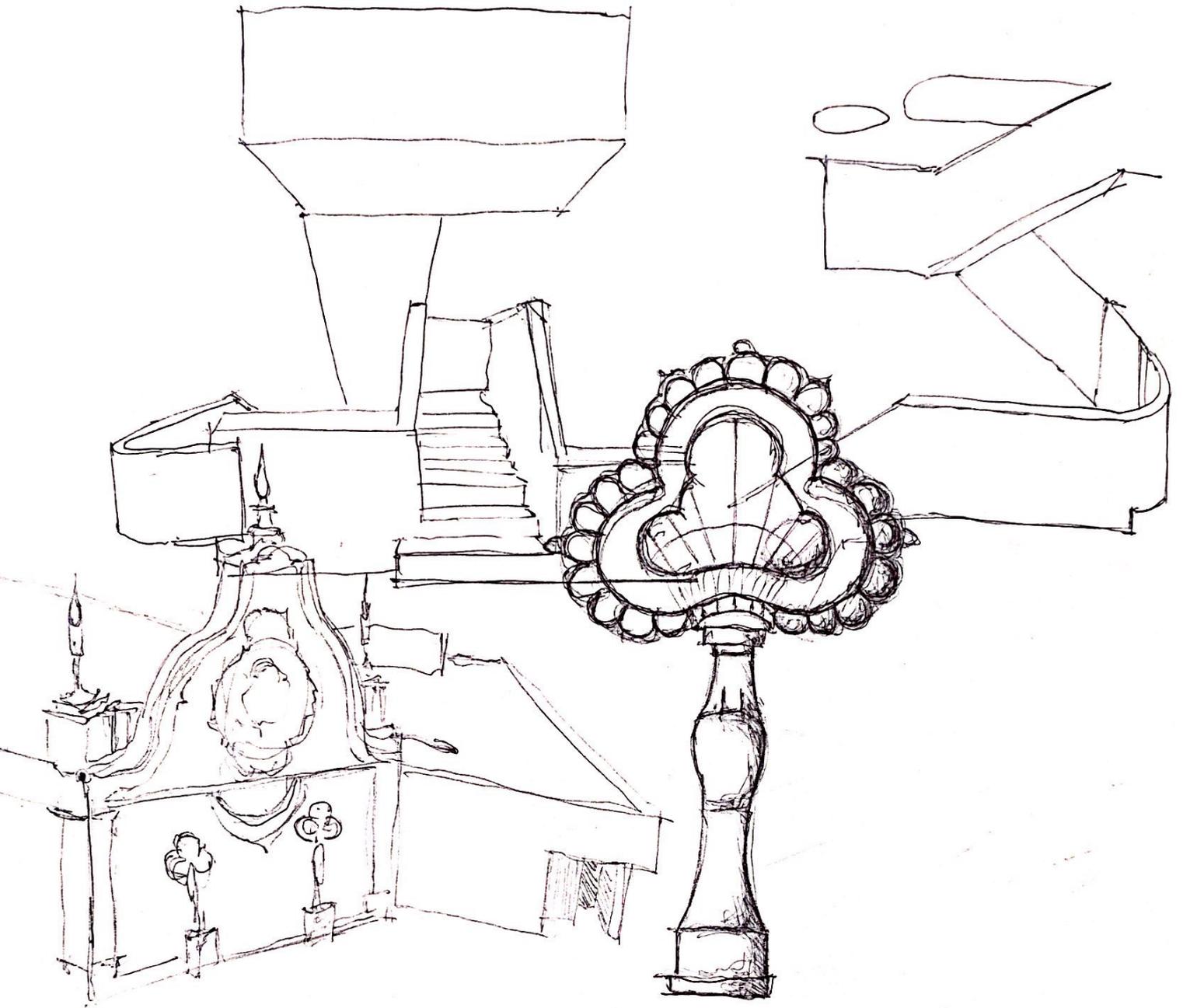


<sup>67</sup> MIEC + MMAP / Álvaro Siza + Eduardo Souto de Moura - Álvaro Siza Vieira; Eduardo Souto de Moura. (Consult. 17.07.20) Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura>





A reabilitação da ala da mosteiro é subtil, a arquitetura não procura deixar a sua marca. O corpo novo, essencialmente distinto das ~~restantes~~ pré-existentes não se tenta impor nem sobrepor ao mosteiro, procurando uma certa neutralidade, não deixando de se relacionar com a pré-existência, como acontece com o seu ângulo de rotação (implantação do corpo) que é provocado pelo muro pré-existente.





Uma vez em Santo Tirso, aproveitou-se para visitar também a casa Carlos Siza, com as devidas limitações por ser uma habitação, assim como o quartel de bombeiros.



Na Serra de Santa Catarina, na encosta do monte da Penha, o Mosteiro de Santa Marinha da Costa encontra-se envolvido por um extenso parque arborizado. Assim como a cidade de Guimarães, também este Mosteiro contém séculos de história; o projecto é solidamente fundamentado, através da análise histórica, arquitectónica e arqueologicamente.

“É possível afirmar-se com toda a clareza que o estudo prévio do monumento e do seu contexto através das suas duas instâncias, «condicionou» todo o projecto. A *condição* deve ser aqui entendida como orientação, ou, mesmo até, como *ferramenta*, num manifesto diálogo que constitui “um método por meio do qual se sintetizaram as duas vertentes complementares a considerar na recuperação de uma pré-existência: o conhecimento rigoroso da sua evolução e dos seus valores, através da arqueologia e da história, e uma concepção criativa na avaliação desses valores e na elaboração do processo da sua transformação.”<sup>68</sup>

“Távora parte dos dados reais, históricos e urbanísticos dos edifícios e, numa procura de restituição da sua identidade arquitectónica, reordena, repõe, construindo e conservando. O resultado final é uma continuidade da história do edifício e do seu significado para própria cidade.”<sup>69</sup>

Conforme o arquiteto indica, “À concepção arquitectónica da Pousada de Santa Marinha da Costa presidiu um critério que poderá talvez, e em síntese, afirmar-se que foi o de intervir garantindo, por um lado, a conservação e o reforço dos espaços complementares daqueles, uns e outros identificados com a vida diferente que o edifício vai iniciar.

Trata-se assim, mais uma vez, do diálogo difícil, mas possível, entre o velho e o novo, entre o convento e a pousada, entre a austeridade e o conforto, entre o funcional e o belo, entre o indispensável e o supérfluo.”<sup>70</sup>

O projeto pretendia apenas a reabilitação do edificado existente, “mas, verificada a sua baixa rentabilidade no que se referia ao número de quartos que tal critério comportava e, por outro lado, a impossibilidade da criação de mais quartos sob pena de destruição da qualidade espacial do edifício, foi decidida a construção de um corpo novo no sentido de aumentar a sua capacidade de alojamento.”<sup>71</sup>

O edifício novo é composto pelos quartos e o antigo contém maioritariamente os programas sociais e administrativos, à excepção da ala nascente do piso superior, onde se localizavam as celas agora tem também quartos.<sup>72</sup>



<sup>68</sup> TÁVORA, Fernando. op. cit., p. 77

<sup>69</sup> GIL, Guilherme - **Intervenção em património**. Dissertação de Mestrado, FCTUC, Coimbra, 2011. P. 95

<sup>70</sup> BANDEIRINHA, José António - **Fernando Távora, Modernidade Permanente**. Casa da Arquitectura, Porto, 2019. P.342

<sup>71</sup> TÁVORA, Fernando. op. cit., p. 76

<sup>72</sup> GIL, Guilherme - **Intervenção em património**. Dissertação de Mestrado, FCTUC, Coimbra, 2011. P. 115

CAPÍTULO II - ORGANIZAÇÃO

Artigo 4º

A Faculdade estrutura-se em centros, serviços e unidades pedagógicas, podendo ainda constituir grupos ou institutos.

Os centros desenvolvem projectos com valências na investigação.

Serviços que se ocupam de funções executivas específicas.

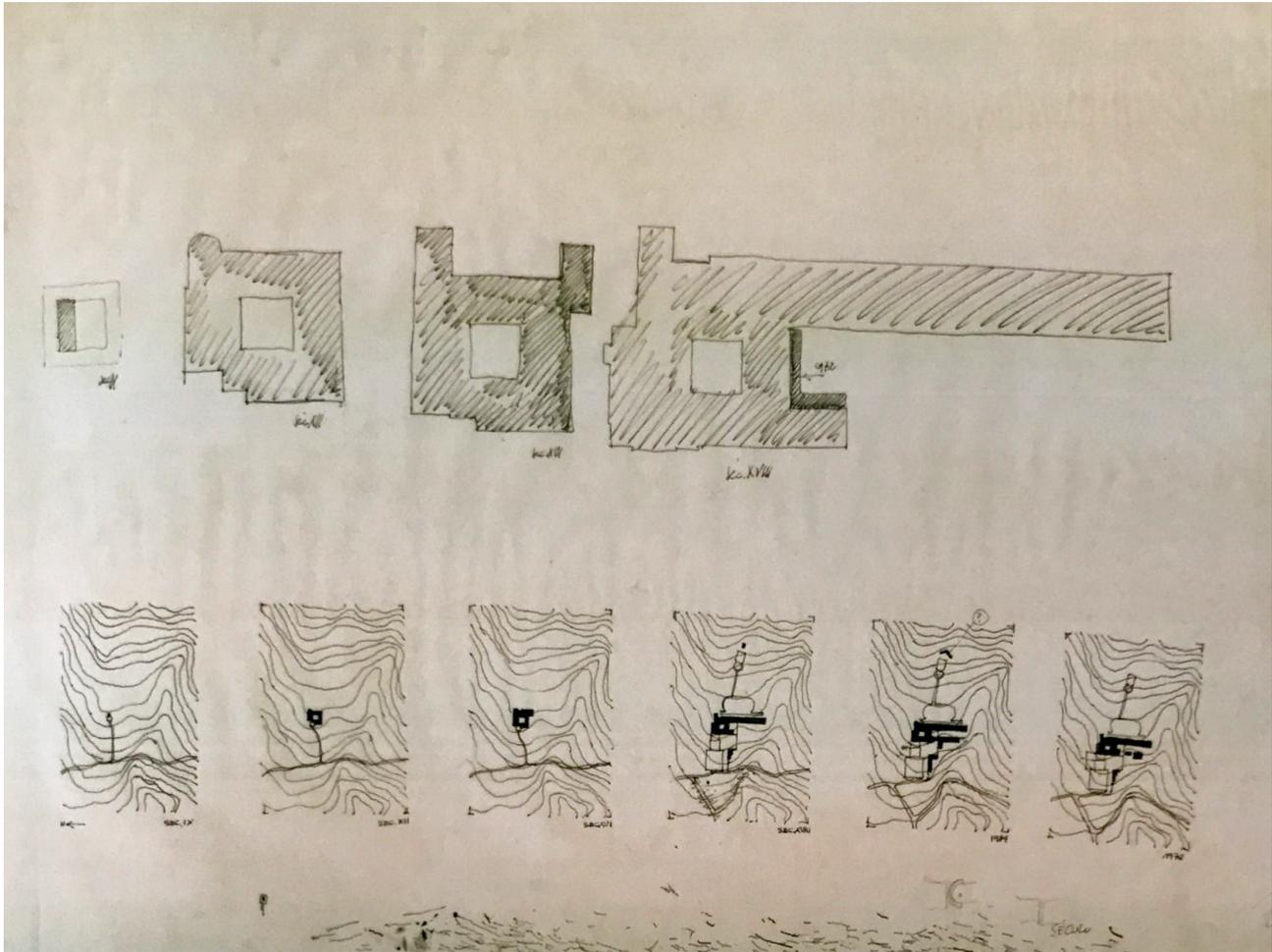
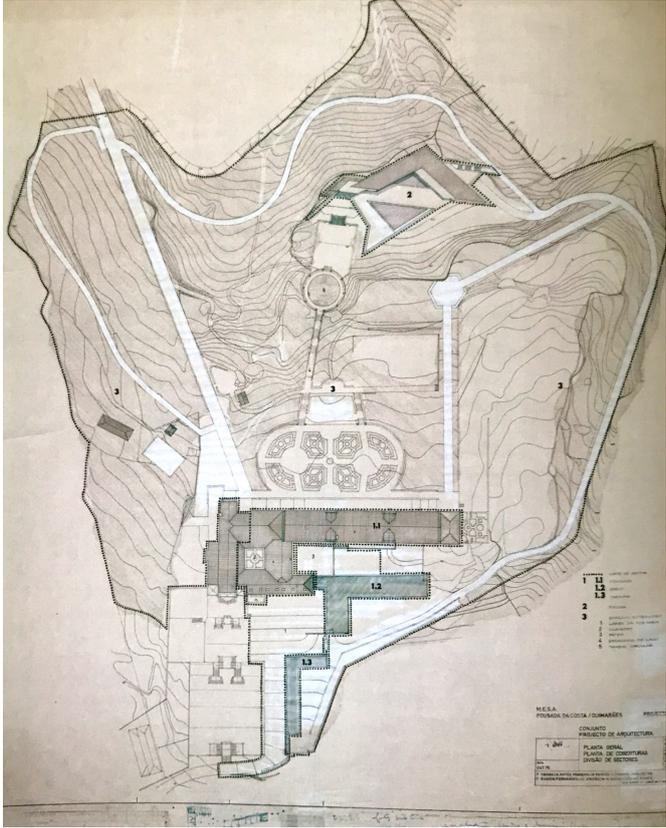
Unidades pedagógicas que visam desconcentrar territorialmente a actividade de docentes e outras associações.

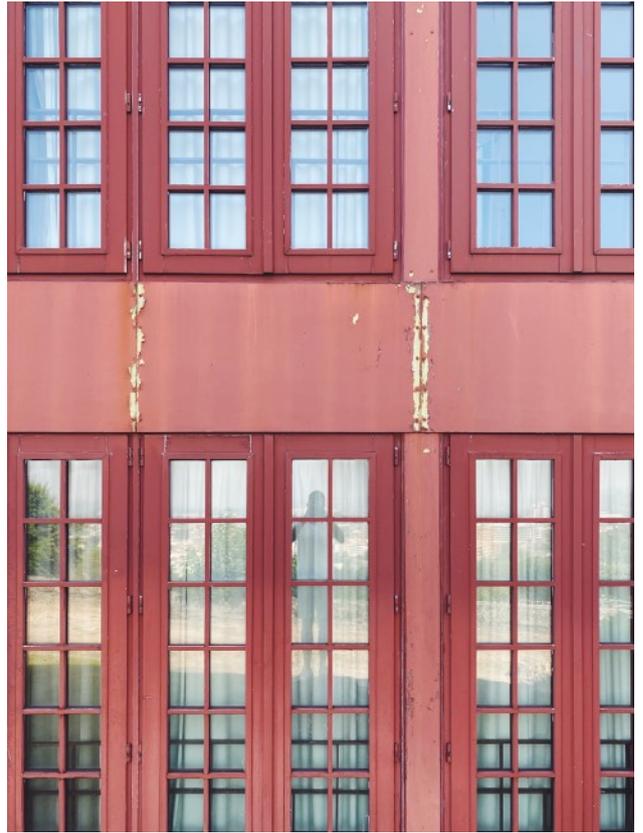
Grupos que organizam, por áreas disciplinares, os recursos humanos e materiais para fins pedagógicos e de carreira docente.

17.11.89

Artigo 5º

Os Centros de Estudos da Faculdade regem-se por um estatuto a aprovar pelo Conselho Científico e a ratificar pela Assembleia de Representantes.





O corpo novo acrescenta-se por  
meio do vício é bastante  
discreto, assumindo-se ao exte-  
rior apenas como um muro  
branco, não tirando qualquer  
protagonismo ao edifício pré-  
existente.



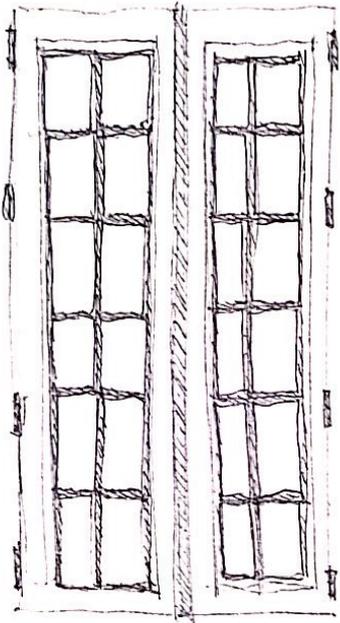
Ao entrar por esse muro  
percebemos que afinal  
existe um edifício inserido  
na terminal da terrina.  
Mas, porque corresponde à  
cor das cortiças do  
edifício original.



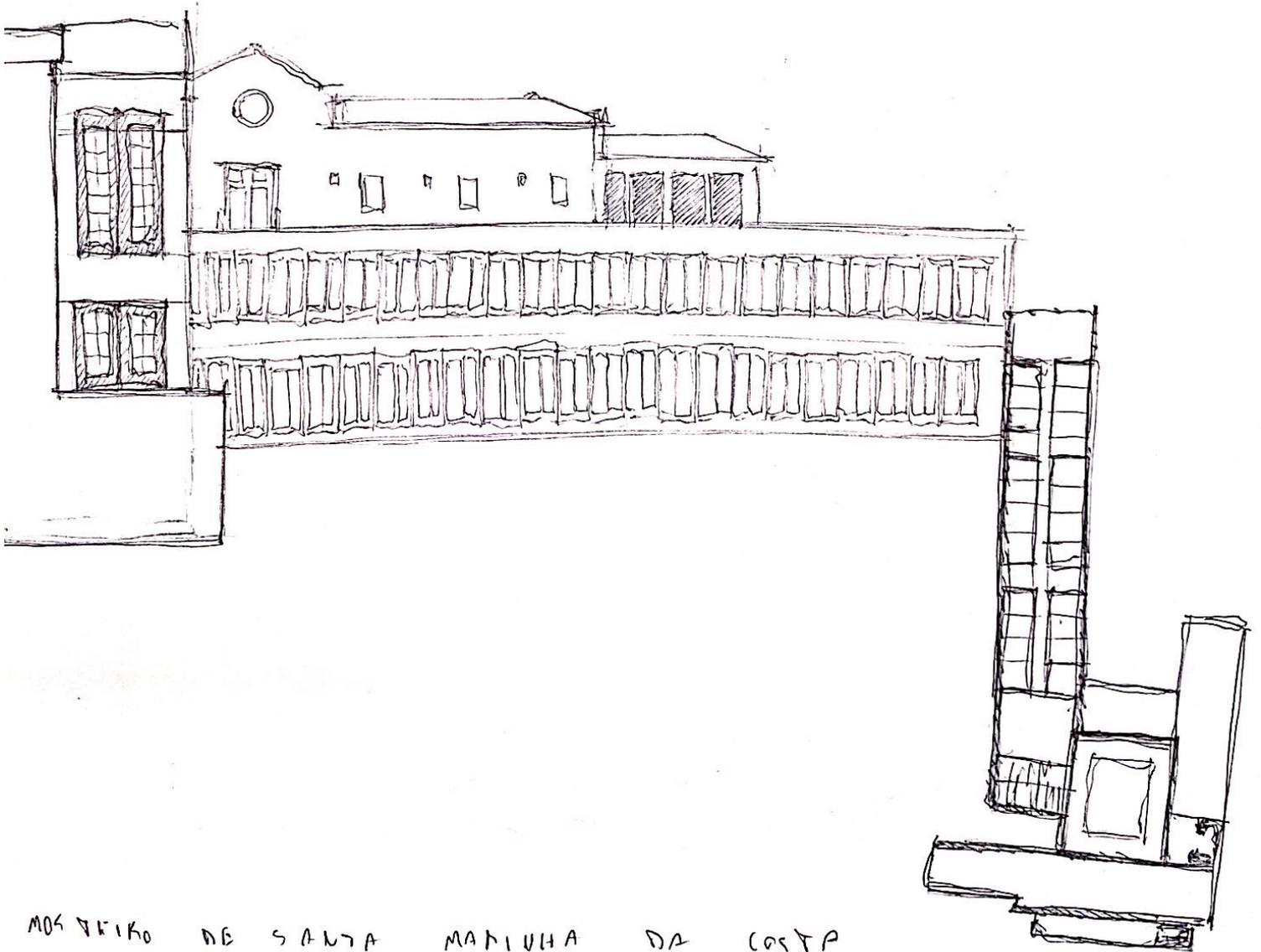
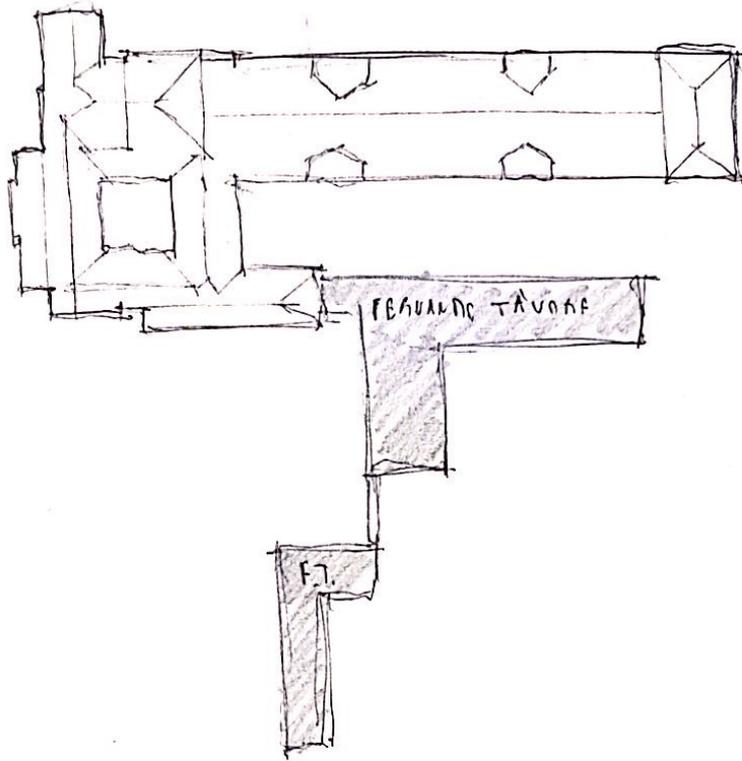
(Devido ao COVID-19 o  
edifício, que atualmente é  
uma pensão, encontra-se  
fechado, não sendo possí-  
vel visitar o seu  
interior.)



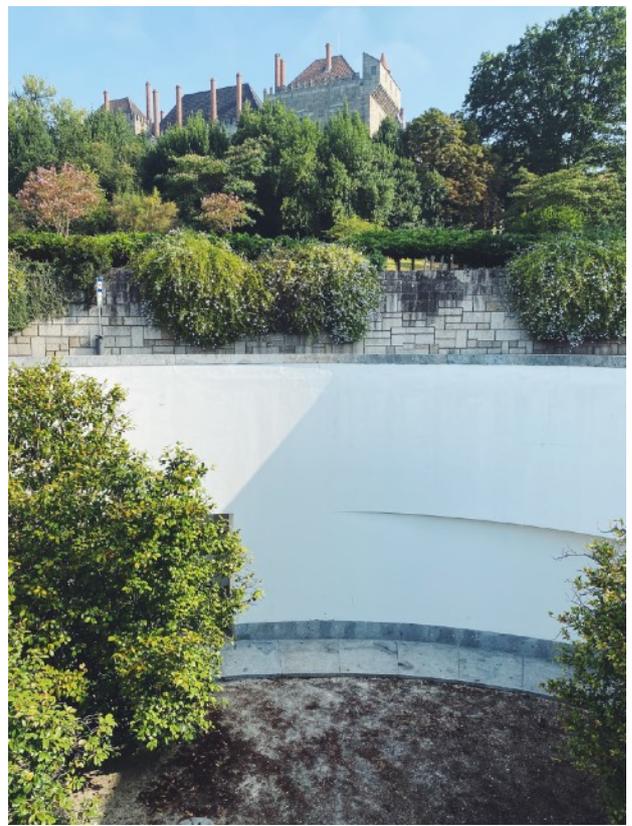




CAIXILHOS DO EDIFÍCIO NOVO. F.T.



MOSQUEIA DE SANTA MARIA DA COSTA



Pela cidade de Guimarães, passou-se também no Castelo, no Paço dos Duques de Bragança e visitou-se a Faculdade de Arquitetura do Minho, o Parque Condessa da Mumadona e a Pousada de Guimarães.





Ainda nesse mesmo dia fez-se um desvio até Braga onde se tentou visitar o Centro Cultural do Carandá, avistou-se o Estádio de Braga do topo da pedra e por fim subiu-se ao Bom Jesus de Braga e ao Sameiro.



A história do local remonta à época de D. Afonso Henriques, o qual terá entregue, em 1148, aquela terra aos Frades Beneditinos. Ali, dois frades terão edificado uma ermida dedicada a São Miguel. O local começou a atrair muitas pessoas, levando à construção do santuário da abadia e ao próprio mosteiro que, no final do séc. XVII, passa a reger-se pela Ordem de Cister.

A obra de Eduardo Souto de Moura no convento e a sua adaptação representa uma intervenção subtil, mas paradoxalmente também radical no campo do património. Procura, através de uma intervenção de carácter humilde, a continuidade da vida natural do edifício, recorrendo à própria ruína em que o edifício se encontrava, quer ao nível simbólico, visto que a imagem da Pousada apela à ideia de um mosteiro desabitado, quer a um nível prático, no sentido em que as próprias pedras foram utilizadas na construção do edifício.

“Souto de Moura reconstrói o edifício de acordo com o tempo que entende ser o de hoje, apropriando-se, manipulando e adaptando os elementos disponibilizados pelo edifício. *“Fiz um edifício moderno, como queria e com as pedras que estavam disponíveis.”* <sup>88</sup> Tem consciência de que projecta no tempo presente e não num tempo que existiu, criando agora mais um tempo que se conjuga com todos os outros que já ali existiram.

Aceita a inevitável transformação do edifício, determinada por um novo programa e um novo tempo, tornando como objectivo principal da sua estratégia o equilíbrio entre a sua intervenção e as diferentes circunstâncias da preexistência.”<sup>73</sup>

“O projeto tenta adaptar-se, ou melhor, servir-se das pedras disponíveis para construir um novo edifício.

Trata-se de uma nova construção, onde intervêm vários depoimentos (uns já registados, outros a construir) e não da reconstrução do edifício na sua forma original.

Para o projeto as ruínas são mais importantes que o «Convento», já que são material disponível, aberto, manipulável, tal como o edifício o foi durante a história.

Não pretendemos com essa atitude construir uma excepção, procurando o originalidade do manifesto, mas sim cumprir uma regra da arquitectura, quase sempre constante ao longo de tempo.

Durante o projeto o «desenho» tentou encontrar a lucidez entre a forma e o programa.

Perante duas hipóteses, optámos por recusar a consolidação pura e simples da ruína para o uso contemplativo, apostando por injectar materiais, usos, formas e funções entre eles «choses» como dizia Corbusier. O «pitoresco» é uma fatalidade que acontece e não a vontade de um programa.”<sup>74</sup>

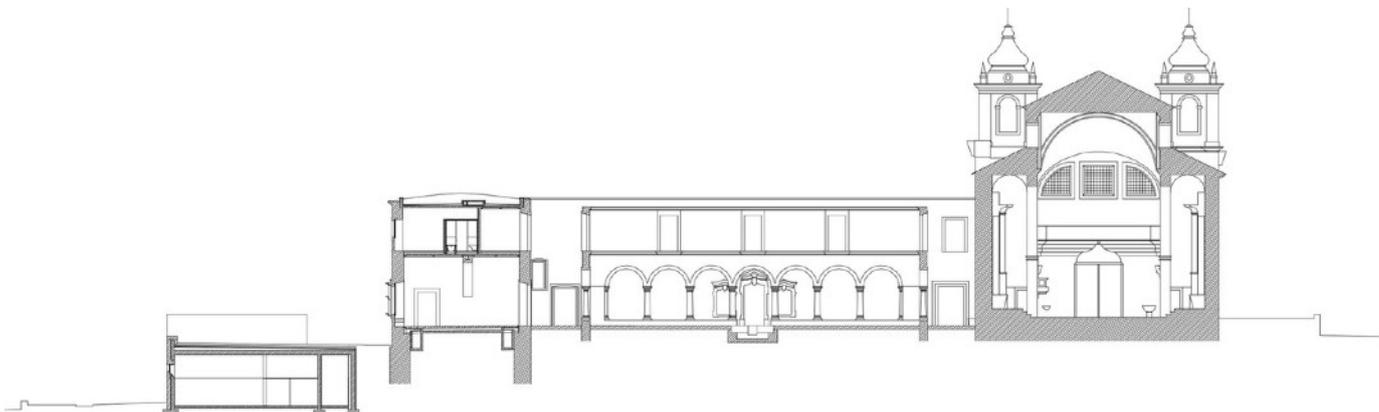
O telhado em águas, é aqui substituído por um terraço coberto por um manto vegetal que remete o conjunto para a imagem de uma ruína, uma vez que as grandes paredes de pedras parecem suster-se sozinhas, sem precisar de um telhado que as amarre. No claustro do mosteiro, esta ideia é levada ao limite, deixando aquele espaço a céu aberto, com as paredes em arco no piso térreo soltas em relação às do mosteiro, duplicando-as, mantendo a memória da ruína entrar na vivência do mosteiro.

---

<sup>73</sup> SANTANA, Maria - **As preexistências na obras de Eduardo Souto de Moura: o Mercado Municipal de Braga**. Dissertação de Mestrado, FAUP, Porto, 2013. P. 77-81

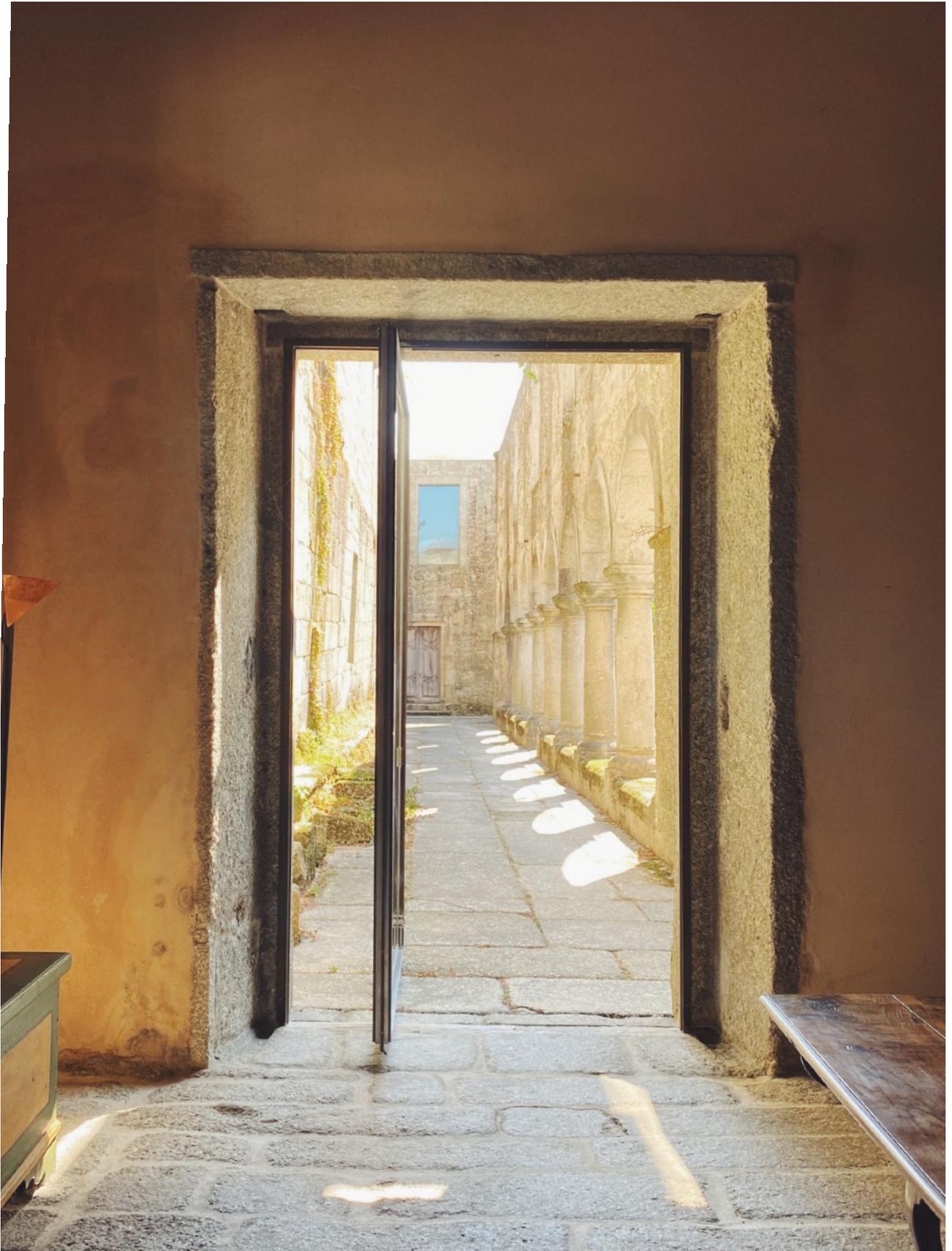
<sup>74</sup> TRIGUIEROS, Luiz - **Eduardo Souto de Moura**. Lisboa: Editorial BLAU, 2000. P. 145-146

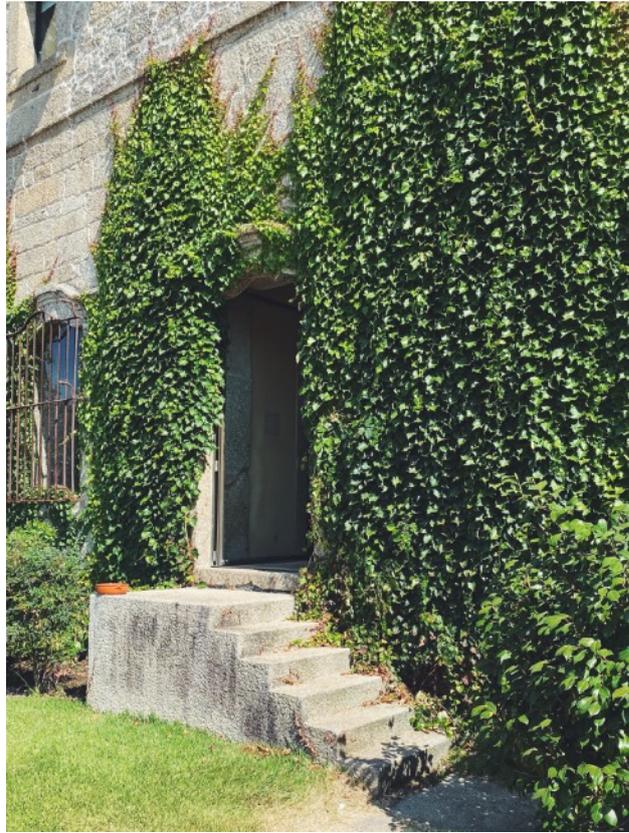


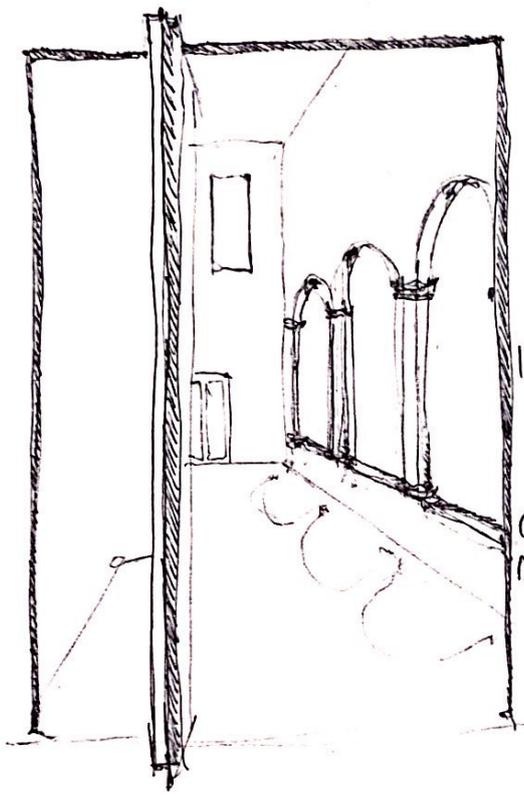


Com o entralha muito limiada levou ao colapso - ref,  
 é isto que perceptível que o conceito da proposta  
 assente na memória da ruína → A PARÊNTE: LUE XISTÊNCIA DE  
 ARQUITECTOS; ARCADE DO CLAUSTRO; AUSÊNCIA DE UM TELHADO; VEGETA-  
 TÃO NA COBERTURA.





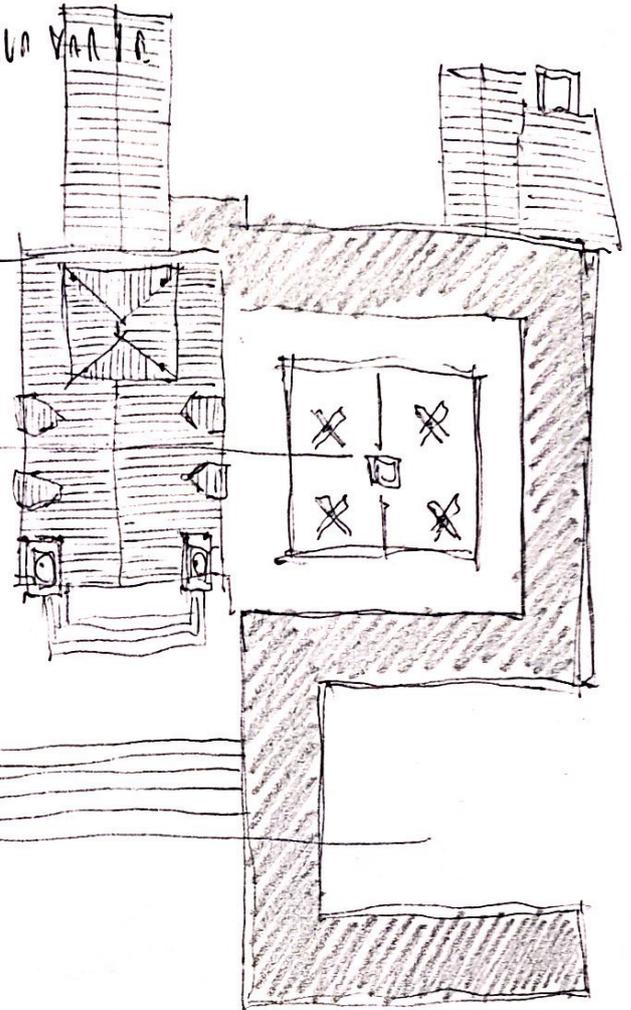




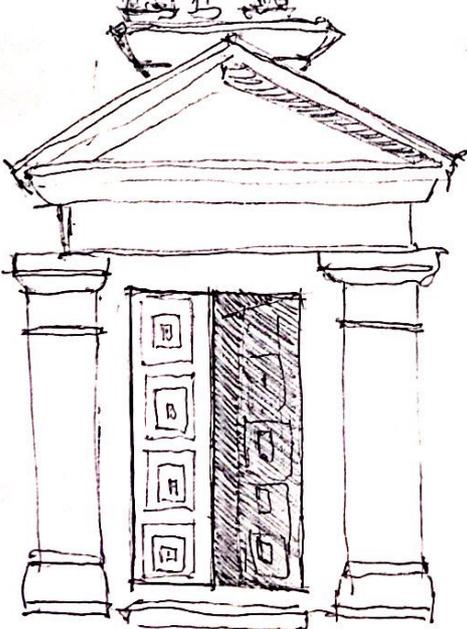
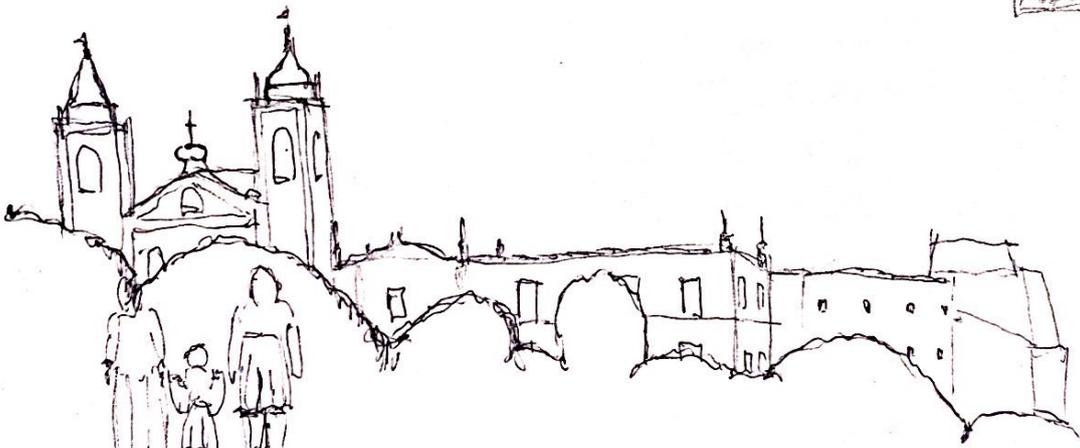
PARRA FLUO VAA 70

IGREJA

CLAUSTRO  
EM ALVA



PÁTIO DAS  
LARANJEIRAS



“O objectivo do Projecto era bem claro: instalar, recuperando o edifício do antigo Convento de Refóios e a sua quinta, uma Escola Superior Agrária de nível politécnico.

O conjunto encontrava-se em estado de degradação avançada depois de cumpridas várias fases de residência conventual desde 1154, data da sua fundação, até à actualidade, passando por 1834, data da sua extinção; situa-se no norte de Portugal, entre Ponte de Lima e Ponte da Barca, ocupando uma encosta da edénica paisagem da Ribeira Lima.

O programa da Escola, não atendendo embora à especificidade própria do edifício e do sítio, admitia entretanto alguma flexibilidade e alguma criatividade como resultado das pressões de ordem patrimonial que as pré-existências poderiam porventura sugerir, solicitar ou mesmo impor.

Deste jogo de tensões nasceu o Projecto e a realização do conjunto onde procurámos compatibilizar, em termos de funcionalidade e de linguagem o novo programa com o edifício e o lugar, garantindo a sua continuidade histórica e o seu significado culturais. Satisfeito parcialmente o programa pela reutilização dos espaços construídos existentes, com a contribuição consequente do seu carácter próprio, algumas instalações houve que prever de raiz, por incapacidade de adaptação ou por ausência do existente.

Assim, novos edifícios se distribuem pelos espaços da quinta mas aí, também, é o próprio plano do conjunto que os solicita e condiciona, num processo de crescimento que se diria já previsto, tão natural – e quasi fatal – ele se manifesta.

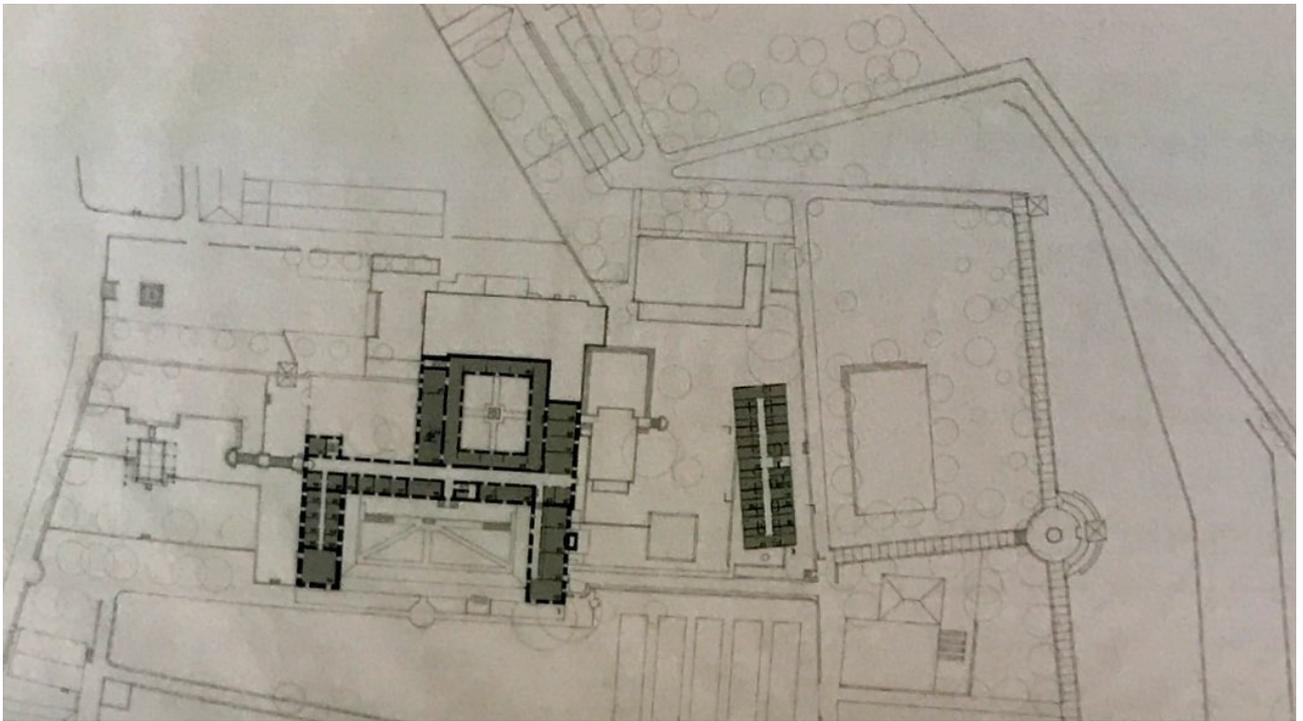
Uma contribuição, enfim, para uma nova modernidade que se debate entre um passado a observar e um futuro a construir.”<sup>75</sup>

Os novos volumes, inseridos estrategicamente no processo de crescimento do edifício, conseguem transmitir uma certa austeridade monástica, conseguida através de uma grande economia de meios técnicos e uma extrema simplicidade nas soluções adoptadas.

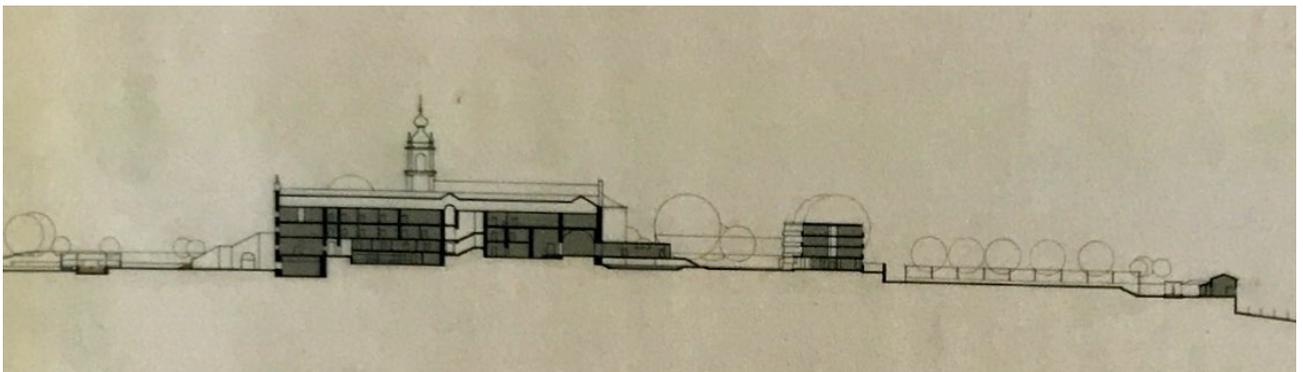
“Távora trabalha e molda a pré-existência, usa-a como matéria de projecto. Relê nela o fluir da história e, aceitando sobreposições ou aposições estilísticas ou de linguagem, usa de todos os meios para o clarificar. Não prescindindo da investigação histórica e arqueológica, anota fases de desenvolvimento, dando-lhes sem moralismo, uma nova dignidade. A intervenção actual é mais uma, desenhada com regras claras que resultam da interpretação da história, incluindo a contemporânea. A posição de Távora é tão activa e obrigatoriamente culta que pode actuar, também restaurando, corrigindo, repondo ou, ao contrário, demolindo qualquer elemento espúrio que provoque opacidade na leitura clara da essência do projecto global, entendido como um processo colectivo de longa duração.”<sup>76</sup>



<sup>76</sup> COSTA, Alexandre Alves – **A Arte de Construir a Transformação**. “Estudos/Património”. Lisboa: IPPAR. N.º 3. 2002 P.127



no corpo novo (residência) é interessante a contradição que existe entre as linhas simples e melancólicas, com as caixilhas em madeira quadriculadas → a exceção do piso inferior (cafeteria) que apresenta grandes planas envidraçadas. No resto mesma corpo, assumidamente novo, cria um afastamento em relação ao edifício do convento requalificando uma zona que até então era umas frascas, atribuído ao outro carácter juntamente com o subterrâneo). A relação entre este corpo e o convento tem-hão é criada pela caix comum a ambos, nas paredes e nos caixilhas.



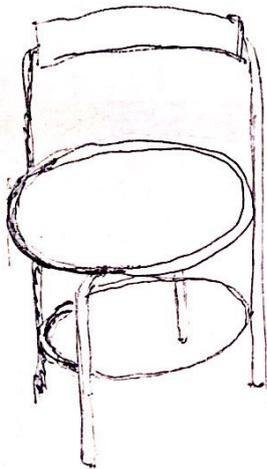
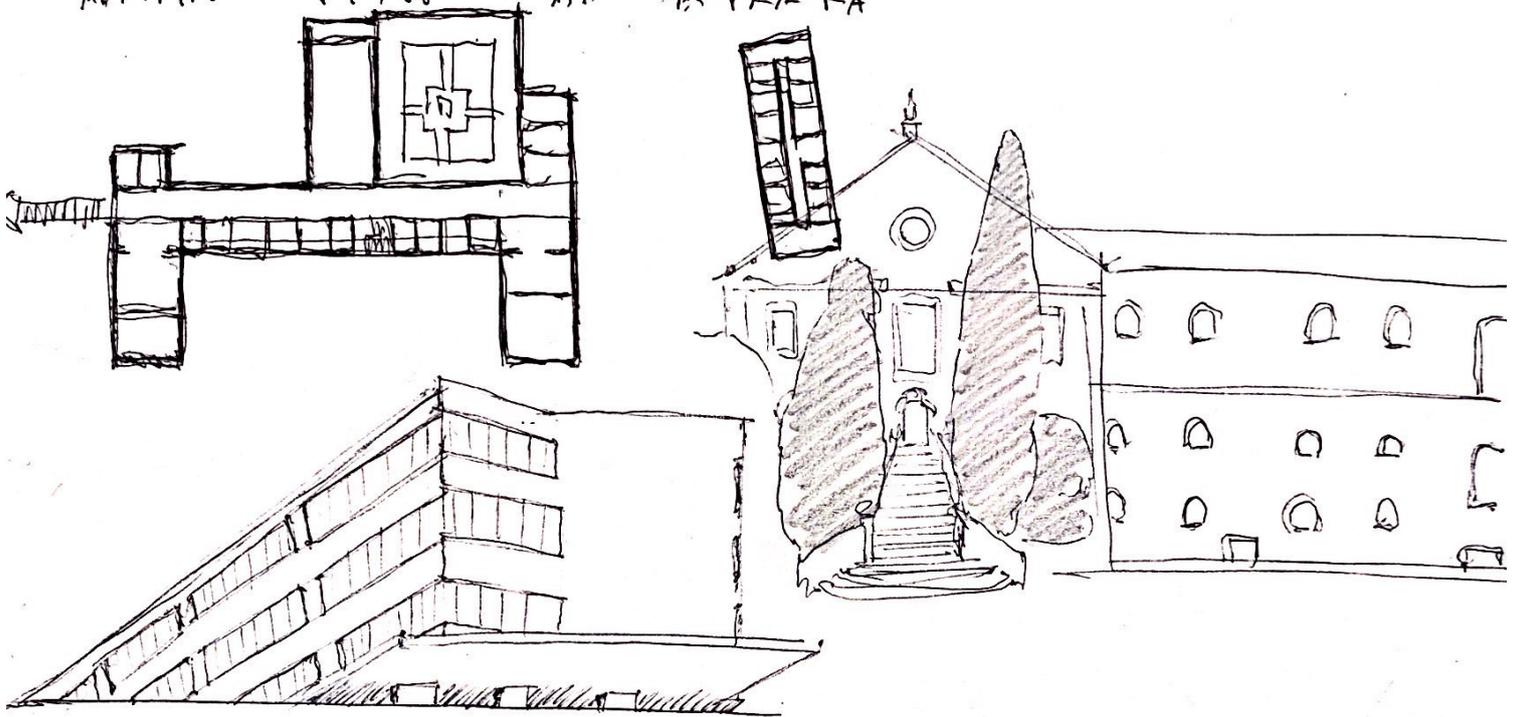




Escola ABRÃO DA PONTE DE LIMA



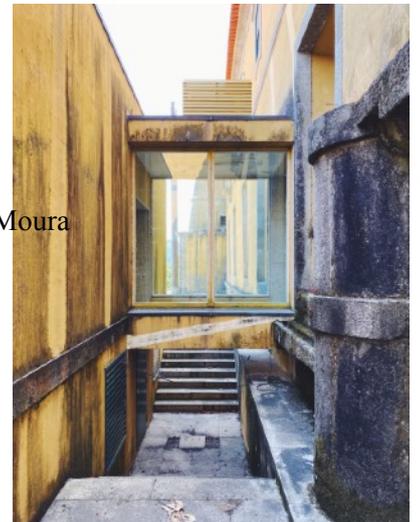
MOSTRIÇA PISO DA ESCOLA TA



CADENA  
TAUORA



Esquico de Eduardo Souto de Moura





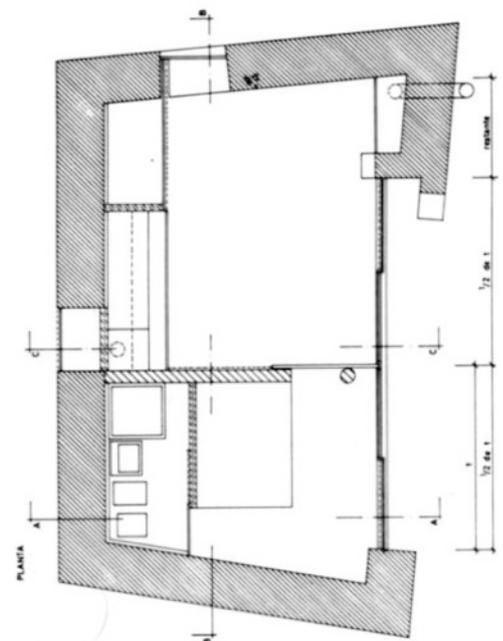
Uma vez em Ponte de Lima, subiu-se até Viana do Castelo para visitar a biblioteca, ver o tribunal e também o centro cultural. Por fim subiu-se a Santa Luzia e regressou-se a Braga para passar a noite.

“Um celeiro abandonado foi aquilo que encontrei:  
Por trás uma porta para o monte.  
À frente era aberto em madeira.  
Por cima um telhado que caiu.  
Ficou assim:  
A trás, tudo igual com porta nova.  
À frente, tudo em vidro para a água.  
Por cima, um telhado para todos.  
Por dentro, foi o que a planta deu (30 metros quadrados).  
Por fora, foi ler Apollinaire:  
«Preparer au lierre et au temps une ruine plus belle que les autres...»<sup>77</sup>

Eduardo Souto de Moura recusa reconstruir a ruína, na vez disso, opta pela complementação dos elementos existentes de modo a torná-la habitável, conciliando o artifício com o natural de forma a atingir a ambicionada arquitectura anónima. Trata-se de uma intervenção caracterizada pela aparente ausência e o anonimato que procura fundir a obra com a natureza, preservando assim a autenticidade e a essência da ruína.

«(...) é a ruína com que fiquei fascinado, era a primeira obra e havia uma certa «inocência». Fascinado pela quase identificação da arquitectura, material artificial, com a natureza, porque a ruína deixa de ser arquitectura e passa a ser natureza. E manteve a ruína para manter essa pretensão deser quase obra natural, anónima.»<sup>78</sup>

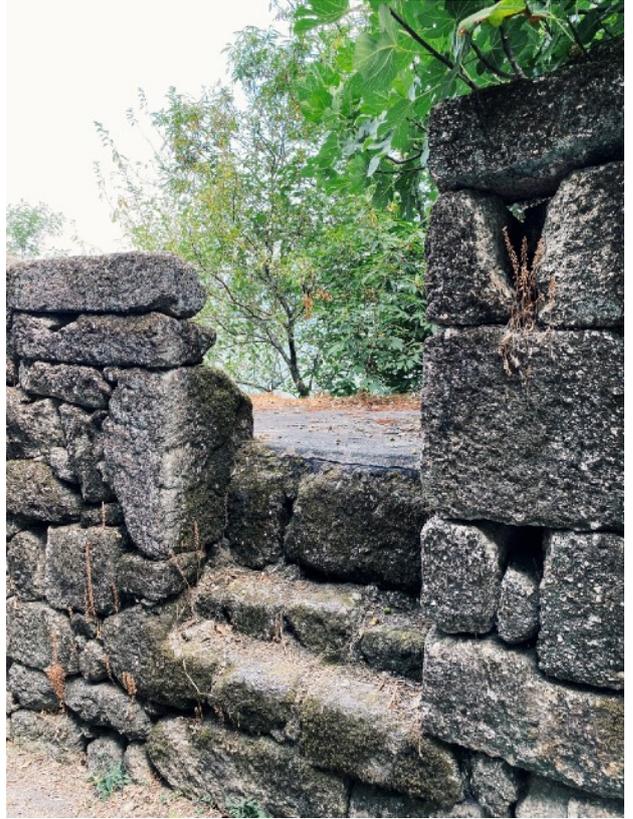
O projecto é definido através da ruína, adaptando-se de forma intrínseca a esta, numa relação onde a pré-existência e o novo permanecem em equilíbrio. A obra traduz-se numa concepção operativa da ruína em que o arquiteto tira proveito da sua potencialidade poética introduzindo-lhe uma nova ordem com materiais e técnicas contemporâneas, mas conservando simultaneamente o seu aspecto de ruína.

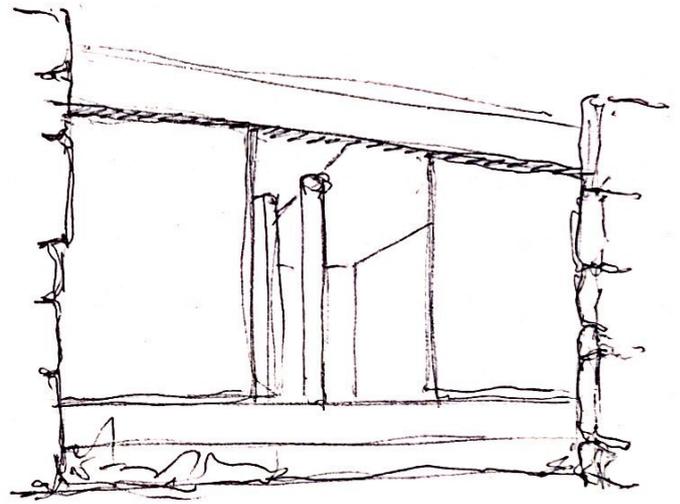
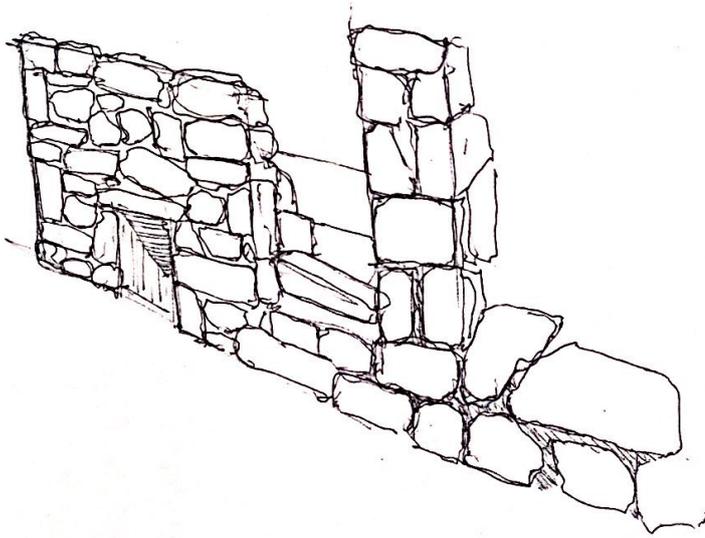
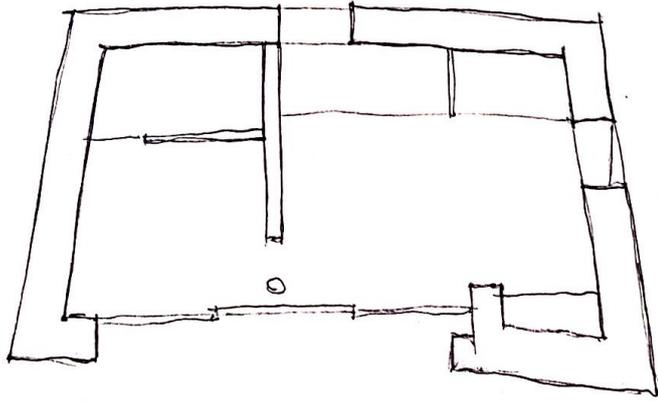


<sup>77</sup> TRIGUIEROS, Luiz - **Eduardo Souto de Moura**. BLAU, 2000. P. 41

<sup>78</sup> MOURA, Eduardo Souto de, “**Ambição à Obra Anónima**, numa conversa com Eduardo Souto de Moura”. Luiz Trigueiros, Lisboa: Editorial BLAU, 2000. P. 31







Inserida na cenoura idílico do parque la Geris,  
 este "cabinas" mantém a máxima discreção possível.  
 Com uma presença bastante anónima a confrontar o  
 exterior, por dentro revela-se a barreira através  
 de um grande plano de vidro → contrastando com  
 estruturas altas em pedras de granito.

O Rei D. Carlos I queria ver construído um espaço que se tornasse uma referência internacional, à altura das suas ambições, de modo a acomodar visitantes, turistas e a família real, que vinha em busca dos efeitos terapêuticos das famosas águas minerais.

O autor que iniciou o projeto do Vidago Palace foi o arquiteto Miguel Ventura Terra, mas quem o finalizou foi o arquiteto António Rodrigues da Silva Júnior. Mais tarde, em 2010, o arquiteto Álvaro Siza Vieira projetou o novo Spa do hotel, que lhe conferiu uma nova dimensão.<sup>79</sup>

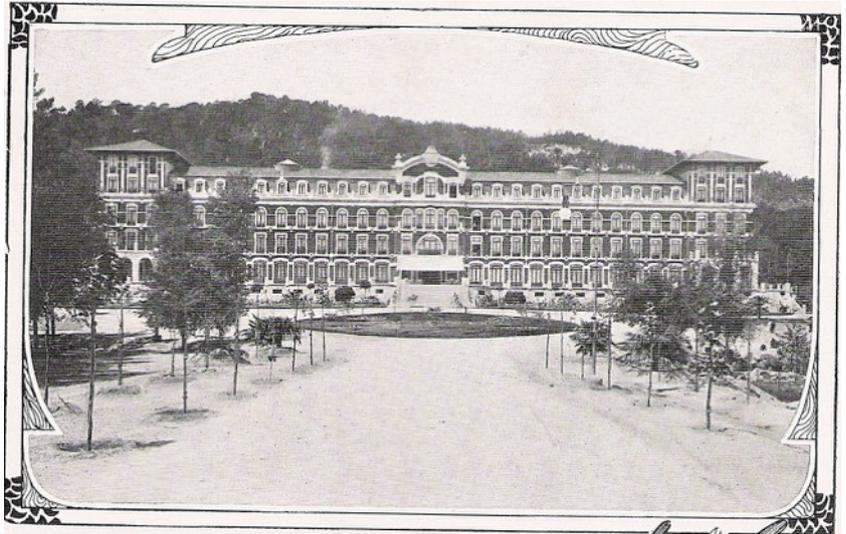
A intervenção passou também por uma grande ampliação do programa, e como tal, surge um novo volume com a função de Spa. O seu traço contemporâneo contrasta com a arquitetura do hotel pré-existente, quer no exterior, como no interior, ainda assim, entra em perfeita harmonia com o volume original. Este novo corpo é completamente secularizado pela sua implantação atrás do edifício monumental, não lhe tirando qualquer protagonismo.



---

<sup>79</sup> **Vidago Palace, resenha histórica** - (Consult. 19.07.20) Disponível em [https://www.vidagopalace.com/fotos/editor2/PressKit%20Files/presskitvph\\_pt.pdf](https://www.vidagopalace.com/fotos/editor2/PressKit%20Files/presskitvph_pt.pdf)

A intervenção do arquiteto é composta por duas partes: reabilitação ① (reconstrução) e construção nova ②.



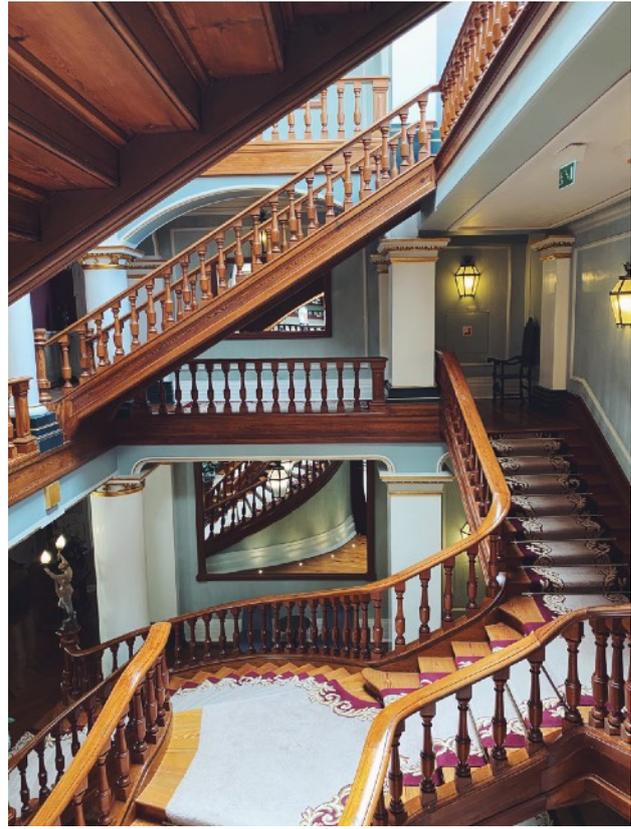
① É feita uma intervenção no edifício original onde é reconstruído quase todo o interior (há exceção de algumas partes que foram desmanteladas) igual ao que seria o edifício na época em que foi feito.



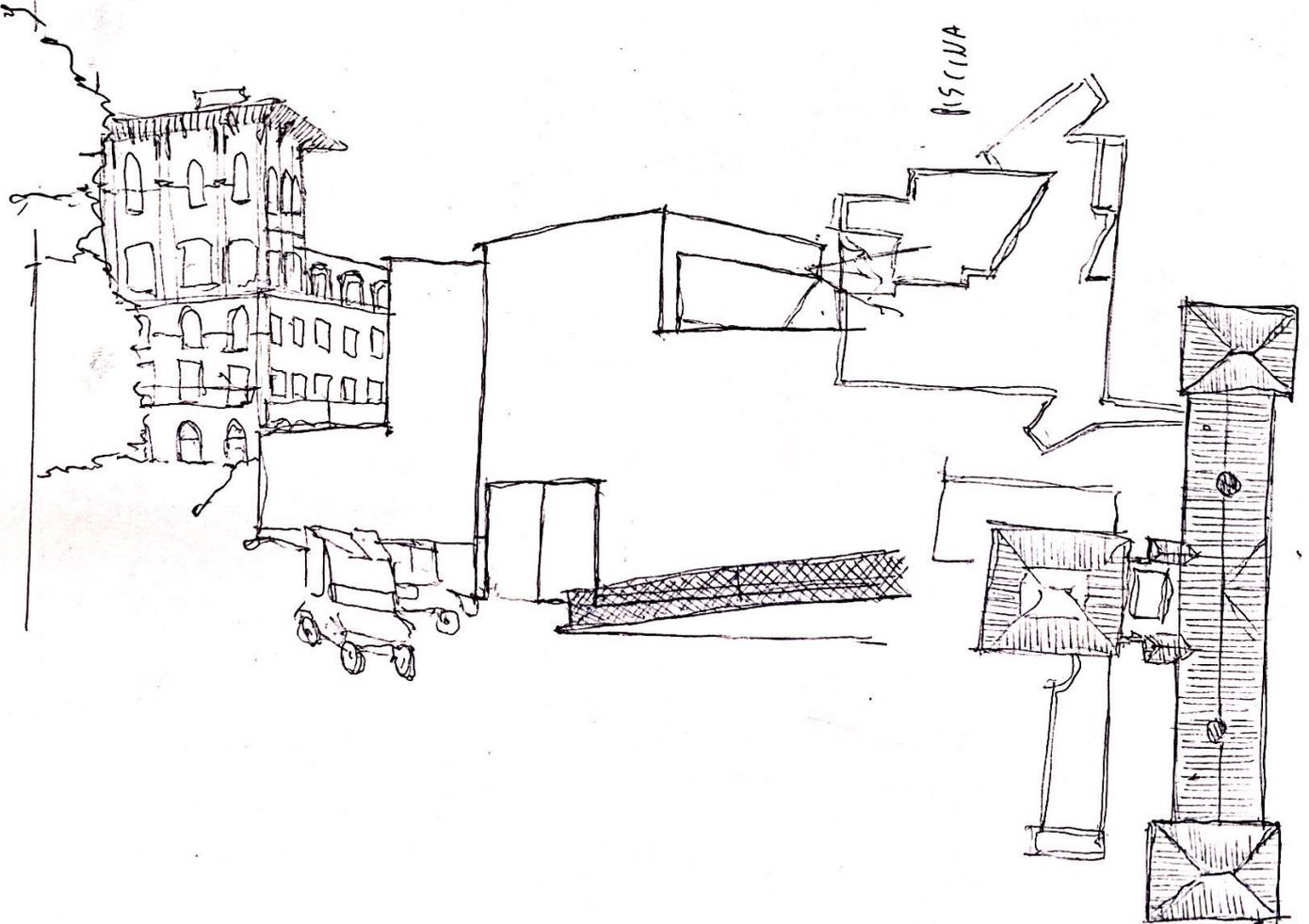
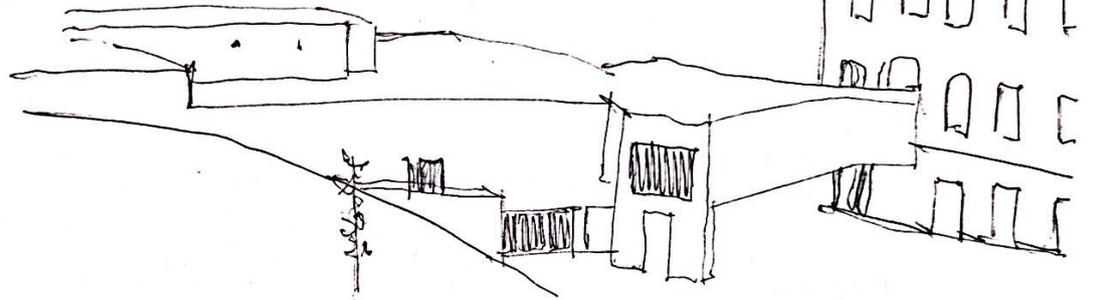
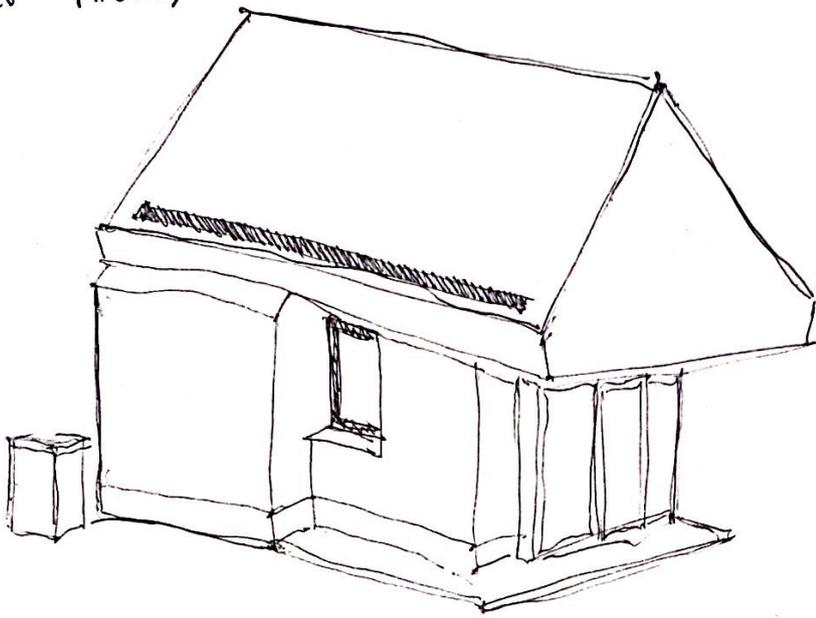
② O edifício novo, de linguagem contemporânea, assume assim uma diferenciação do edifício pre-existente sem deixar o protagonismo → é feita uma secundarização deste mesmo edifício devido à sua implantação.

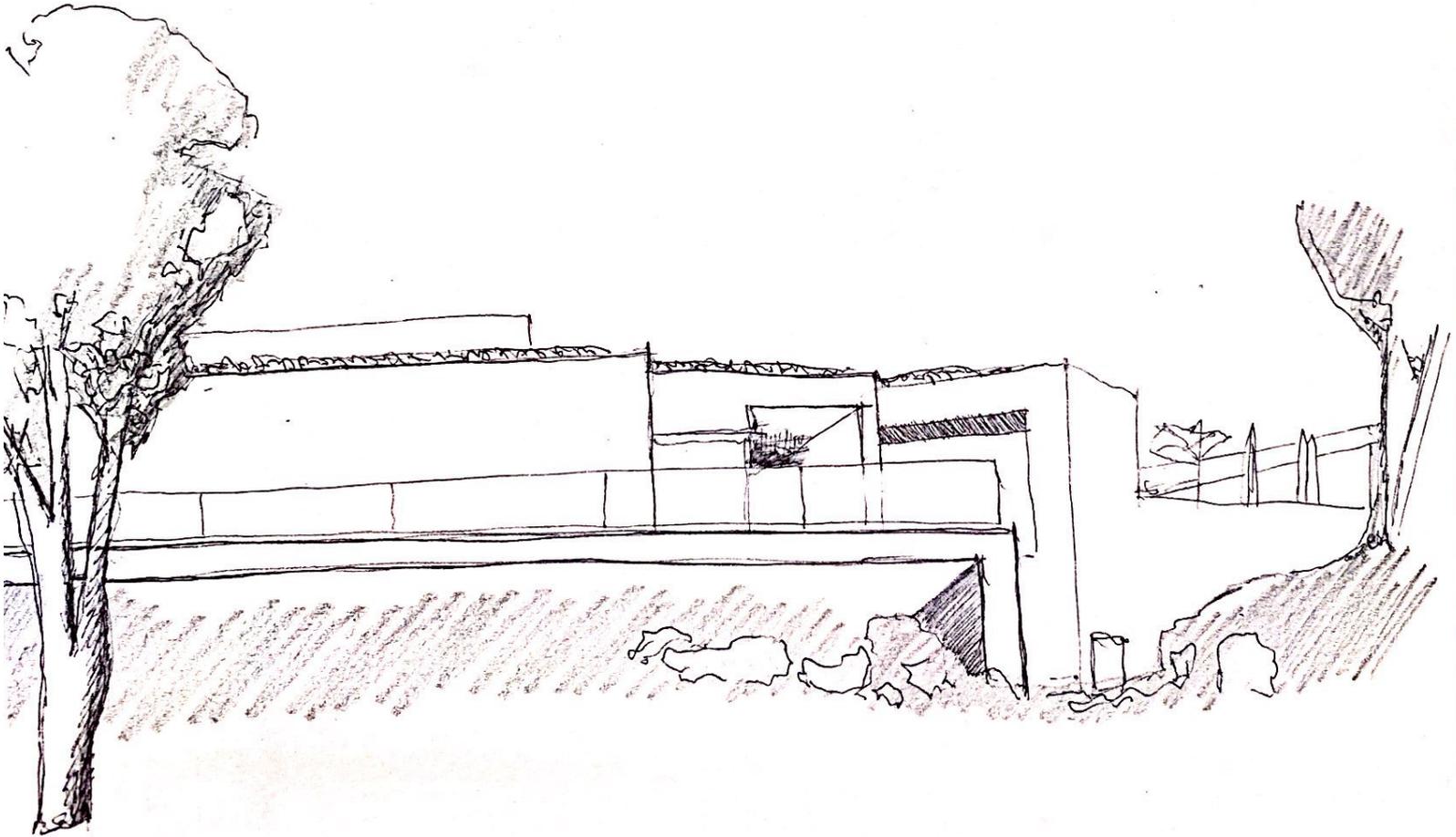
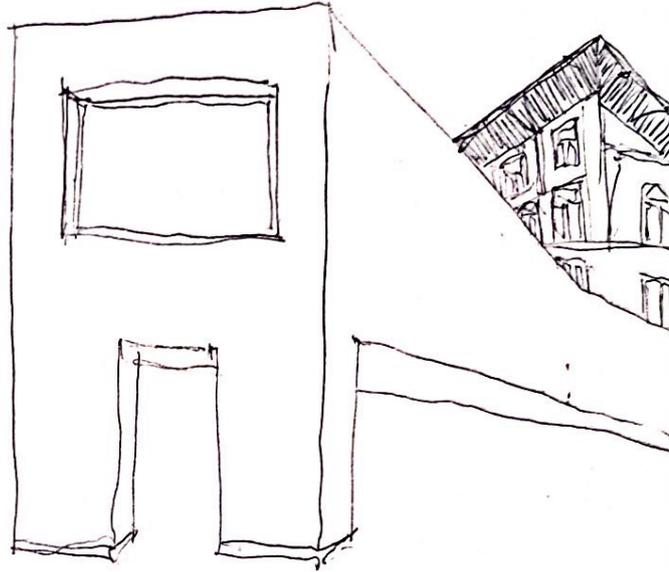






VINACO PALACE



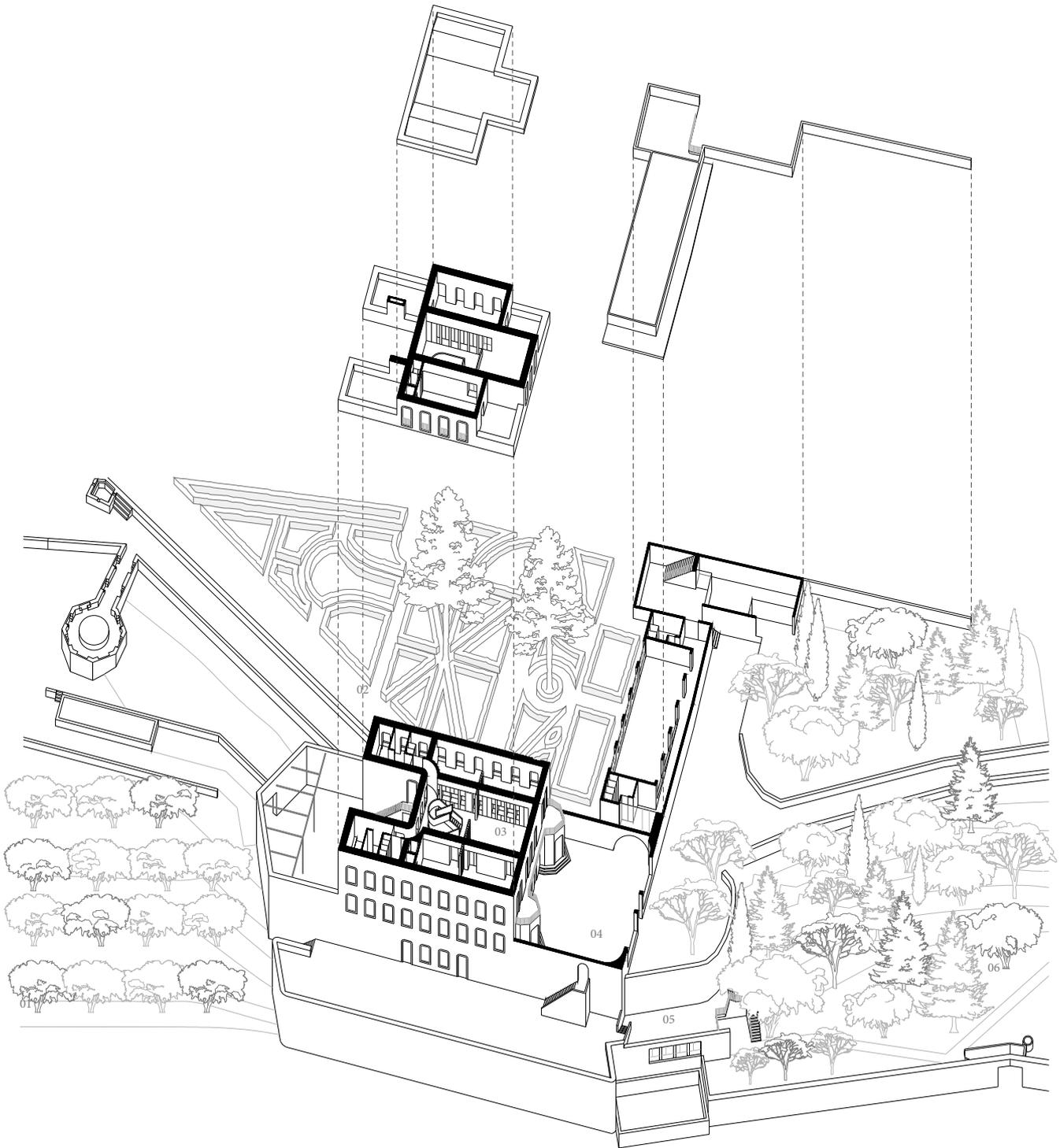




Por fim, de regresso a casa, visitou-se o Parque Pedras Salgadas.



### III - PROJETO



01. pomar

02. jardim de buxo

03. quinta

04. pátio de honra

05. casa de frescos

06. mata

O projeto de arquitetura a desenvolver localiza-se na Quinta da Graça, pertença do concelho de Oeiras e freguesia de Cruz Quebrada - Dafundo.

A intervenção surgiu no seguimento de uma proposta de grupo que visava a adaptação do Complexo Desportivo do Jamor a acolher os Jogos Olímpicos, dotando-o das condições necessárias à sua prática e admitindo que determinadas modalidades seriam deslocadas para outras zonas da cidade. A maior preocupação do projeto de grupo passou por aproveitar o evento para criar uma proposta que melhorasse a qualidade de vida no dia-a-dia de quem ali habita, ou de quem frequenta aqueles espaços, que na vez de responder apenas às exigências momentâneas do evento tornando mais tarde os equipamentos obsoletos, atingisse também um público alvo mais informal. Procurou-se com o evento desenvolver a cidade tentando integrar o Vale do Jamor na sua expansão, recorrendo ao redesenho da estação de comboios da Cruz Quebrada, a ativação da linha do eléctrico proveniente de Belém e também o prolongamento da linha de metro (com base numa proposta já existente) até à Cruz Quebrada permitindo uma ligação mais fluida ao aeroporto e uma ligação mais prática entre a linha de comboio de Cascais e de Sintra. As estações do metro relacionam-se com o Parque do Jamor, coincidindo com as entradas ao mesmo tornando mais dispersa a utilização do parque.

A dimensão de um evento como os Jogos Olímpicos impossibilita pensar o Jamor sem pensar a frente ribeirinha, aqui, a intervenção passou por restituir o carácter remanescente do local, voltando a criar uma relação franca com o rio Tejo. Para isto foi reposta a praia da Cruz Quebrada, foi criada uma piscina de saltos que após os jogos reverte como piscina oceânica e foi também introduzida a prática de canoagem no rio. O passeio marítimo foi prolongado e criou-se também habitação coletiva que durante os jogos serve os atletas no aterro existente em Algés, requalificando essa zona e colocando-a em diálogo com a frente ribeirinha até à Cruz Quebrada.

Para tornar possível este evento pensou-se se os equipamentos existentes no Complexo Desportivo do Jamor tinham as capacidades suficientes de resposta que um evento desta escala exige, assim como quais os desportos que deveriam permanecer no Jamor. Optou-se por manter os desportos já existentes dotando-os das condições necessárias à sua prática, tentando não descaracterizar o vale. Os campos de treino foram implantados ao longo do vale de forma a não causar um grande impacto, permitindo uma permeabilidade visual e dispersando a ocupação ao longo do mesmo. As bancadas do Estádio Nacional sofrem uma ampliação de maneira a permitir um maior número de espectadores, a piscina olímpica é redesenhada no mesmo local, o Centro de Alto Rendimento é aumentado para comportar com as exigências da prática de atletismo, passando dos atuais 60 metros para 200 metros e é criada uma arena de ténis de dimensão maior.

Com a premissa de com este evento contribuir para o desenvolvimento desta zona e melhorar as condições de vida dos cidadãos comuns que frequentam o Jamor é feita uma reabilitação da Faculdade de Motricidade Humana por tanto usufruir do Complexo Desportivo do Jamor e se encontrar com diversas problemáticas, identificadas quer pelos alunos quer pelos docentes. Ao reabilitar a Faculdade de Motricidade Humana torna-se fundamental intervir na Quinta da Graça por ser quem estabelece a mediação e a transição entre a faculdade e o vale, tendo sido também uma das problemáticas identificadas visto ser bastante frequente a transição entre ambos pelos alunos, que diariamente necessitam de utilizar as infra-estruturas do complexo desportivo. Por haver uma forte ligação entre a quinta e a faculdade (que lhe pertence), o programa proposto trata-se da criação de um polo específico do curso de dança, sendo que é o curso que mais carece de condições e ser um dos poucos cursos superiores de dança em Portugal, permitindo também a sua utilização por grupos de dança exteriores que pretendam utilizar os espaços da quinta. Na escolha do programa houve também a preocupação de manter uma proximidade com o carácter original da antiga quinta de recreio, o que, apesar de não ser o mesmo programa preserva o lado mais lúdico que também é característico de uma quinta de recreio. Paralelamente a isto existe também uma intenção da Câmara Municipal de Oeiras de criar na Quinta da Graça uma escola de dança/bailados após ter realizado um acordo com a faculdade no início de 2020.

Ao estudar a história da quinta neste ensaio, que atualmente se encontra numa fase de degradação profunda, percebeu-se que esse declínio se propiciou devido às sucessivas intervenções feitas na sua envolvente, levando a que uma grande parte do projeto se trate do seu redesenho. Aqui, aliadas às dificuldades na transição entre as diferentes cotas que separam a faculdade do vale, redesenhou-se a envolvente da quinta criando dois percursos pedonais, um no sentido transversal e outro no sentido longitudinal que para além de responderem às necessidades dos alunos e de resolverem as dissonâncias na envolvente da quinta se relacionam também com o programa proposto nesta intervenção.

Para resolver essas dissonâncias que tanto descaracterizam a Quinta da Graça retiraram-se os acrescentos feitos em seu redor, correspondentes a habitações clandestinas adoadas ao edifício da quinta, assim como junto do tanque principal, redesenhou-se a área a norte da quinta e trabalhou-se a arborização envolvente. Para isto a análise histórica tornou-se fundamental, uma vez que a pré-existência se trata de uma quinta de recreio, identificaram-se os elementos que a definem e caracterizam como tal, como é o caso da casa da quinta, do jardim de buxo, do pátio de honra e da mata. Ao reconhecer a carência de determinados elementos, como o pomar que ao longo do tempo sempre foi tão característico da quinta, e ao confrontar com as cartografias existentes, restituiu-se uma zona arborizada a norte do edifício, que re-interpreta a ideia do pomar que lá existiu, no sentido em que mantém a métrica rígida que o caracteriza e a escala das árvores, requalificando essa mesma zona que foi deturpada com a recente intervenção protagonizada pelo Complexo Desportivo do Jamor e paralelamente a isso trabalhando a relação que existe com o edifício do Centro de Alto Rendimento de Ténis.

Ao investigar o tema da quinta de recreio neste ensaio e confrontando com as cartografias existentes da Quinta da Graça, percebe-se que existe outro elemento em falta - a casa de frescos. No seguimento da procura de uma relação entre o programa proposto e os percursos pedonais desenhados, com o objetivo de criar uma relação franca com o tanque principal da quinta e requalificar essa zona, pensou-se criar uma cafetaria que re-interpreta a casa de frescos que a quinta nunca teve. A cafetaria, dada a sua localização próxima da quinta, pretende responder não só às necessidades da escola de dança assim como permitir a sua utilização por qualquer pessoa que frequente o Jamor, adoadada ao tanque principal, como acontece numa casa de frescos, procura transmitir as mesmas sensações através de um plano de vidro que recolhe e permite que este espaço seja exterior mas coberto mantendo a atmosfera acolhedora que caracteriza uma casa de frescos. O percurso pedonal que passa na cobertura da cafetaria, inicia-se na cota do vale, na quebra do muro do antigo convento, contém aí mesmo uma instalação sanitária pública que dada a proximidade responde às necessidades da cafetaria assim como de quem utiliza o Jamor, prossegue em direção à quinta, passando no platô artificial que olha sobre o vale, subindo até ao pátio de honra que com a altura dos muros nos fecha e confronta com o alçado da quinta e, por fim, segue em direção à Faculdade de Motricidade Humana.

É feita uma separação programática na escola de dança: na quinta localizam-se as áreas mais privadas que compõem a escola, nomeadamente os estúdios, as salas de aulas e de professores, enquanto que no volume novo se situam os espaços coletivos como a sala de estudo e sala de convívio.

Na quinta, foi feita uma re-interpretação do desenho original da planta, não no sentido literal por o programa não ser o mesmo e portanto as exigências espaciais serem diferentes, mas sim no modo como os espaços se organizam e no modo como são feitas as circulações pela mesma. Para evidenciar essa ideia de re-interpretação da planta original criaram-se duas paredes espessas que seguem o alinhamento das pré-existentes correspondendo a armários e cacifos. Esses dois planos, juntamente com o núcleo central criado pelas escadas e pela receção geram a matriz e a lógica interna da planta, (mantendo a lógica original da quinta) contrapondo-se às restantes paredes criadas por uma cortina, abrindo múltiplas possibilidades de utilização dos espaços sem comprometer a lógica estruturante de circulação e organização. A permeabilidade do piso térreo permite uma relação forte com o anfiteatro exterior criado no pátio tardoz da quinta, definido por uma pérgola que através dos seus perfis mantém a métrica das paredes dos galinheiros que ali existiam (conforme se pode ver na axonometria do projeto original, na página 29). As suas bancadas estabelecem também a transição entre as diferentes cotas que separam o nível da quinta do nível do “pomar”, criando uma fluidez ao longo do edifício que através de uma abertura no muro a norte se inicia no pátio de honra e termina no percurso que passa adjacente ao anfiteatro.

O primeiro piso da quinta, com uma entrada direta pelo jardim de buxo, re-interpreta o conceito do piso nobre. Para isto, é criada a “sala do piano” que apoia a prática das aulas de ballet, permite a ocorrência de espectáculos de dança e restitui o carácter original do piso. Os vários estúdios comunicam com a sala do piano através de duas portas que permitem fragmentar os espaços e ter aulas independentes, ou, criar uma permeabilidade e fluidez entre os estúdios vantajosa em situações de eventos. É reposto o desenho original da parede curva que faz os acessos aos balneários, secundarizando estes dois espaços, que de facto, dado o programa que contém são apenas espaços de apoio, fazendo com que os mesmos não participem na lógica da tipologia (à semelhança do que acontece no piso inferior, secularizando a copa e a sala de professores).

O segundo piso contém dois estúdios que tiram partido das varandas que são repostas para a prática de dança no exterior, ao chegar a este piso olha-se sobre a sala do piano através de um duplo pé direito, permitindo também que os estúdios comuniquem com a mesma devido a um vão que é desenhado.

No pátio de honra, é criada uma abertura de forma a criar uma relação mais franca entre a quinta, o edifício novo e o pátio que os media, permitindo também uma maior aproximação ao jardim de buxo. A forma em arco nega relacionar-se com os eixos envolventes, paradoxalmente mantém a reminiscência da abertura original e permite que em planta se mantenha o desenho geométrico do pátio.

O volume novo, correspondente aos espaços sociais, substitui um edifício construído em anexo à quinta que a comprometia e deturpava, num percurso de aproximação à quinta sobrepunha-se à mesma retirado-lhe todo o protagonismo que para além disso se encontrava descaracterizado no seguimento de uma intervenção recente. Contrariamente a isso, o edifício proposto procura respeitar o existente, diferenciando-se do mesmo mas de uma forma silenciosa e com uma presença anónima. Para isto, o corpo que corresponde à sala de estudo segue a cota do muro pré-existente que define o pátio de honra, tendo recuado uma diferença de cota que secundariza o volume criado e que no interior resulta numa definição e separação entre uma zona de circulação com um pé direito mais reduzido, e uma zona de permanência (sala de estudo) com um pé direito mais elevado, criando um vão horizontal que se vira para o jardim de buxo. A sala de convívio encontra-se encaixada no platô criado, que espelha a entrada da faculdade e cria um momento que olha sobre a quinta. É feito um prolongamento da sala de convívio para o exterior através de uma abertura que acede ao prolongamento da mata que é feito, requalificando uma zona que atualmente se encontra apropriada pelo carro. Os acessos, tanto do percurso público em direção à faculdade como os da entrada aos espaços sociais, são feitos por um pátio que sucede o platô, porticado, de modo a assinalar a transição da faculdade para a quinta.

Este novo volume dos espaços sociais é construído em betão desativado aparente, aqui, procurou-se ter uma materialidade que anunciasse e distinguisse facilmente a intervenção da pré-existência, mas que surgisse num processo de continuidade que se iniciou na construção da quinta, no sentido em que existe uma proximidade na textura e na imperfeição do acabamento entre o betão desativado e os muros antigos da quinta. No seu interior podemos encontrar três materiais, o reboco, a madeira de pinho nos pavimentos e a pedra lioz amaciada, bastante característica da cidade de Lisboa, nos pavimentos e nos lambris. Na quinta, para além destes anteriormente referidos podemos encontrar também, por exigência programática, linóleo num tom idêntico ao da madeira nos estúdios para uma prática das aulas de dança nas condições ideais. A calçada exterior na envolvente da quinta é reposta, em pedra de basalto, por ser a pedra original e a local, correspondente também à pedra dos inertes do betão desativado, criando uma maior coerência e uma procura maior do anonimato deste volume.

Foram também criados alguns lugares de estacionamento, dissuadidos na mata, quer pela arborização quer pela diferença de cota existente entre o estacionamento e a Estrada da Costa. Assim, apesar dos alunos disporem do estacionamento da faculdade, há também a possibilidade de em situações de eventos ou de grupos exteriores poderem estacionar junto da escola, sem que a presença do carro comprometa este local.



**Centro de Alto Rendimiento**

**Arena de Ténis**



**Estádio Nacional**

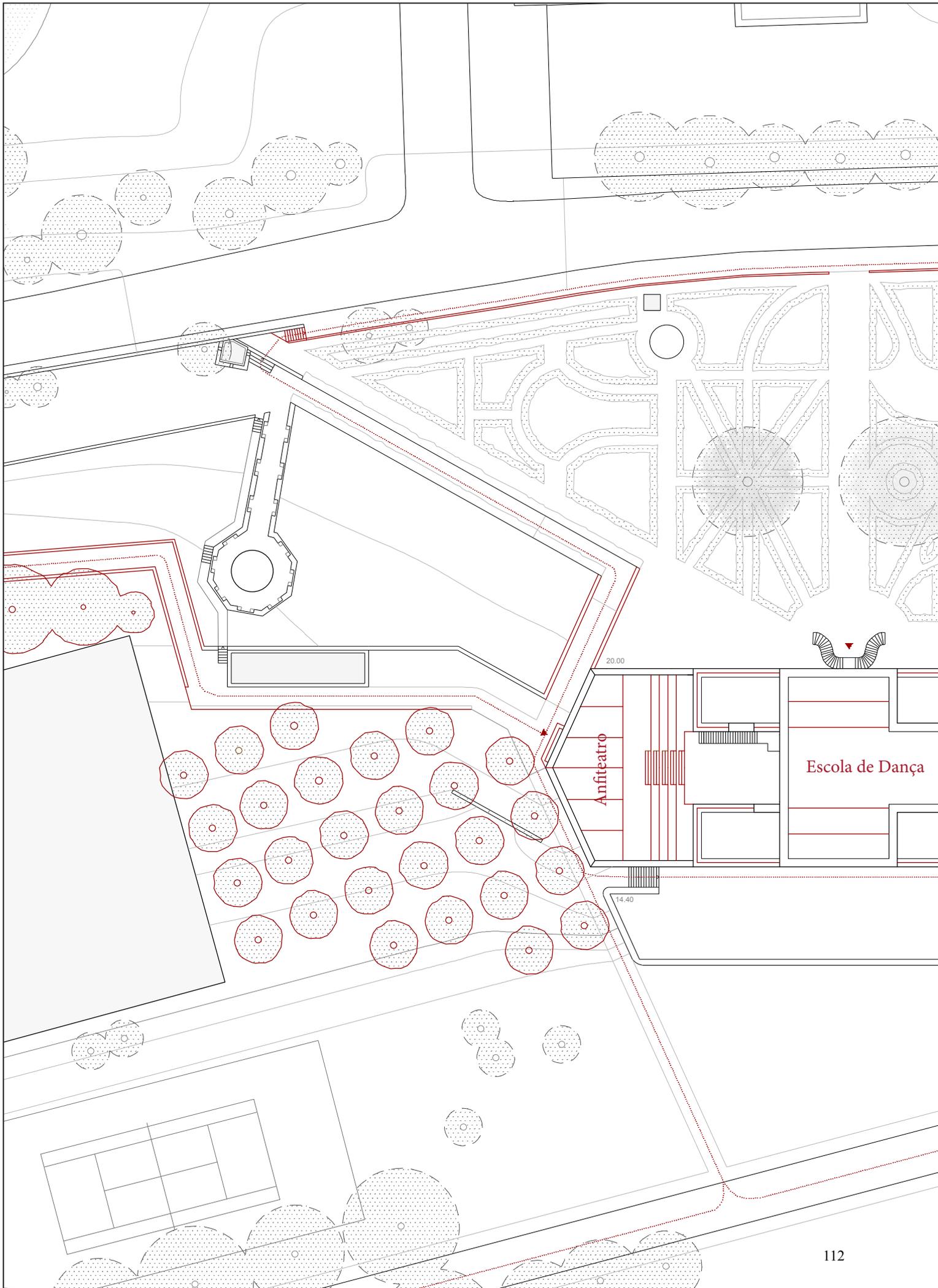
**Quinta da Graça**

**FMH**

**Piscinas Olímpicas**

**°Piscina de saltos**

**Apeadeiro do comboio**



Um dos volumes dos espaços sociais (sala de convívio), encontra-se encaixada no platô de recepção criado, espelhado do lado da faculdade. Os acessos, tanto os do percurso público de acesso à FMH como os de entrada aos espaços sociais, são feitos por um pátio que sucede o platô, porticado, de modo a assinalar a transição da faculdade para a quinta.

Paragem

Identificou-se a vermelho toda a intervenção protagonizada.

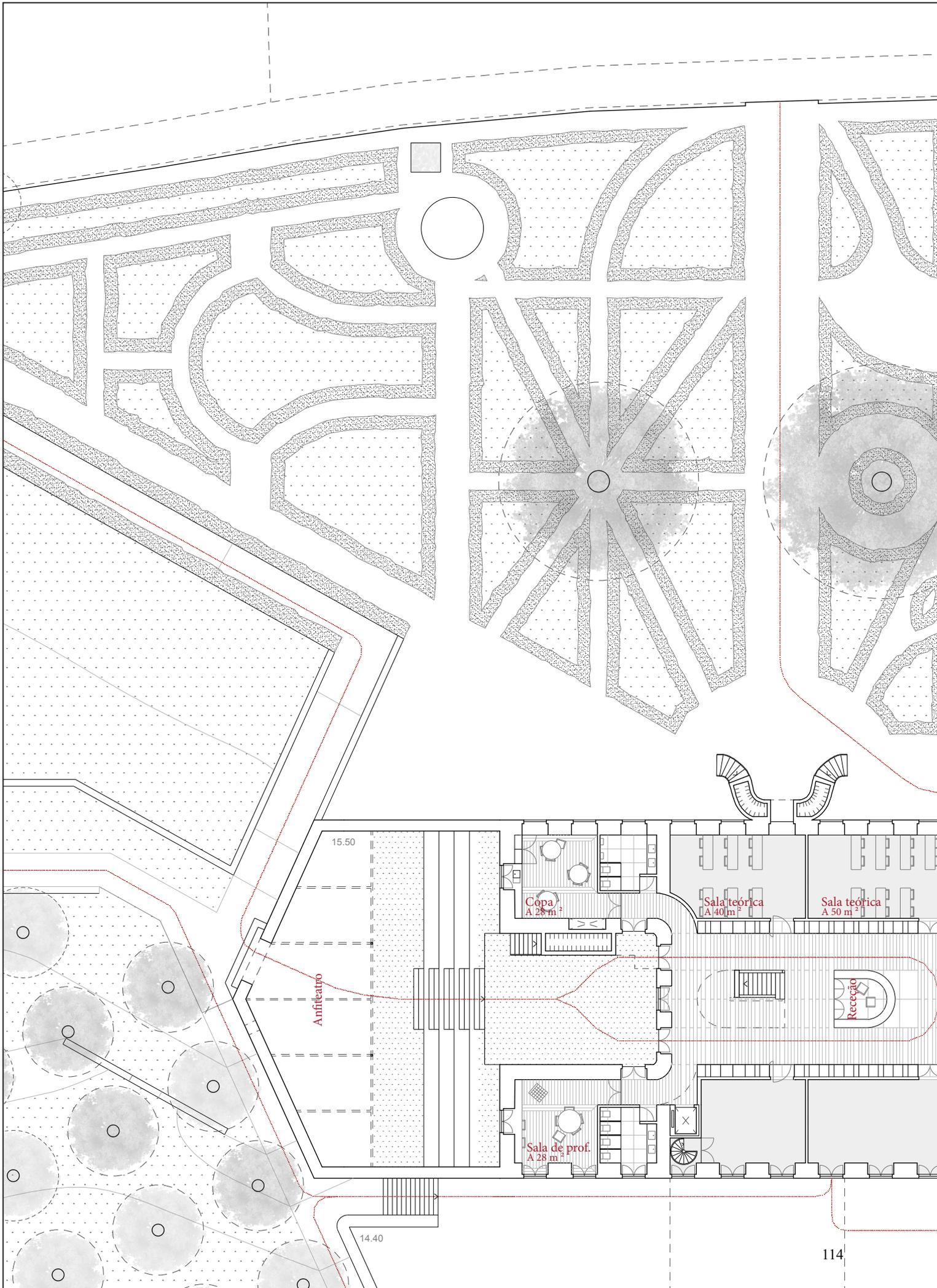
(planta à escala 1:500)

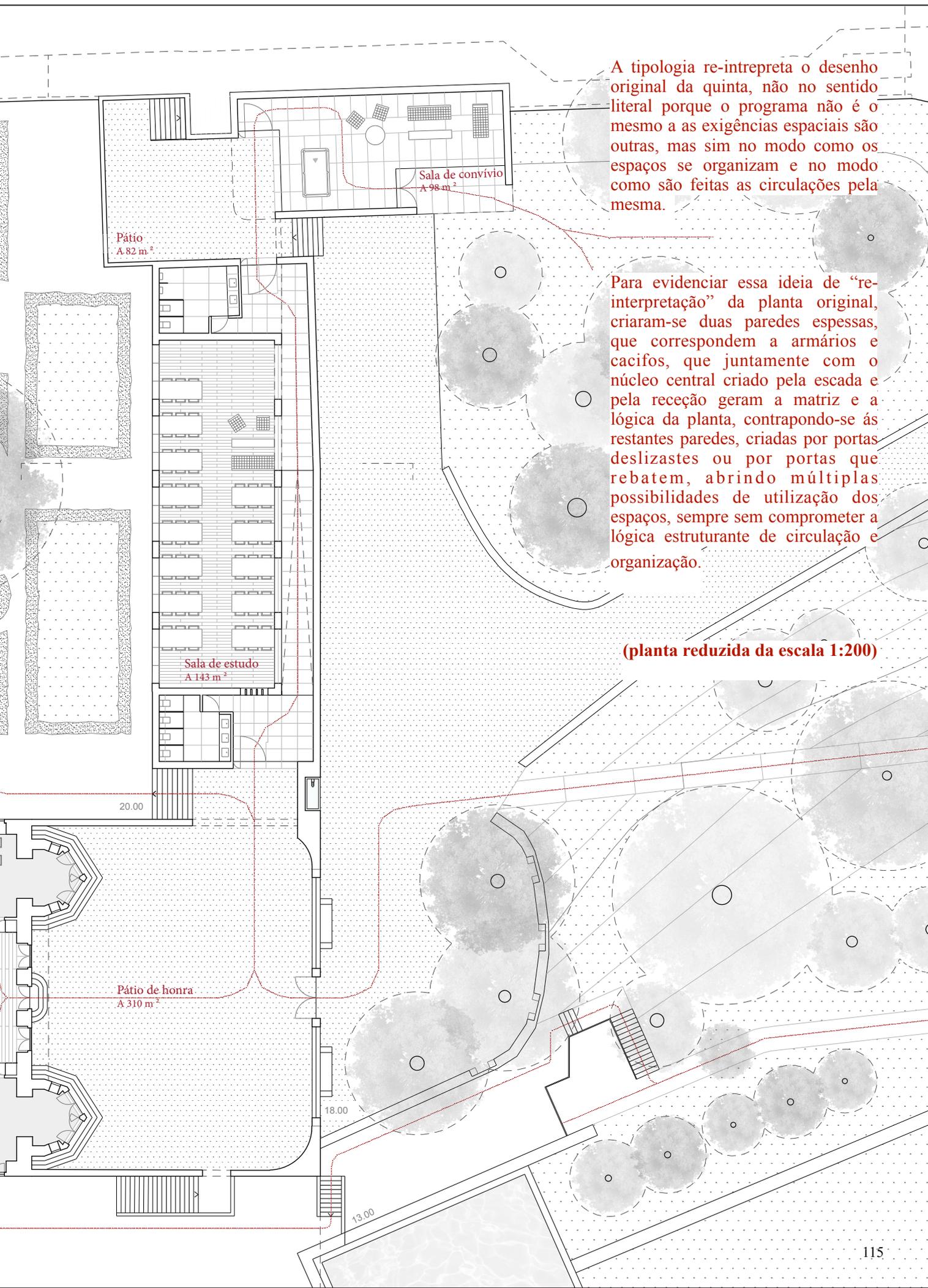
Espaços sociais

Cafeteria

I.S.

(planta das instalações sanitárias públicas)

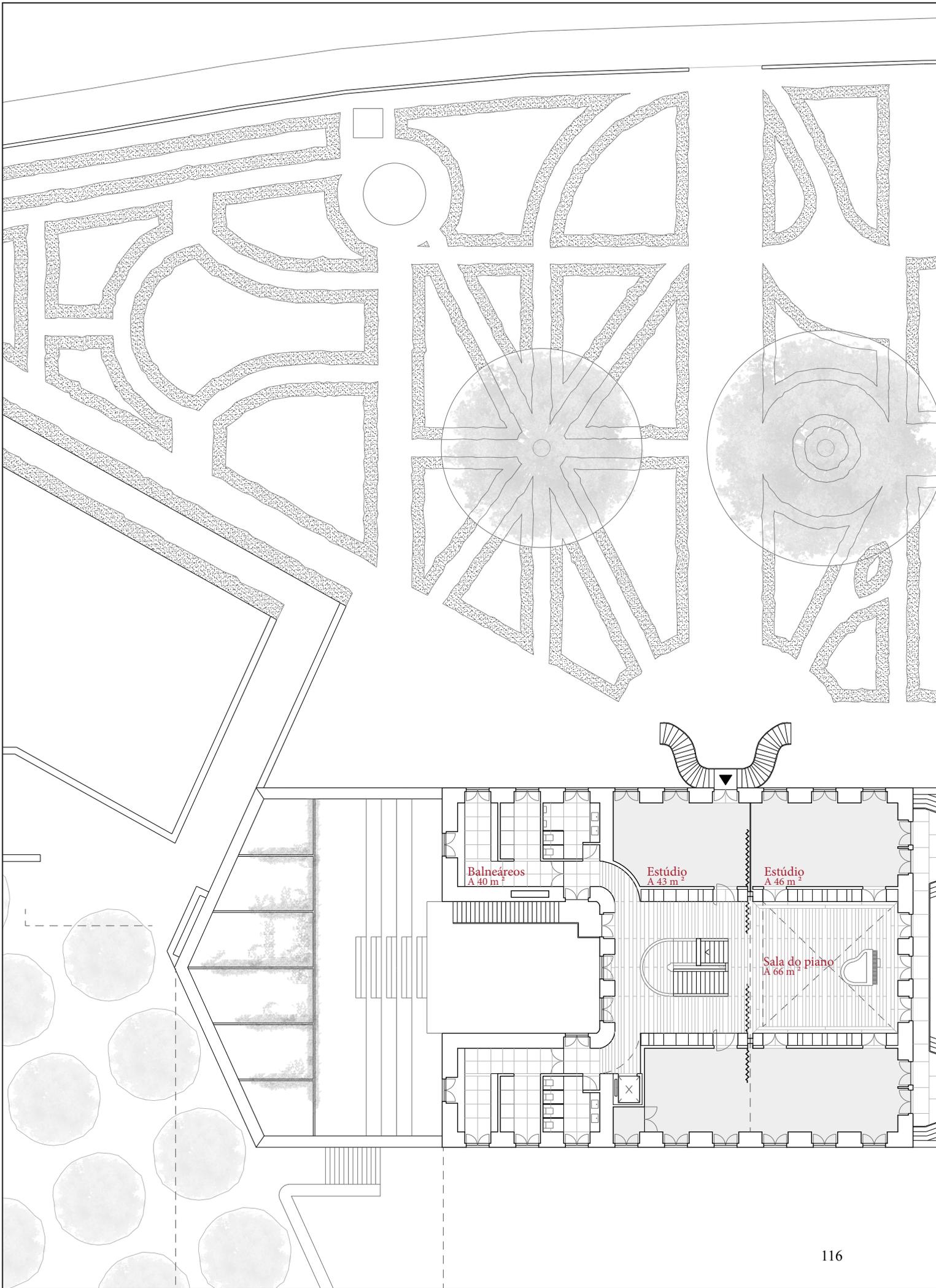




A tipologia re-intrepreta o desenho original da quinta, não no sentido literal porque o programa não é o mesmo a as exigências espaciais são outras, mas sim no modo como os espaços se organizam e no modo como são feitas as circulações pela mesma.

Para evidenciar essa ideia de “re-interpretção” da planta original, criaram-se duas paredes espessas, que correspondem a armários e cacifos, que juntamente com o núcleo central criado pela escada e pela recepção geram a matriz e a lógica da planta, contrapondo-se às restantes paredes, criadas por portas deslizastes ou por portas que rebatem, abrindo múltiplas possibilidades de utilização dos espaços, sempre sem comprometer a lógica estruturante de circulação e organização.

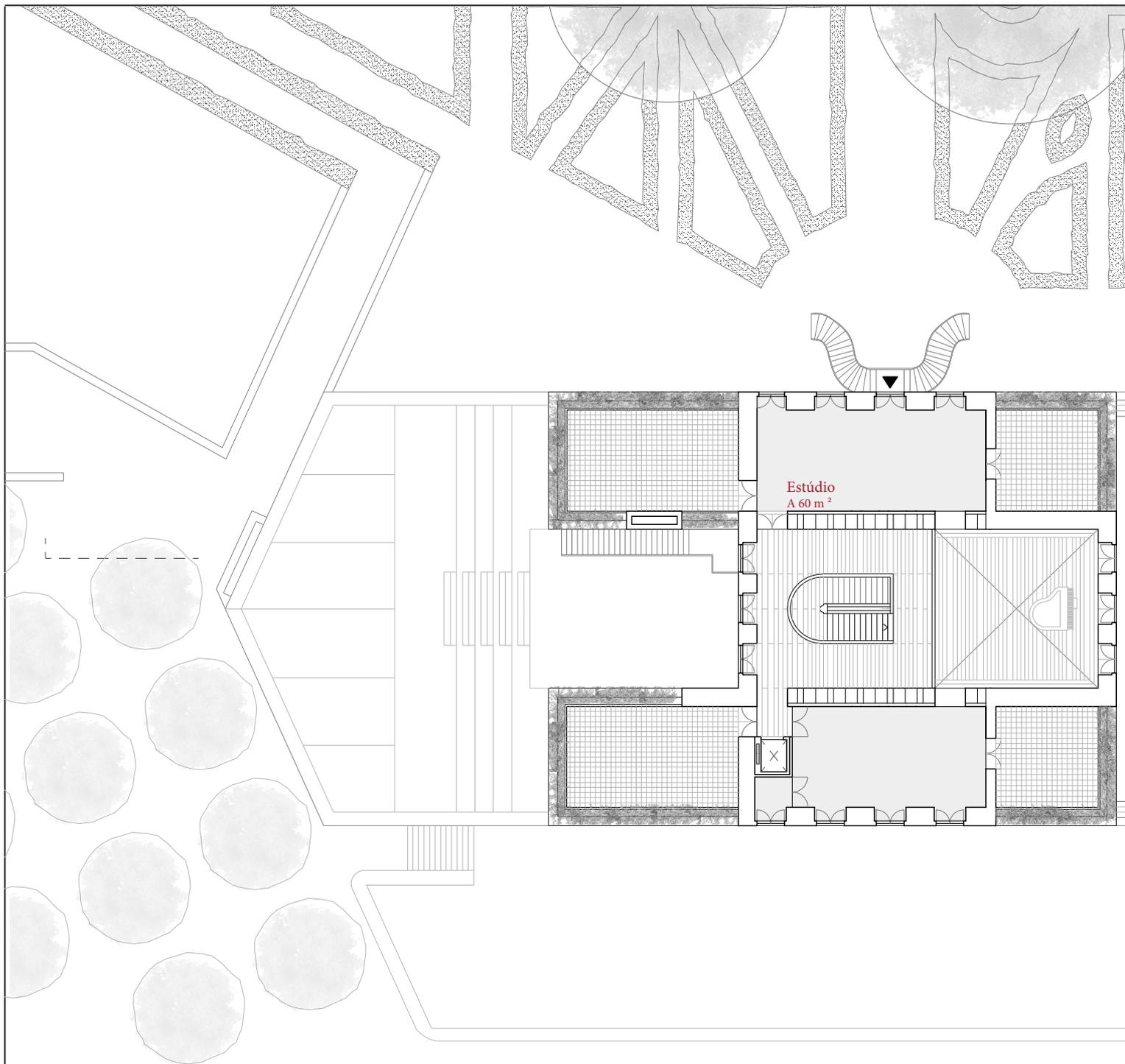
(planta reduzida da escala 1:200)

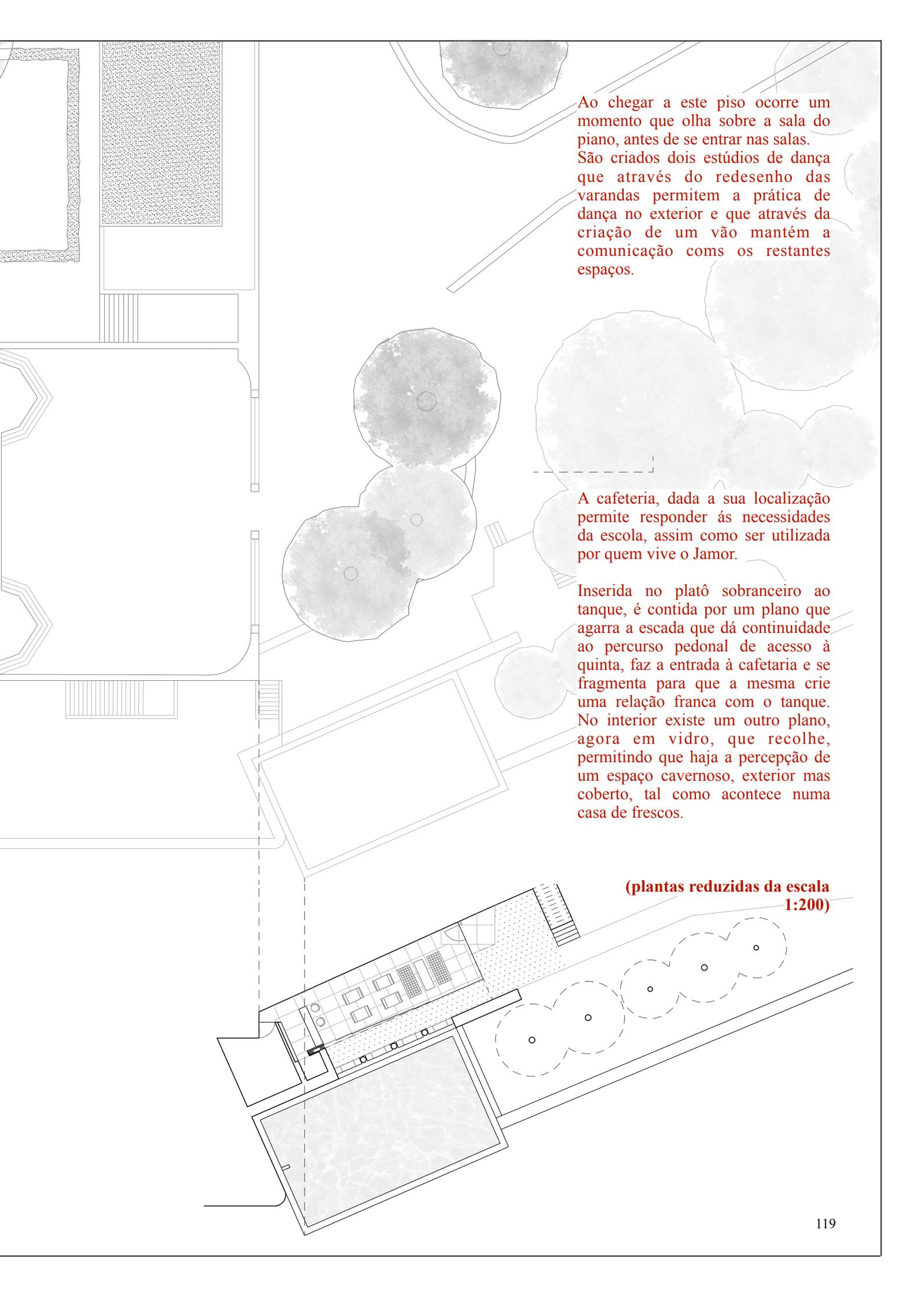


Os vários estúdios comunicam entre si, com a “sala do piano” através de um sistema de cortinas e de duas portas que permitem fragmentar os espaços, ou, pelo contrário, criar uma permeabilidade e fluidez entre eles vantajosa em situações de eventos.

(planta reduzida da escala 1:200)







Ao chegar a este piso ocorre um momento que olha sobre a sala do piano, antes de se entrar nas salas. São criados dois estúdios de dança que através do redesenho das varandas permitem a prática de dança no exterior e que através da criação de um vão mantém a comunicação com os restantes espaços.

A cafeteria, dada a sua localização permite responder às necessidades da escola, assim como ser utilizada por quem vive o Jamor.

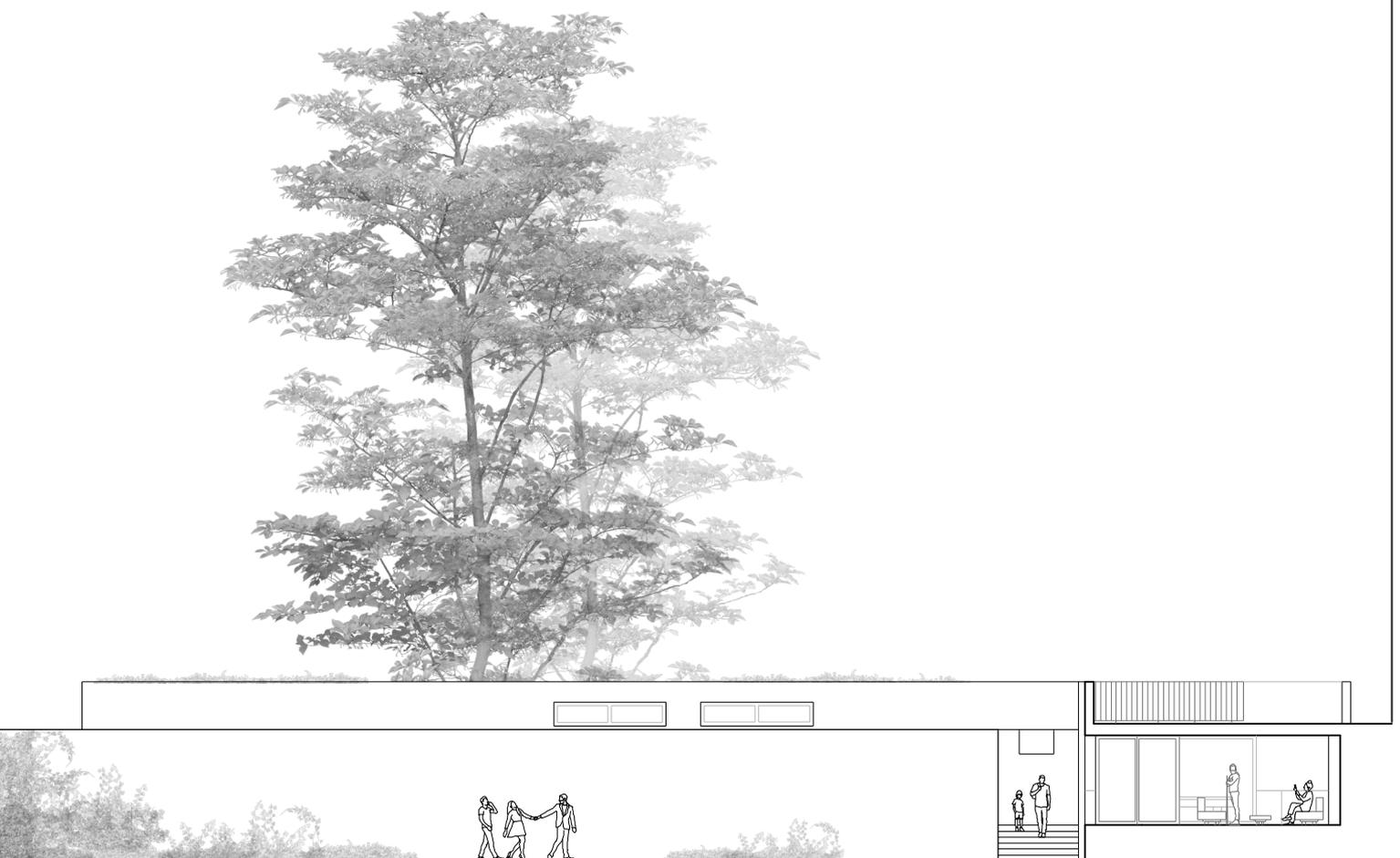
Inserida no platô sobranceiro ao tanque, é contida por um plano que agarra a escada que dá continuidade ao percurso pedonal de acesso à quinta, faz a entrada à cafeteria e se fragmenta para que a mesma crie uma relação franca com o tanque. No interior existe um outro plano, agora em vidro, que recolhe, permitindo que haja a percepção de um espaço cavernoso, exterior mas coberto, tal como acontece numa casa de frescos.

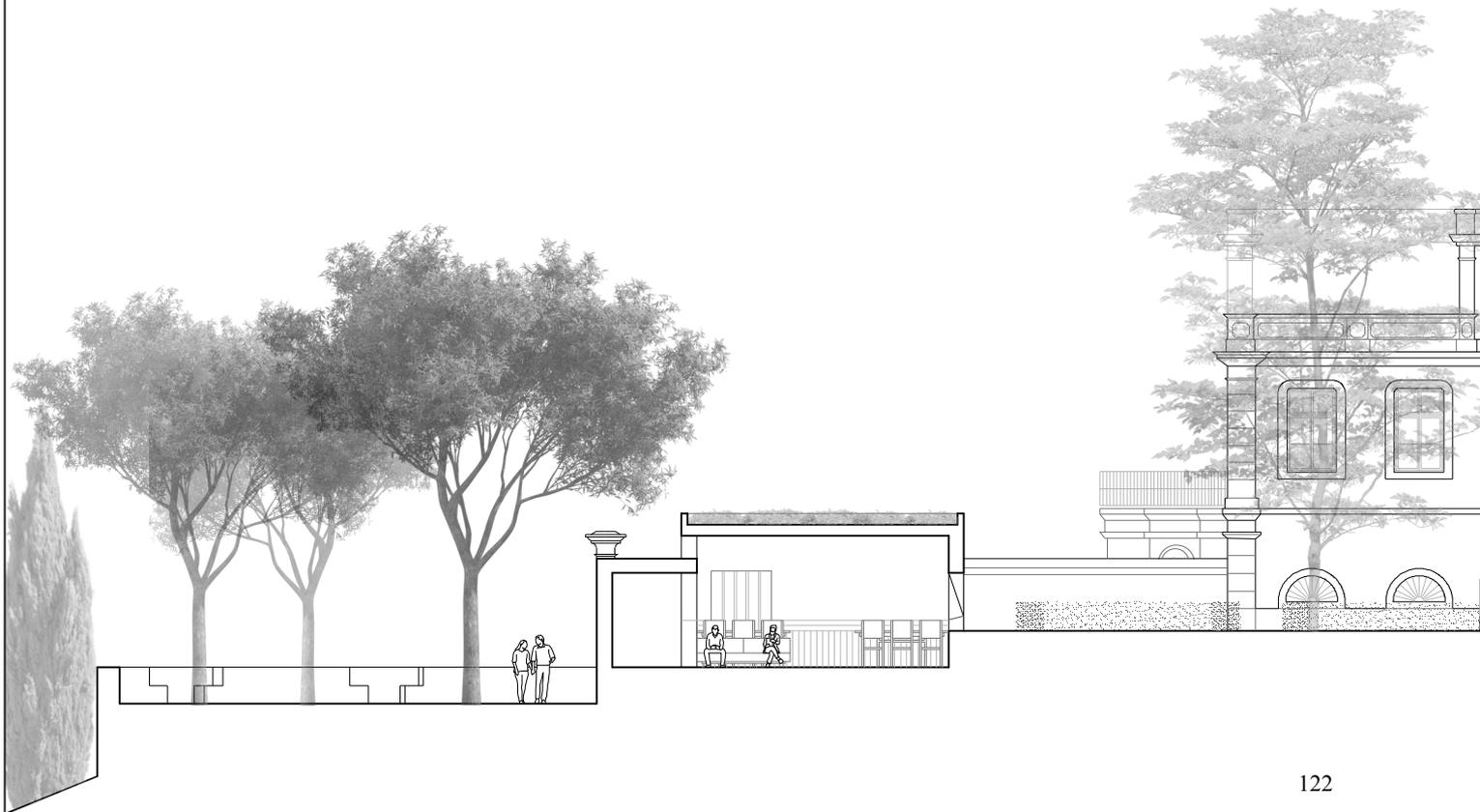
(plantas reduzidas da escala 1:200)



A fachada que confronta a rua a sul segue a cota do muro pré-existente que define o pátio de honra, tendo recuado uma diferença de cota que secundariza o volume criado e que no interior do edifício resulta numa definição e separação entre uma zona de circulação, com um pé direito mais reduzido, e a sala de estudo com um pé direito mais elevado relacionando-se com o jardim de buxo.

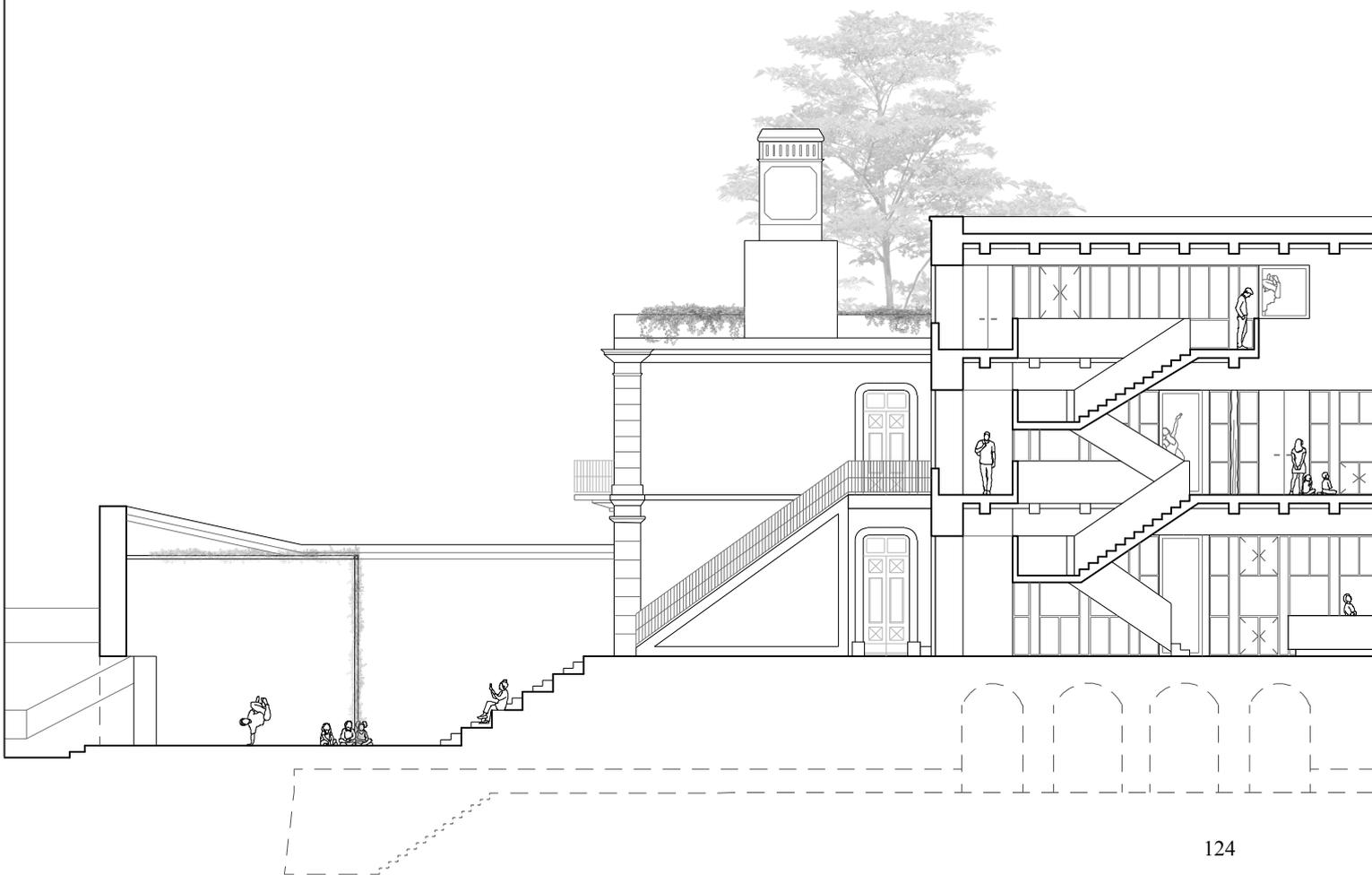
**(corte à escala 1:200)**



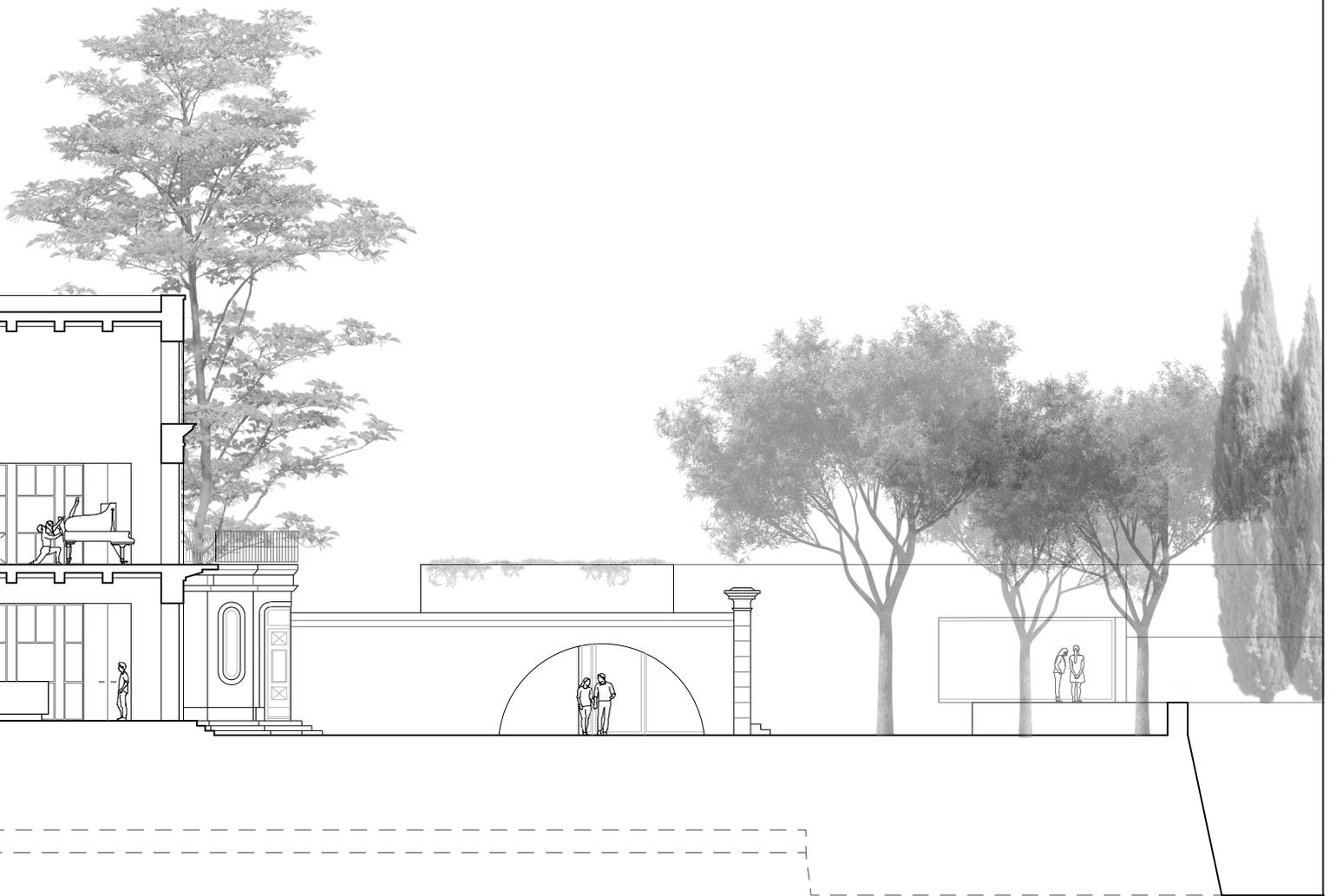


(corte à escala 1:200)





(corte à escala 1:200)





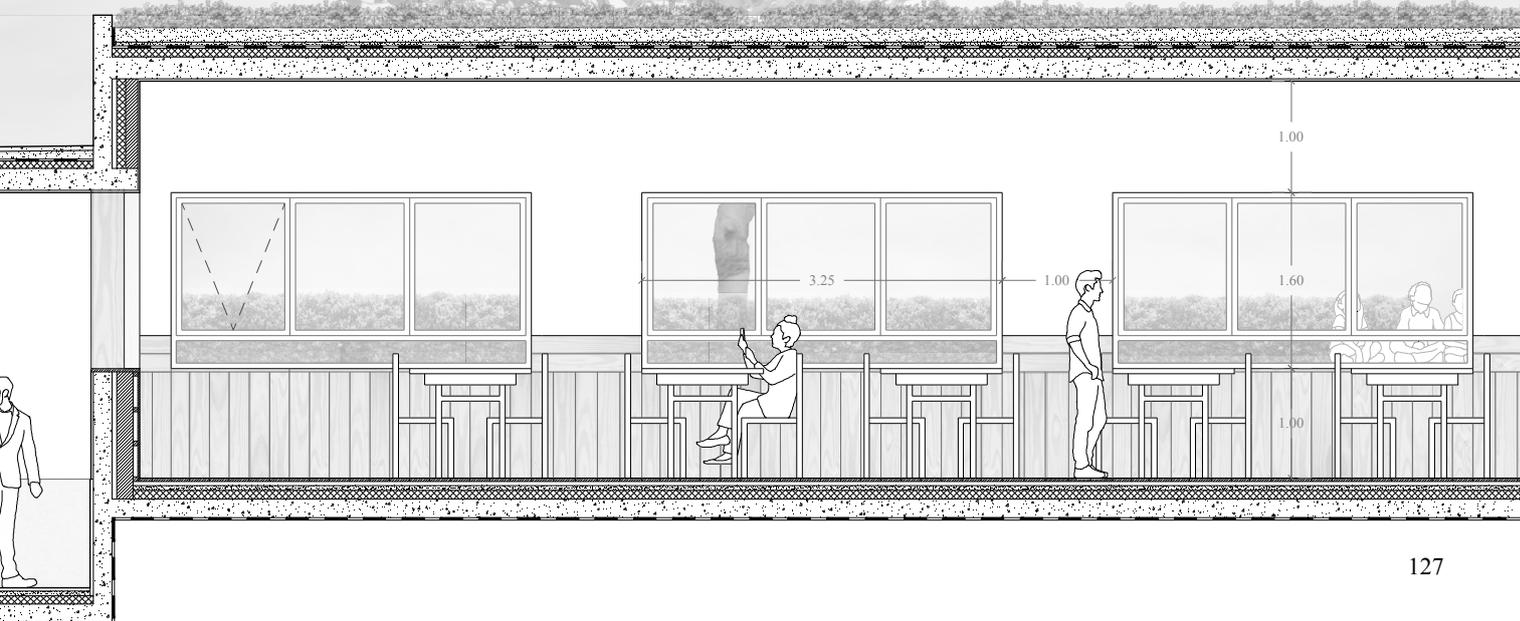
O corpo novo é constituído por uma parede dupla, com 17 cm de betão, 4 cm de caixa de ar, 8 cm de isolamento, 11 cm de tijolo e 2 de reboco, com um lambrim em torno do edifício.

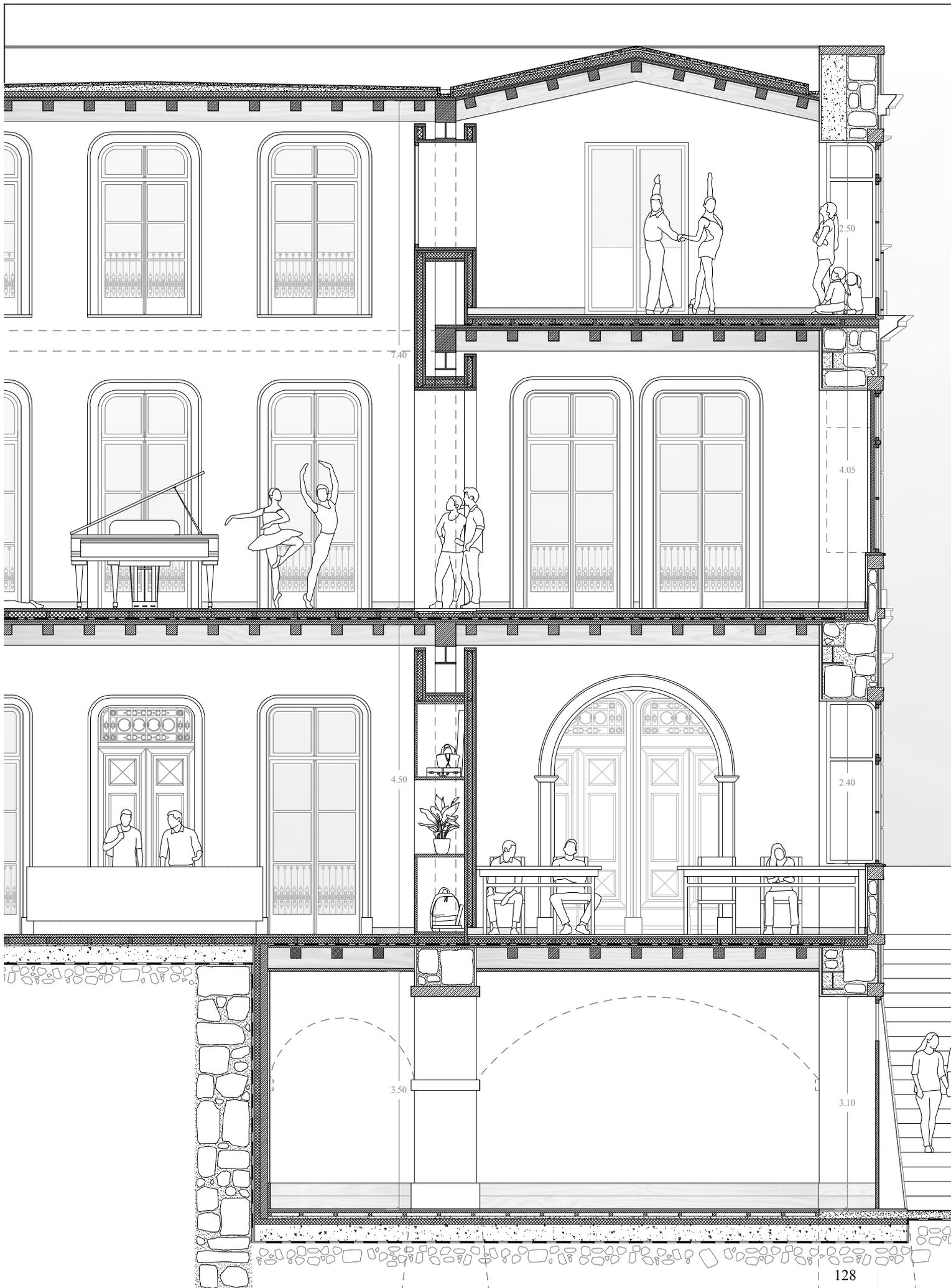
A cobertura ajardinada da sala de estudo atenua a presença de um quinto alçado neste lugar. Na perspectiva de um percurso de descida a partir da faculdade em direção à quinta, tem-se em vista este plano verde que sublinha a quinta e que prolonga o jardim de buxo.

No interior deste volume encontra-se três materiais de acabamento: o reboco; a pedra lioz amaciada (nos espaços de circulação e nas instalações sanitárias - com um lambrim); a madeira, que confere um maior conforto ao espaço de permanência que se vira para o jardim de buxo.

Através deste corte pode-se também ver a relação franca que existe entre este corpo e o pátio de honra da quinta, possível devido à abertura criada no muro, assim como a ligação ao jardim.

(corte reduzido da escala 1:50)





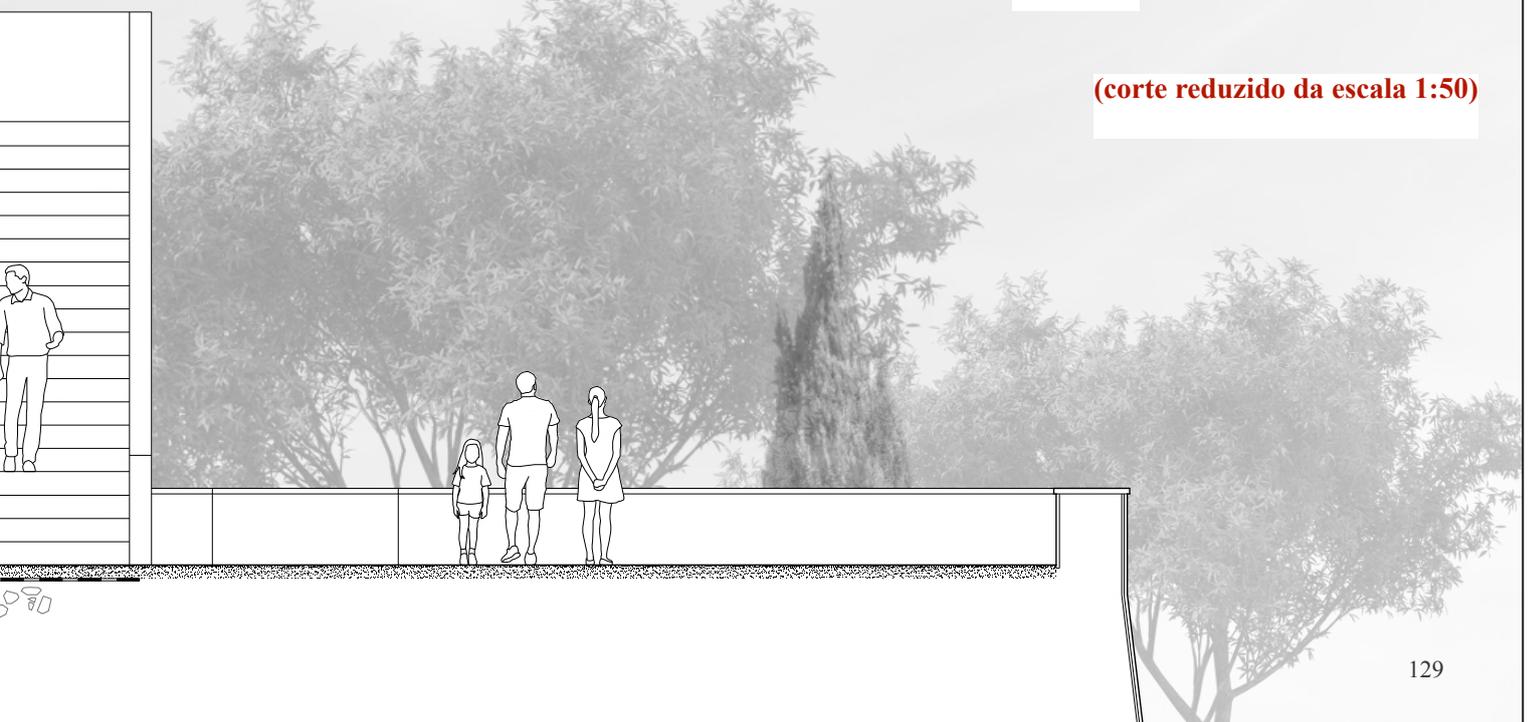
Os materiais de acabamento do interior da quinta são comuns aos do corpo novo - pedra lioz amaciada, soalho em tábuas de madeira de pinho, com a exceção do linóleo em tom creme que aqui surge nos estúdios de dança, para a prática das aulas com as devidas condições. Para conseguir fazer a superfície redonda do volume das escadas recorreu-se a um revestimento em folheado de madeira.

O sistema construtivo utilizado tem um acabamento em placas de gesso acartonado (com isolamento acústico no interior), por ser essencialmente em madeira re-interpreta o sistema construtivo que existia originalmente na quinta, com paredes em tabique.

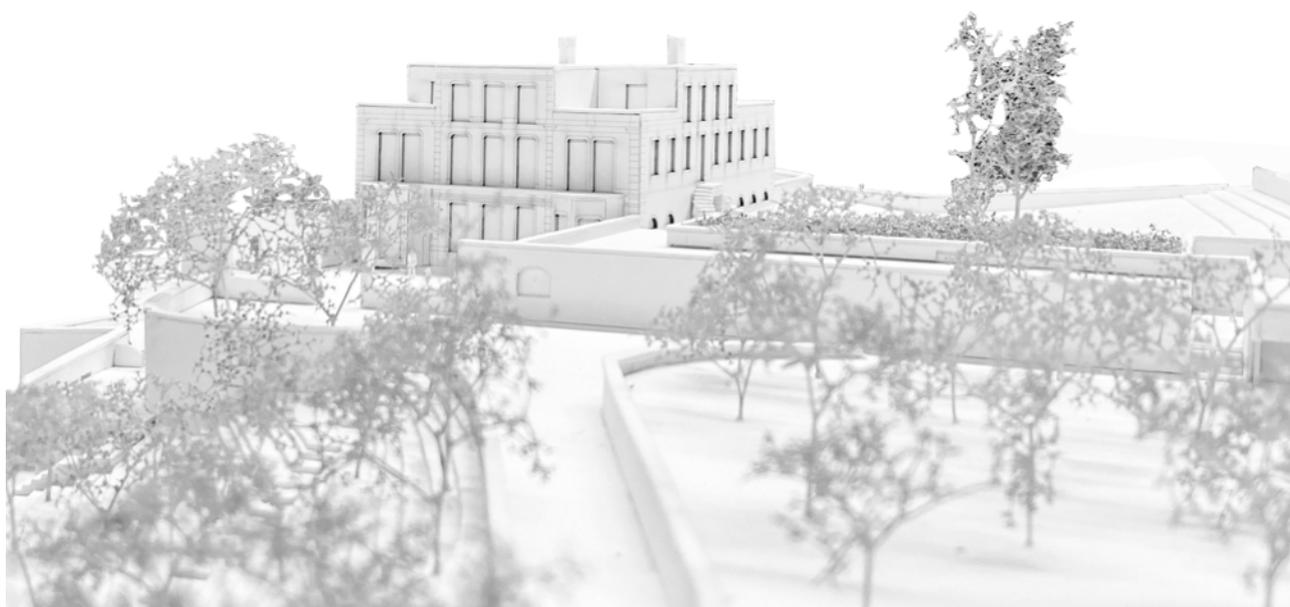
A cobertura da quinta é revestida a tijoleira, assim como as varandas do piso inferior.

Conforme se pode observar no corte a 1:50, a parede nova que separa as alas (revestida a espelho para os estúdios) aparentemente não toca na laje, o que permite ter iluminação através de uma sanca de luz. O mesmo acontece com o rodapé dessa mesma parede, criando a ilusão de uma parede espelhada e suspensa.

**(corte reduzido da escala 1:50)**



**Maquete à escala 1:200**



**Maquete à escala 1:200**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise histórica realizada, do estudo das políticas e conceitos inerentes ao tema da ruína e da pré-existência, também através da viagem realizada sobretudo pelo norte do país, foi possível apresentar o projeto de arquitetura na Quinta da Graça.

Com a análise histórica do Vale do Jamor identificaram-se os vários momentos que deste o século XVI caracterizaram o vale, desde as primeiras ocupações feitas pelas ordens religiosas até ao surgimento das quintas de recreio que atribuíram um carácter de veraneio ao Vale do Jamor, associado também à produção agrícola e por fim a introdução do Complexo Desportivo do Jamor que originou um redesenho do vale arrasando com algumas das quintas. Assim foi possível perceber que a Quinta da Graça é o resultado de todas estas épocas, caracterizando-a e refletindo-se naquilo que a quinta é atualmente. Elementos como cartografias e fotografias que chegaram até aos nossos dias foram importantes para perceber que após a expropriação da quinta foram feitas sucessivas intervenções na sua envolvente que a foram descaracterizando e retirando a posição de destaque que mantinha no vale através da sua implantação. A análise histórica revelou-se uma mais valia em algumas decisões de projeto, tendo influenciado o desenho da planta do edifício da quinta (que procura re-interpretar a original), a métrica da pérgola que define o anfiteatro e também o desenho da envolvente da escola, nomeadamente na arborização.

Também através de livros e de dissertações foi possível conhecer e compreender as diversas teorias acerca de intervenções em pré-existências abordando autores como Viollet-le-Duc e John Ruskin, assim como o tema da ruína, que desde cedo influenciou a obra de arquitetos e artistas de diversas áreas, como Giovanni Piranesi, Eduardo Souto de Moura, Erik Gunnar Asplund e Alvar Aalto. Mais tarde na viagem realizada ao norte de Portugal foi possível comprovar este interesse em torno do tema, muito evidente no Mosteiro de Santa Maria do Bouro do arquiteto Eduardo Souto de Moura.

A viagem comprovou a importância da observação própria e presencial de projetos, para a prática da arquitetura. Permitiu conhecer projetos de arquitetos com possível articulação com o projeto a desenvolver na Quinta da Graça - a reabilitação de uma pré-existência simultaneamente à construção de um corpo novo contemporâneo. Para além de bastante enriquecedora para a componente de projeto por permitir analisar com mais detalhe as intervenções dos arquitetos, também permitiu confrontar o estudo teórico acerca das intervenções em pré-existências com os projetos em causa, facilitando a compreensão da proximidade que vai entre a teoria e a prática. Ao visitar as obras em causa, observou-se a capacidade que um edifício secular, com um elevado valor histórico e arquitetónico, tem de se adaptar a novos usos bastante diferentes do original, assim como a capacidade desses mesmos edifícios em dialogar com intervenções contemporâneas, sem deturpar o seu carácter. Aqui está presente uma lição - não tornar todos os edifícios em museus apenas por conterem esse valor histórico e arquitetónico, visto que é possível que continuem a participar de forma ativa na vida da sociedade, adaptando-os a novos usos.

O projeto de arquitetura desenvolvido na Quinta da Graça aglutinou todo o conhecimento captado ao longo do ensaio teórico, demonstrando a importância do ensaio para o projeto a desenvolver e revelando a inerência que existe entre a prática de projeto e as análises teóricas, enriquecendo-se mutuamente. O conhecimento histórico daquele território facilitou a compreensão do que era original ou se tratava de uma intervenção posterior, ajudando também a compreender de que forma as intervenções feitas no século passado deturparam a quinta e finalmente ajudou a perceber de que forma se podia devolver a dignidade ao edifício principal.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARANTE, Bruno - **A estética da ruína como poética**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, EBA. 2013.
- ANDRÉ, Paula - **O olhar de Lúcio Costa para os telhados portugueses**. Revista Temporalidades, vol. 3, nº 1, (Jan. / Jul. 2011), P.19-34.
- ANCHER, Maria - **Memórias da Linha de Cascais**. Cascais: C.M.C, 2013.
- ANDRESEN, Teresa - **O Estádio Nacional, um paradigma da arquitetura do desporto e do lazer**. Oeiras: C.M.O. 2007.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira - **Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal.(1256-1834)**. Centro de Estudos de História Religiosa, 2011.
- BANDEIRINHA, José António - **Fernando Távora, Modernidade Permanente**. Porto: Casa da Arquitetura, 2019.
- CALDAS, João Vieira - **A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII**. Porto: FAUP, 1999.
- CARENA, Carlo - **Ruína-Restauo**. Enciclopedia Einaudi. Lisboa: INCM - Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. P. 129
- CHOAY, Françoise - **As Questões do Património - Antologia para um Combate**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- COSTA, Alexandre Alves – **A Arte de Construir a Transformação**. “Estudos/Património”. Lisboa: IPPAR. N.º 3, 2002. P.127
- CRISPIM, Mário Núncio - **Retratos de Oeiras**. Oeiras: DAS, 1994.
- CURTIS, William J. R. – **Memória e Criação: O Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição**. José António Bandeirinhas, editor literário – Fernando Távora, Modernidade Permanente. Porto: Casa da Arquitetura. 2012
- DESPORTOS, Direção Geral dos - **Complexo Desportivo do Jamor**. 1992.
- DIAS, Marina Tavares - **Lisboa Desaparecida**. Vol 5.Quimera, 1996.
- DILLON, Brian - **Ruin Lust**. London: Tate Britain, 2014.
- DINIZ, Pedro - **Das Ordens Religiosas em Portugal**. Lisboa: Typographia de J. J. A. Silva, 1853.
- FIGUEIRA, Francisco da Silva (Padre) - **Os Primeiros Trabalhos Literários**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1865.
- FREITAS, Emanuel de Ornelas. **Visões e Revisões do Património**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCTE-IUL, 2016.
- GIL, Guilherme - **Intervenção em património**. Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC, 2011.
- GOMES, Levy Nunes - **Cruz Quebrada-Dafundo**. Oeiras: C.M.O, 2006.
- GRAÇA, João Luís Carrilho da - **A Arquitectura, in Pousada Flor da Rosa**. Elvas: ENATUR: Empresa Nacional de Turismo, S.A. 2001.
- LAURAJANE, Smith - **Uses of Heritage**. London: Routledge, 2006.

- LEITÃO, Daniela Filipa - **Construir no Construído, a ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2016.
- LEITE, Ana Cristina – Alegorias do Mundo: a arte dos jardins. Paulo Pereira, editor literário – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores (1995) Vol. 3.
- LOURENÇO, Natacha - **Requalificar e Reabilitar a Quinta da Graça: Entre o Rio e a Ruína**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUL, 2019.
- LUÍS, Nádía. **Refuncionalização da Arquitetura, Abordagens Patrimoniais na Cidade**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCTE-IUL, 2016.
- MARTINS, António - **Reabilitação da Quinta da Graça para “Hotel de Charme”**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUL, 2010.
- MONTEIRO, Gilberto - **O Sítio da Cruz Quebrada**. Nótulas de Micro-História, sep. O Fermento, Lisboa: 1964.
- MOREIRA, Bruno - **Forma e Estrutura na obra de Eduardo Souto de Moura**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2007.
- MOURA, Eduardo Souto de, “**Ambição à Obra Anónima**, numa conversa com Eduardo Souto de Moura”. Luiz Trigueiros, Lisboa: Editorial BLAU, 2000.
- MOURA; Eduardo Souto de, “**Reconversão do Mercado Municipal de Braga**”.
- OEIRAS, Câmara municipal - **Plano de Salvaguarda do Património Construído e Ambiental do Concelho de Oeiras**. Oeiras: C.M.O, 1999.
- PEREIRA, Melissa - **Construir no Construído**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUL, 2016.
- PONTES, António; VARELA, João - **Reconversão de uma ruína no Gerês**. Évora: UE, 2013.
- PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo de - **Memórias Paroquiais de Lisboa em 1758**. Lisboa: C.M.L, 1974.
- PHILIPPOT, Paul, Philosophy - **Criteria, Guidelines in Proceedings of the North American International Conference**. Pennsylvania, 1972.
- RUSKIN, John. The Lamp of Memory in **The Seven Lamps Of Architecture**. Kent: George Allen, 1880.
- RUSSO, Ricardo - **O Património Arquitetónico Como Viagem no Tempo**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUL, 2018.
- SANTANA, Maria - **As preexistências na obras de Eduardo Souto de Moura: o Mercado Municipal de Braga**. Dissertação de Mestrado, Porto: FAUP, 2013.
- SANTOS, Soraia - **A Reabilitação como Processo de Adição e Estratificação Contínua**. Dissertação de Mestrado, Matosinhos: ESAD, 2015.
- SOUSA, Isabel - **Intervir no património**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2013.
- TRIGUIEROS, Luiz - **Eduardo Souto de Moura**. Lisboa: Editorial BLAU, 2000.
- USTÁRROZ, Alberto - **La lección de las Ruínas**. Barcelona: Fund. caja de arquitectos. 1997.
- VAZ, Raquel - **Património: Intervir ou Interferir?**. Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC, 2009.
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène - **Restauroação**. Granja Viana: Ateliê, 2013.

### Enunciado

#### Projecto Final de Arquitectura 2019/2020 - Turma 1

Os principais eventos desportivos internacionais têm vindo a estreitar a sua realização a cada vez menos palcos e países do Mundo, em consequência dos grandes investimentos que implicam, dificilmente ao alcance de países de menor recursos e dimensão. Se, por um lado, os Jogos Olímpicos têm aumentado o seu número de modalidades e atletas, nas competições de futebol as fases finais têm aumentado sucessivamente o número de participantes: em 1978, os Mundiais de Futebol tinham somente 16 participantes, tendo esse número dobrado até aos actuais 32, e o campeonato do Mundo de 2026, que terá lugar no Canadá, Estados Unidos da América e México terá 48 equipas. O Euro de Futebol, que em 1992 tinha apenas 8 participantes, subiu ao seu triplo actual!

Resultados desses incrementos são: a virtual falta de competitividade e relevância das respectivas fases de apuramento, que passam a formalidades onde equipas de alta- competição se confrontam com micro-estados – e a redução do número de países capazes de suportar semelhante investimento. Não por acaso, os Estados Unidos receberam em 1928 (dois anos depois do Mundial de Futebol de 1926) os seus quintos jogos olímpicos, no Memorial Coliseum de Los Angeles, que se tornará o primeiro estádio a receber três Jogos Olímpicos na história. Berlim recebeu a final do Mundial de 2006, no mesmo estádio olímpico que em 1936 ficou célebre (também) por razões controversas de ordem política, enquanto na Alemanha – dividida, após a 2ª Guerra Mundial – houve lugar ainda às Olimpíadas de 1972 (conhecidas por razões ainda piores), no mesmo estádio de Munique onde, dois anos depois, se jogou a final do Mundial de 1974, e em 1988 a final do Euro.

Paris receberá novamente, em 2024, os Jogos Olímpicos, desta feita no mesmo Stade de France onde teve lugar a final do Mundial de Futebol de 1998, e em que Portugal venceu o Euro 2016. A capital francesa já havia recebido, em 1938, a final do Mundial, no Stade de Colombes - onde, em 1924, haviam decorrido os segundos jogos olímpicos parisienses – tendo a cidade sido palco, por mais duas vezes, da final de um Europeu de Futebol, no Estádio dos Príncipes (para além da terceira vez, de 2016). Londres já teve três Jogos Olímpicos, o segundo dos quais teve por palco o Estádio de Wembley, que em 1966 recebeu uma final de um Mundial de Futebol e 30 anos depois a final de um Europeu de futebol.

Nos processos por detrás da escolha dos locais para estas competições, repetem-se casos de suborno juntos das entidades regionais e nacionais, abrindo lugar à sua realização em cleptocracias como a Rússia - onde ocorreu o Campeonato Mundial de Futebol de 2018 -, ou à inexplicável escolha do Qatar como palco dessa competição, que obrigará à realização dessa prova, pela primeira vez, no fim do ano civil, entre 21 de novembro e 18 de dezembro. O Qatar é um estado absolutista e hereditário, com a área de 11.437 km<sup>2</sup> (ligeiramente maior que o Distrito de Beja) onde os direitos humanos são desrespeitados. A população qatari não alcança 2 milhões de habitantes: número muito aquém do total de ingressos para as partidas dessa prova que irão decorrer nesse emirato, nos 6 novos estádios especialmente construídos, a que se somarão 2 reformulados. O arquitecto alemão Albert Speer (filho do arquitecto nazi do mesmo nome, autor do parque olímpico de Berlim de 1936, que seria Ministro do Armamento da Alemanha durante a maior parte da 2ª Guerra Mundial) esteve envolvido no projecto de candidatura, tendo um estádio sido projectado por Norman Foster e outro por Zaha Hadid - exercício ainda modesto, quando comparado com os 8 estádios construídos, e os 2 profundamente remodelados (quando o caderno de encargos da UEFA só exigia 8) do Euro 2004 em Portugal, para uma prova com metade das equipas.

Os Jogos Olímpicos de Lisboa 2020 teria os seus Jogos Olímpicos realizados em Tóquio. A capital do Japão fora seleccionada para receber os jogos de 1940 - que teriam chegado a constar que poderiam ser em Lisboa (André Cruz, p.44) – mas a 2ª Guerra Mundial impediu a sua concretização, que seria finalmente realização em 1964, na primeira vez em que a competição se realizou pela primeira vez em solo asiático. O mesmo país recebeu – agora, em parceria com a Coreia do Sul – parte dos confrontos do Mundial de Futebol de 2002 incluindo a respectiva final. Porém, uma sensibilidade surpreendente para com os direitos dos mais pequenos desenvolveu-se no Comité Olímpico Internacional, que em volte-face preferiu que a prova se realizasse na capital mais ocidental da Europa.

Alguns dos principais núcleos de provas serão: o Pavilhão Atlântico, na Expo, para as provas de desportos colectivos; os estádios do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal, para os desportos colectivos ao ar livre; o cais da antiga Docapesca, em Algés, e a marina de Cascais, para as provas de vela; uma nova infraestrutura desportiva para a prática do remo, no esteiro da Lançada (Montijo). O epicentro da prova, contudo, estará no Vale do Jamor: onde chegou a constar que os Jogos Olímpicos de 1940 (André Cruz, p.44).

O Centro Desportivo Nacional do Jamor (CDNJ) será objecto de um plano de intervenção alargado, incluindo a adaptação dos circuitos rodoviários e pedonais. Será realizado um apeadeiro terminal ferroviário que, por retoma do antigo ramal realizado aquando da construção do estádio, no começo dos anos '40, permita receber composições chegadas do Cais do Sodré. A estação ferroviária da Cruz Quebrada será também remodelada.

O Estádio Nacional terá uma ampliação dos 37.593 lugares actuais para 57.000 lugares, eventualmente recorrendo a sistemas reversíveis. Receberá uma nova piscina olímpica, onde decorrerão as provas de natação, natação sincronizada, polo aquático e ginástica aquática, com tanque de saltos adjacente, a localizar nos terrenos da antiga fábrica da Lusalite, de frente para o Tejo.

A “Cidade do Futebol” será deslocalizada para outro lugar, sendo os seus terrenos ocupados com um refeitório, executado em sistema construtivo que permita a sua desmontagem parcial após a realização das provas, durante as quais estará aberto 24 horas/dia, com capacidade para servir 1800 refeições diárias. Será realizado um novo parque de estacionamento na sua adjacência.

Deverá prever-se alojamento residencial de 1000 atletas de natação, natação sincronizada, polo aquático e mergulho, em edifícios de apartamentos a realizar nos terrenos da antiga fábrica de fermentos holandeses (junto da fábrica da Lusalite), os quais deverão reverter para venda no mercado imobiliário, com uma população residente de sensivelmente 60% desse número, após os Jogos Olímpicos.

Por fim, tendo em vista o futuro do Estádio Nacional, deverá proceder-se a:

- Projecto de pavilhão polidesportivo dotado de bancada(s) para 1000 lugares, balneários e instalações separados por sexo, gabinete de administração e armazém de material desportivo.
- Reabilitação da Quinta da Graça, na estrada da Costa, com programa a colocar pelo CDNJ, como seja a sede do IPDJ e/ou Centro de Medicina Desportiva – que durante os jogos olímpicos funcionaria como centro médico da competição – e/ou Museu do Desporto.
- Projecto de reabilitação da Quinta das Biscoiteiras, na estrada do mesmo nome, para aumento do alojamento do Centro de Estágios do Centro Desportivo Nacional do Jamor, em fogos de tipologia T1 e T2, dotados de uma instalação sanitária e uma pequena cozinha.
- Projecto de reabilitação da Quinta do Balteiro, junto ao Rio Jamor, como edifício de apoio a transeuntes do Eixo-Verde-Azul, actualmente em realização. Restaurante/snack-bar, com esplanada exterior; instalações sanitárias e balneários de apoio à pista de “cross-country”.

Trabalho de Grupo - Os estudantes dividir-se-ão em 2 grupo de 5 a 6 estudantes, os quais, numa primeira fase, confrontarão o programa com o contexto, através de recolha de informação gráfica de vários tipos, e investigação sobre fontes escritas relativas ao Vale do Jamor e sua transformação, o seu edificado, as actividades desportivas que deverá receber nos Jogos Olímpicos de 2020, etc. Nomeadamente, deverão articular os sistemas de acesso e circulação no Centro Desportivo Nacional do Jamor, por via rodoviária (incluindo áreas de estacionamento), ferroviária (incluindo localização e disposição do apeadeiro do estádio e da estação da Cruz Quebrada) e pedonal – no que deverá apoiar-se no Eixo Verde-Azul, que acompanha o curso do Rio Jamor, facilitando a permeabilidade de acessos interior-litoral às populações a montante, adjacentes ao Vale do Jamor, e facilitando a fruição dos terrenos do Estádio Nacional.

Optou-se por colocar em anexo mais fotografias da Quinta da Graça tiradas pelo autor.









Por a Quinta da Graça se encontrar fechada não foi possível aceder ao seu interior, contudo, houve o auxílio de algumas fotografias tiradas pelo António Martins, que em 2010 realizou a dissertação *Reabilitação da Quinta da Graça para “Hotel de Charme”*<sup>80</sup> e que na altura conseguiu aceder ao seu interior. Seguem-se as fotografias:



<sup>80</sup> MARTINS, António - **Reabilitação da Quinta da Graça para “Hotel de Charme”**. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FAUL, 2010.

